Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sábado, 21 de Setembro de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.560 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **2€**



Gulbenkian
A arte de Leonor Antunes na grande festa de reabertura do CAM
Cultura, 42/43



Agricultura
Vem aí o primeiro arroz carolino português
Fugas

PAULO PIMENTA

Público

Incêndios
Catarina, Joel, André, Artur. Retratos de quatro bombeiros na linha da frente
Sociedade, 22 a 25

Hospitais obrigados a rever escalas para garantir urgências no Inverno

No próximo Inverno, quando as escalas das urgências não estiverem garantidas, os hospitais vão ter de alterar os períodos de férias de médicos e enfermeiros para assegurar a resposta aos utentes, especialmente em picos de procura. É isso que determina um despacho do Ministério da Saúde a que o PÚBLICO teve acesso e que visa impedir que se repitam situações de caos nas urgências como as que ocorreram no Verão Sociedade, 18

Caso das gémeas
António Costa e ex-secretária implicam Lacerda Sales

Antiga secretária do ex-governante confirma que pediu marcação de consulta para gémeas e que agiu sempre a mando do próprio Política, 12/13

Crise na habitação
Comprar casa em Lisboa custa mais 70% do que no resto do país

Preços a nível nacional voltaram a subir no 2.º trimestre. Na Grande Lisboa, comprar casa já custa em média 360 mil euros Economia, 32

Multa histórica
Bancos pagam 225 milhões por falsearem concorrência

Tribunal confirma coimas milionárias a dez bancos por cartel nos *spreads* e livra Barclays de pagar sanção por ter exposto caso Destaque, 4/5

Perfil do docente
Mais de metade dos professores dão menos de 20 horas de aulas

Só 2,4% dos docentes do básico e secundário têm menos de 30 anos. Idade da maioria condiciona tempo de aulas Sociedade, 16/17

ISNN-0872-1556

Página dois

SEMANA SIM

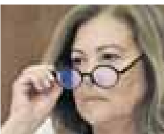


Ursula von der Leyen A presidente da Comissão Europeia apresentou um novo colégio de comissários, mais paritário do que o previsto pelos 27 países e desafiando a Itália de Meloni a novas responsabilidades.

SEMANA NÃO



Nuno Melo O ministro da Defesa parece ainda não se ter adaptado ao fato de ministro e aproveita todas as oportunidades para fazer campanha do CDS. É o que revelam a declaração sobre Olivença e a rectificação que se seguiu.



Margarida Blasco As justificações da ministra da Administração Interna para ter andado "desaparecida" na pior semana de fogos de 2024 foram desajeitadas e revelam a fragilidade desta escolha de Montenegro.



António Lacerda Sales Cada vez há menos dúvidas de que foi o ex-secretário de Estado da Saúde quem pediu ao Hospital de Santa Maria que observasse as gémeas luso-brasileiras para serem tratadas com Zolgensma.



Miguel Albuquerque O presidente do Governo Regional da Madeira viu serem constituídos arguidos homens da sua confiança no PSD por alegadas irregularidades com fundos financeiros.



Emmanuel Macron O pedido de destituição do Presidente francês, apresentado pelo partido França Insubmissa, foi aprovado esta terça-feira na Assembleia Nacional. É a primeira etapa.

Por Helena Pereira

INQUÉRITO PÚBLICO

RUI GAUDÊNCIO



Doença psiquiátrica pode não ser a única explicação para agressão na Azambuja

Ana Dias Cordeiro

Paulo Santos Não houve tempo para um diagnóstico do jovem através de uma avaliação psiquiátrica, diz o pedopsiquiatra

Ainda é cedo para perceber o que aconteceu com o rapaz de 12 anos que atacou com uma faca seis colegas na Escola Básica da Azambuja, no intervalo a seguir ao almoço na terça-feira. Vários factores podem explicar o sucedido, isoladamente ou em simultâneo, de acordo com o pedopsiquiatra Paulo Santos, director do serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência da Unidade Local de Saúde de Viseu Dão-Lafões, que foi presidente do colégio da especialidade na Ordem dos Médicos até ao início de 2024.

No caso excepcional desta semana na Azambuja, quais são as explicações possíveis para o que aconteceu?
Há vários cenários possíveis mas que não se excluem mutuamente. Um cenário é haver uma doença psiquiátrica. Outros são problemas relacionados com a escola ou a existência de alguma manipulação externa. Neste último ponto, estou a pensar nos tiroteios nos Estados Unidos em que muitas vezes se investiga e se chega à conclusão de que os jovens frequentam *sites* que incitam à violência, e em que muitas vezes os jovens acreditam naquilo por não terem um filtro que lhes permita perceber que aquilo não é real. Neste momento o que posso dizer é pura especulação, porque ainda não houve tempo para um diagnóstico do jovem, que resultará de uma avaliação psiquiátrica a ser feita no centro educativo onde será internado de forma temporária.

A duração da medida resultará das conclusões da investigação policial?
Deverá ser uma medida temporária que permita nesse período proceder a essa avaliação e a um diagnóstico que determine qual a melhor medida e intervenção junto deste jovem.

Os 12 anos é uma idade em que frequentemente aparecem doenças psiquiátricas?
Sim, e neste caso pode ter começado agora. Quando eu disse que nada se exclui, quer dizer que no caso pode haver problemas escolares ou familiares, podem existir problemas exteriores que levaram ao aparecimento de perturbação psiquiátrica. Ou não, porque há perturbações psiquiátricas que aparecem sem causalidade externa e sem a existência de problemas na família ou na escola.

Que perturbações psiquiátricas podem estar aqui em causa?
A perturbação depressiva grave. A perturbação psicótica. Não sabemos. O que sabemos é que a incidência de perturbações psiquiátricas está a aumentar entre os jovens. Isso verificou-se após a covid. E percebemos que estão a começar a vir à consulta com idades cada vez mais precoces.



Falou nos tiroteios em escolas nos EUA, que começam, aliás, a replicar-se noutros países. Os jovens inspiram-se nesses casos? Ou pode também aqui haver uma intenção de se vingarem de alguma coisa que vêem como maldosa nos colegas ou nos professores?
Pode ser isso tudo. Podem ter queixas dos colegas ou dos professores, do sistema escolar, terem uma perturbação, serem influenciados pelo que vêem na Internet e inspirarem-se noutros casos.

Na sua actividade clínica, os rapazes jovens verbalizam alguma frustração que possa levar a casos extremos como este?
Muitas vezes existem problemas com os amigos, os colegas, desde rompimentos de namoros à existência de *bullying*. Há amigos que deixam de ser amigos, o que leva a que os jovens sejam postos de parte e fiquem sozinhos, e isso é muito intolerável para um jovem. É a partir destas idades que começam a ter grupos de amigos. A interacção social e o ter um grupo de amigos fixos são fundamentais para um jovem, para se sentir integrado no meio em que se move, seja a escola, uma actividade desportiva, os escoteiros. Se ele nalgum destes sítios não estiver integrado desiste. É a partir desta idade que eles começam o treino das suas aptidões sociais.

A que sinais podem estar atentos os pais ou a comunidade escolar?
Existem sinais, mas muitas vezes os pais atribuem-nos a uma crise da adolescência. Os sinais de alerta para uma depressão são o isolamento, que pode acontecer pelo factor dependência da Internet. A irritabilidade e a perda de interesse nas actividades de lazer são sinais de alerta. E a tristeza. Mas muitas vezes eles estão tão isolados que não se consegue distinguir a dependência da depressão. Na escola, o isolamento. Será suspeito uma criança andar sozinha na escola. Uma criança que passa o intervalo completamente sozinha é mau sinal, temos de perceber quais as razões para isso acontecer; a baixa do rendimento escolar e o aparecimento de problemas de comportamento, como a irritabilidade numa criança que não tinha problemas de comportamento, são sinais de que alguma coisa se está a passar.

Os Kamov: incompetência ou corrupção

Grande angular



António Barreto

Talvez tenham sido adquiridos em 2006. Foram seis e terão começado a chegar a Portugal em 2008. Um deixou de trabalhar em 2012. Dois foram para a manutenção em 2015 e nunca mais de lá saíram. Três foram postos fora de serviço em 2018! Entre este último ano e 2024, data da doação à Ucrânia, estiveram os seis helicópteros Kamov encostados, sem manutenção, nas instalações do Aeródromo de Ponte de Sor. Verdade? Quanto custou tudo? Quanto falta pagar? Quem são os responsáveis?

A partir de certa altura, a Protecção Civil recusou os Kamov e não mais quis saber deles. O Governo ordenou que fossem entregues à Força Aérea, que exigiu uma auditoria prévia. Passado um tempo, a Força Aérea recusou os Kamov. Depois, foi-lhes retirada licença de voo. Algures, por volta de 2020, os helicópteros não tinham dono. Uma reparação necessária foi avaliada em 40 milhões de euros. Quase tanto quanto tinham custado! No total, entre custo, manutenção, contratos, reparações e tudo o resto, os Kamov poderão ter custado ao Estado português cerca de 300 a 400 milhões e passaram os seus últimos anos, em fase terminal, sem licença e incapazes de funcionar. Diz-se que, enquanto estavam imobilizados, o Estado alugava outros Kamov a outros países por 5 milhões por ano. Entretanto, Portugal comprou seis helicópteros americanos Black Hawk, em segunda mão, por 43 milhões de euros. Verdade? E prepara-se ainda para, a preços incertos e desconhecidos, alugar e comprar aviões Canadair, não se sabe se novos, se usados.

A história dos Kamov em Portugal parece ter terminado. Parece! Na verdade, ninguém sabe se sobraram "rabos de palha", dívidas por liquidar, compromissos não respeitados, processos pendentes, despesas imprevistas ou juros e comissões em falta. Esperemos por tudo. De qualquer maneira, o essencial é conhecido: os Kamov vieram para combater os incêndios. Estiveram mais tempo parados por avaria, impossibilidade de voar, falta de manutenção e indisponibilidade de tripulações habilitadas do que passaram a trabalhar ou disponíveis.

Os Kamov são um tratado, de comportamento comercial e político, inesgotável de informações sobre o que se não deve fazer para respeitar os interesses nacionais. E exaustivo em lições sobre o que se deve fazer para aldrabar o Estado, defraudar a lei e recompensar os intermediários.

Os Kamov são um manual de aprendizagem para os doutorandos em minas e armadilhas, para quem prepara carreira na gestão de negócios especiais, para quem se candidata a assessor de gabinete e para quem se quer especializar em transacções nas zonas crepusculares da democracia e dos negócios.

Os Kamov são lições práticas para quem, com boas ou más intenções, estuda para ingressar em carreiras da Polícia Judiciária, dos fiscais de contribuições e impostos, dos inspectores de Finanças e das brigadas de anticorrupção.

Os Kamov são lanterna que alumia o caminho para perceber as relações entre Portugal, a União Soviética, a Rússia e a Ucrânia.

Os Kamov são uma pérola a revelar alguns traços essenciais da identidade nacional, designadamente nas áreas cinzentas da legalidade, da transparência e da complacência.

Reconstruir ou estudar a história dos Kamov em Portugal é tarefa quase impossível, digna do que de melhor se premeia nas áreas especializadas do jornalismo, das relações internacionais e do comércio paralelo. Percorrem-se os jornais e os arquivos da televisão e encontram-se milhares de factos, de denúncias, de estatísticas. Quase sempre contraditórias. Por intermédio dos órgãos de referência da comunicação e da informação, não é possível saber o que se passou. O Estado não verifica, não controla, não produz números indiscutíveis. Acusados de incompetência, interesse, corrupção, ignorância e covardia, vários governantes, responsáveis por todos os actos de vida destes Kamov em Portugal, escondem-se, assobiam para o ar, calam, disfarçam e coçam a cabeça.

Quase todas as fontes referem o valor de 8 milhões para o preço de cada Kamov. Isto é, cerca de 48 milhões para o pacote. Os problemas vêm depois. Prestações, serviço da dívida, abatimento de dívidas soviéticas, contratos de manutenção, aquisição de peças, comissões de intermediação e contratos de prestação de serviços elevam os preços, após 12 anos, a montantes próximos dos 300 ou 400 milhões de euros. Não se percebe como. Não há matemática que resista. Mas é assim. É certamente um dos mais escandalosos casos da história portuguesa. A possibilidade de as despesas, os prejuízos e as perdas poderem oscilar entre tão altos limites não suscita acções e reacções de investigação e contestação?

Quantos foram alugados e comprados? A que preços? Quanto custaram os serviços financeiros, de manutenção, de reparação e de serviço? Quanto falta ainda pagar? Prestaram serviço proporcional aos custos? Quanto tempo estiveram os Kamov imobilizados no solo? Quanto tempo prestaram efectivamente serviço? Quantas horas de voo realizaram? Quem foram os intermediários, comissários, auditores, advogados e outros prestadores de serviços em todo este negócio?

Os Kamov parecem estar numa linha tradicional de negócios particularmente chorudos, incompetentes, viciados e de más consequências: é uma sequência fatal de aquisições, alugueres, trocas, compras e vendas de aviões de passageiros, aeronaves de luta contra os incêndios, submarinos, comboios e catamarãs. De comum entre eles? O comprador é o Estado. E há sempre uma zona escura e um capítulo de dúvida.

Se as autoridades não esclarecerem este caso dos Kamov, poderão ser acusadas de má gestão política. De covardia governamental que não assume as suas responsabilidades. De intervenção ilegítima de agentes e intermediários. De pagamento de luvas excessivas. De desatenção com a manutenção. De desprezo pela utilidade social dos equipamentos comprados. De falta de respeito pelo erário público. De falta de controlo por entidades competentes. De falta de honestidade.

Não há responsáveis? Políticos? Governantes? Dirigentes de instituições públicas e de empresas privadas? Advogados? Intermediários? Peritos? Empresários? De uma coisa podemos estar certos: ninguém se assume como responsável por qualquer decisão relativa aos Kamov durante os últimos 18 anos. É pelo menos suspeito.

Sociólogo

> **Os Kamov são uma pérola a revelar alguns traços essenciais da identidade nacional**

> **Entre custo, manutenção, reparações e tudo o resto, poderão ter custado ao Estado cerca de 300 a 400 milhões e passaram os últimos anos sem licença e incapazes de funcionar**

IMPORTA-SE DE REPETIR?

A ministra tinha o telemóvel desligado

Margarida Belém
Autarca de Arouca, referindo-se à ministra da Administração Interna

A minha mulher preparou-me uma mala para três dias

Castro Almeida
Ministro Adjunto e da Coesão Territorial, respondendo a uma pergunta sobre quanto tempo iria trabalhar em Aveiro, durante os fogos



[O Serviço Nacional de Saúde] está a atravessar uma crise de meia-idade

Nuno Rodrigues
Secretário-geral do Sindicato Independente dos Médicos

Não podemos deixar que as nossas vidas sejam controladas por extremistas

Billie Eilish
Cantora norte-americana, dando apoio a Kamala Harris

Senti-me o Mick Jagger, na festa do título do Sporting em 2000

António Macedo
Jornalista

Cartel foi “muito grave” e lesou clientes mas bancos não se arrependeram



Tribunal confirma coimas de 225 milhões a dez bancos e livra Barclays de pagar, por ter revelado ilegalidade. É sinal de incentivo a empresas para denunciarem irregularidades

Pedro Crisóstomo

Depois de um acórdão do Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE) que já era desfavorável para os envolvidos no chamado “Cartel da banca”, não foi uma surpresa ouvir a juíza do Tribunal da Concorrência, Regulação e Supervisão (TCRS) condenar as principais instituições financeiras portuguesas de violação das regras da concorrência por terem divulgado aos concorrentes os *spreads* que iam aplicar no crédito à habitação, ao consumo e às empresas durante mais de dez anos (de 2002 a 2013).

Na hora da leitura da sentença, que decorreu ontem em Santarém, a magistrada Mariana Gomes Machado considerou a conduta dos bancos “muito grave” e confirmou as coimas de 225 milhões de euros relativamente às instituições financeiras acusadas de conluio pela Autoridade da Concorrência (AdC). Não foi essa a surpresa, mas o que a juíza decidiu em relação a um dos bancos, o Barclays, aquele que denunciou o “conluio” à AdC e que, na prática, deu origem à investigação e permitiu que o país ficasse a saber que as instituições infringiram as regras da concorrência.

Para dar um sinal de “prevenção geral” na sociedade portuguesa e, de forma indirecta, mostrar às empresas que compensa fazer um juízo crítico de arrependimento e revelar aos reguladores o envolvimento em ilegalidades, a juíza anulou a coima que a AdC aplicara ao Barclays e substituiu-a por uma mera admoestação (o banco foi condenado, só que não foi acoimado; o montante da coima inicial é confidencial, porque a sucursal do banco inglês beneficiou do chamado regime de clemência, justamente por ter denunciado o caso).

Em contrapartida, em relação aos restantes bancos (dez instituições, entre as quais estão as maiores, como a Caixa Geral de Depósitos, o BCP, o Santander, o BPI e o antigo BES, agora em liquidação), o tribunal manteve as coimas nos exactos valores decididos pela AdC em 2019. Ao todo, 224,8 milhões de euros.

A CGD foi condenada em 82 milhões de euros; o BCP em 60 milhões; o Santander em 35,65 milhões; o BPI em 30 milhões; o Montepio em 13 milhões; a sucursal do BBVA em 2,5 milhões; o BES em liquidação em 700 mil euros; o BIC em 500 mil euros; o Crédito Agrícola em 350 mil; e o UCI em 150 mil.

O tribunal concluiu que a conduta dos bancos lesou os consumidores portugueses durante muito tempo, em particular os do crédito à habitação. E só a iniciativa do Barclays, ao revelar o caso, permitiu o fim da “conduta infraccional e a sua investigação”. Daí que, dos 11 bancos que contestavam as coimas, só o Barclays tenha escapado (formalmente, foi sancionado, só que não tem de pagar qualquer quantia).

A sentença faz, aliás, uma diferenciação entre o comportamento do Barclays e o de todos os outros. Enquanto a sucursal do banco inglês reconheceu a “ilicitude da sua própria conduta” e teve um “papel fulcral” para a “descoberta da verdade material”, para o fim da infracção e para o “escrutínio, público e judicial, da conduta infraccional e da administração da Justiça em reacção ao conluio”, os restantes dez bancos não reconheceram os erros praticados, vinca o tribunal.

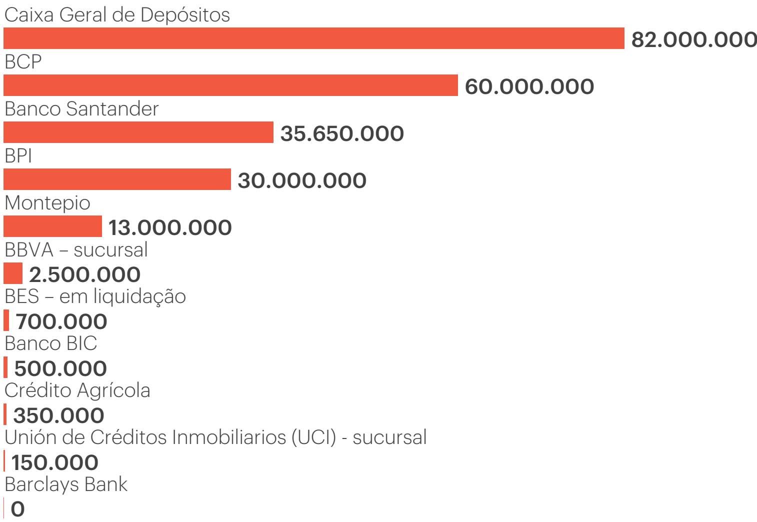
Gomes Machado fez questão de sublinhar que, apesar do contributo “particularmente relevante” do Barclays, esse comportamento “não desencadeou, nas demais visadas, consistente capacidade crítica sobre a ilicitude da sua conduta”. E isso “agudiza as necessidades de aplicação” das coimas.

“A significativa duração da infracção, bem como a concentração do mercado, agrava as necessidades de prevenção, geral e especial”, caso contrário, o pagamento das coimas tornava-se “acomodável e não dissuasor de (futuros) comportamentos ilícitos”, justificou a juíza.

Os bancos foram condenados porque o tribunal português, decalcando o entendimento do Tribunal de Justiça da União Europeia no seu parecer ao processo em Julho deste ano, considerou que o intercâmbio de informações teve como objectivo falsear a concorrência (isto é, existiu

Conluio dos bancos dá origem a sanções

Bancos que contestaram as contra-ordenações. Coimas decididas pelo Tribunal da Concorrência, em euros



Fonte: Autoridade da Concorrência e Tribunal da Concorrência PÚBLICO

TIAGO PETINGA/LUSA



Advogados à entrada do Tribunal da Concorrência, Regulação e Supervisão, em Santarém, ontem, dia em que foi lida a segunda parte da sentença

para prejudicar o normal funcionamento do mercado). E foi o que aconteceu, segundo diz o tribunal português.

Poder de negociação

Para a juíza, o facto de os funcionários dos departamentos de marketing e gestão e produto terem trocado informações por *email* e por telefone, com o aval das hierarquias internas, incluindo das administrações, sobre os *spreads* que iam praticar (dados futuros) e sobre os volumes de financiamento concedidos (dados passados) permitiu aos bancos fazer uma "coordenação informal" de preços que lhes reduziu os riscos de mercado.

A conduta de "elevada gravidade", diz o tribunal, teve consequências mais visíveis no segmento da actividade primordial da actividade bancária, o crédito à habitação, em que o financiamento para a compra de casa é "um produto-âncora", havendo, por isso, consequências para os consumidores.

"O mercado imobiliário português contribui para um quinto do PIB [produto interno bruto] português e a habitação é um activo relevante – 80% em relação à riqueza total – no balanço financeiro das famílias portuguesas", fundamentou a juíza, com base num estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Neste contexto, a troca de informações limitou "os direitos dos consumidores não só num sector crítico no país, como teve reflexos noutros segmentos bancários, que cultivam a dependência financeira dos clientes" em relação às instituições.

A fundamentação da juíza continua: "A reboque do crédito à habitação, a generalidade dos bancos exige aos clientes a subscrição, além de um seguro multirriscos (associado, por lei, ao crédito habitação), de outros produtos que não decorrem da lei: seguro de vida, domiciliação de ordenado e cartões de crédito, no fenómeno denominado *cross-selling* [ainda que haja "conhecidas excepções", como as da sucursal do UCI e do Montepio]."

Para o tribunal, o conluio foi particularmente negativo para os particulares, porque, sublinhou, as pessoas singulares "têm (re)conhecidas dificuldades em estabelecer qualquer negociação efectiva quando o seu interlocutor é uma pessoa colectiva" (como é o caso dos bancos). E, neste caso, existindo uma concertação entre concorrentes, essa capacidade dos clientes ficou "particularmente limitada pela inexistência de efectiva concorrência", já que os bancos "puderam secundarizar e desprezar objectivos e políticas comerciais de captação e conservação de clientes singulares." Mais: "O preço real da habitação em Portugal é desproporcionadamente superior à média da União Europeia, o que dá bem nota da importância da questão para os consumidores".

Embora os bancos ainda possam recorrer da sentença para o Tribunal da Relação de Lisboa (e alguns já confirmaram que o farão), esta decisão de primeira instância é relevante porque a legislação permite a apreciação de acções populares para indemnizar os consumidores portugueses. E, relativamente a este processo, a associação Ius Omnibus já apresentou cinco acções, estimando que o conluio causou danos "de mais de 5500 milhões de euros."

Prevenir outros casos

Embora formalmente a colusão não tenha sido enquadrada pela Autoridade da Concorrência como um "cartel", a juíza sublinhou, na primeira parte da sentença, lida em Abril de 2022, que a decisão da AdC dava "nota da equiparação" da prática dos bancos "a um cartel".

Uma das questões que o tribunal teve em consideração ao decidir, agora, o valor das coimas foi a postura que os bancos tiveram durante o julgamento. Em Santarém, não viu "comportamentos claros ou concludentes" dos bancos que revelassem ter interiorizado a "gravidade da conduta antijurídica que adoptaram". O que, acrescenta, intensifica "significativamente as necessidades de prevenção" geral na definição do valor das coimas. As consequências foram as conhecidas: o tribunal confirmou as coimas que vinham da AdC.

Em contraponto com o comportamento do Barclays, que valorizou, a juíza deixou críticas à actuação do Montepio, o segundo banco que beneficiou do regime da clemência. Depois da sucursal do banco inglês, a instituição mutualista portuguesa também denunciou informações à Autoridade da Concorrência, mas, no julgamento, os advogados negaram que os bancos tivessem cometido "qualquer comportamento infraccional", o que, para a juíza, é contraditório com o facto de ter pedido clemência.

Ao definir as coimas, a juíza também teve em atenção os bons resultados dos bancos neste momento (2023 e 2024). E deixou uma nota: se durante o julgamento, no pós-pandemia, "amiúde invocaram os desafios de rentabilidade que pretensamente enfrentavam", agora que há "factos públicos e notórios" sobre os aumentos de lucros, "entravam o conhecimento concreto e detalhado" das suas "margens de rentabilidade financeira."

Na fase final do julgamento, só quatro bancos actualizaram "a sua concreta situação financeira" (o BBVA, o BCP, o Montepio e o UCI).

A primeira parte da sentença foi lida em Abril de 2022 e a segunda só agora porque, neste intervalo, a instância no TCRS esteve suspensa, enquanto o Tribunal de Justiça da UE respondia a pedido de esclarecimento do tribunal português, ao abrigo de uma figura chamada o "reenvio prejudicial", um pedido para clarificar a interpretação do direito europeu à luz do litígio em julgamento.

Frases da sentença

"A significativa duração da infracção, bem como a concentração do mercado, agravam as necessidades de prevenção, geral e especial"

"O mercado imobiliário português contribui para um quinto do PIB [produto interno bruto] português e a habitação é um activo relevante — 80% em relação à riqueza total — no balanço financeiro das famílias portuguesas"

"O preço real da habitação em Portugal é desproporcionadamente superior à média da União Europeia, o que dá bem nota da importância da questão para os consumidores"

"[A troca de informações limitou] os direitos dos consumidores não só num sector crítico no país, como teve reflexos noutros segmentos bancários, que cultivam a dependência financeira dos clientes"

"[O contributo 'particularmente relevante' do Barclays] não desencadeou, nas demais visadas, consistente capacidade crítica sobre a ilicitude da sua conduta. [O que] agudiza as necessidades de aplicação [das coimas]"

Espaço público

Os custos de ter três eleições em quatro anos

Editorial



Sónia Sapage



Mudar de Governo em 2022, em 2024 e talvez em 2025, como tanto se fala (tendo havido eleições em 2019), representa um atraso efectivo para o país

Há ideias políticas que se instalam na sociedade e que acabam por se concretizar mas que em nada reflectem a posição ou o desejo da maioria dos portugueses. Nos últimos anos, um dos casos mais frequentes é o fantasma da dissolução do Parlamento — ou "bomba atómica" — e consequentes eleições antecipadas.

Durante uma parte dos dois anteriores mandatos governativos, a ideia de que haveria uma dissolução era uma constante: fosse no caso de o Orçamento ser rejeitado (o que aconteceu em 2021) ou no caso de António Costa deixar o executivo (o que acabou por acontecer em 2023, na sequência da *Operação Influencer*).

À excepção do momento grave da demissão de Costa, os inquiridos que respondiam a diferentes estudos de opinião rejeitavam a ideia de ir a votos por receio da fragmentação política e do crescimento dos extremismos — que vieram a verificar-se nas legislativas deste ano. O mesmo acontece agora. "É esmagadora a maioria dos inquiridos que não querem eleições", escrevíamos em Julho, no âmbito de uma sondagem do Cesop.

À pergunta "Em seu entender, o que seria melhor para o país?", 77% dos inquiridos preferiam a opção "cumprir o mandato até ao fim" e apenas 18% tinham preferência por antecipar a ida às urnas.

A mensagem para os dois principais partidos parece bastante clara: entendam-se. Há um Orçamento para negociar? Entendam-se. Há problemas estruturais? Entendam-se. Há como evitar novas eleições neste momento? Entendam-se. Sem uma clarificação política no horizonte, entendam-se. Não há pontos de contacto? Encontrem-nos.

Mudar de Governo em 2022, em 2024 e talvez em 2025, como tanto se fala (depois de ter havido eleições programadas em 2019), representa um atraso efectivo para o país. Em política, a instabilidade, a insegurança e as crises têm impactos no desenvolvimento. De cada vez que um ministro troca de pasta, há meses de conhecimento que se perdem, há fundos que deixam de ser executados, rotinas boas (e más) que são interrompidas, programas que ficam pendentes e até centenas de leis que deixam de ser regulamentadas.

Em última instância, ninguém é obrigado a viabilizar um Orçamento alheio, sobretudo quando estão em causa dois partidos rivais que lutam entre si pela alternância no poder e pela sobrevivência. Há decisões e consequências. Mas atenção: uma terceira eleição em quatro anos terá com certeza custos muito elevados. E não se trata só de dinheiro.

CARTAS AO DIRECTOR

Alucinação no Jardim da Gulbenkian

Uma alucinação estética, uma quase náusea do real tipo século XX produtivista e estandardizado. É melhor avisar os leitores do PÚBLICO que não entrem pelo portão poente-sul do jardim da Gulbenkian, se querem observar as fachadas do CAM. O melhor será entrar o mais directamente possível no CAM, se for caso. Tudo o que há de belo nas linhas elegantes do projecto do arquitecto japonês simplesmente não está acessível aos nossos olhos indo do lado poente para o nascente. Há um miniedifício funcional logo à entrada. Funcional, sim, com uma rampa. Para uma subcave? Será para entregas? Mas a alucinação forte essa vem a seguir: um edifício longo com fachada de vidro mostrando o interior: um edifício de escritórios. Escritórios, a sério, vários, em banda, ainda vazios, mas com mesas e cadeira de escritório que a vidraça permite ou convida a ver. Não sou arquitecto nem esteta — mas tive um choque.
José Elias de Freitas, Lisboa

O último a saber

Em casos de infidelidade, toda a gente menos o traído sabe do que se passa. Isto aplica-se também nas alianças entre Estados soberanos, como parece ter sido agora o caso de os EUA virem dizer que não tinham conhecimento dos mais recentes (e inventivos, apesar de inegavelmente traiçoeiros) planos israelitas de ataque ao Hezbollah, através de *pagers* e de *walkie-talkies*. É evidente que a comunidade internacional - com excepção dos costumeiros canonizadores da arte e do engenho israelitas - não pode vir a terreiro "lavar a cara" de Israel, insistindo na "tecla" do inatacável direito à defesa dos 60 mil desalojados do Norte do país, fustigados pelos bombardeamentos vindos do Líbano. Logo, a saída mais fácil, a fazer lembrar os miúdos que são apanhados com a mão dentro do frasco das bolachas, é dizer-se que não se sabia. Mas custa a crer, o que não invalida o carácter de maldade e falsidade que já ninguém consegue descolar da personalidade de Netanyahu, ele mesmo capaz de invocar toda a legitimidade para, impunemente, destruir as casas de quase dois milhões de palestinianos na Faixa de Gaza.
José A. Rodrigues, Vila Nova de Gaia

Estamos fartos de todos os incêndios

Mudam-se os governos, mudam-se os dirigentes, fazem-se colóquios e comissões de estudo, mas não se mudam as vontades, nem se cumprem as promessas. Não faltam técnicos capazes de apontar as melhores soluções para o ordenamento florestal do país — ouvimo-los todas as vezes que estas catástrofes surgem, nos painéis.

O eucalipto é endeusado, porque dá rendimento superior a qualquer outra árvore, dizem-nos os governantes, sejam eles do PS ou do PSD. Curiosamente, é nas zonas de plantio controlado pelas fábricas de celulose que eles não ardem. Porque será? Porque há vigilância e protecção dessas zonas. Mas no resto do país onde os eucaliptos crescem em qualquer lugar e substituem as florestas primitivas, que tinham muita mais resistência aos fogos, nada se faz. E os bens materiais que tarde ou nunca são reconstruídos? E os aproveitamentos políticos dos "espertinhos" que, segundo consta, conseguem uma casa nova à custa dos incêndios? Somos um país completamente desorganizado em todos os sectores de actividade. Vivemos do salve-se quem puder, há muitos anos, e não conseguimos sair desta desgraça de quem tinha o dever de pôr tudo a funcionar condignamente. Há fogo na saúde, no ensino, nos transportes, na administração pública, nos polícias, nas Forças Armadas e nas matas. Estamos fartos deste estado de coisas e não são as caras novas de novos governos que acabarão com este estado de coisas. Nem os extremistas que gostam de lavrar em terra queimada. Talvez as novas gerações com outra mentalidade, menos consumista e mais ecológica, possam vir a organizar este "jardim à beira mar plantado". Eu ainda acredito na capacidade técnica, na honestidade e na vontade de fazer mais e melhor, da geração mais bem preparada de sempre de Portugal!
José Carlos Palha, Vila Nova de Gaia

Papel das televisões

Nestes dias trágicos de incêndios contínuos a norte e centro do país, as televisões deixaram de noticiar o que quer que seja e passaram, exclusivamente, os incêndios. As guerras mais televisionadas do momento, Ucrânia e Palestina, deixaram de ser notícia. Trump e os atentados (?), constantes, já não interessam. Trump e Kamala, de momento cá, estão em banho-maria. Talvez o menino que se lembrou de andar às facadas aos colegas tenha sido a excepção à regra, dado ser algo que é trágico, mas que acontece muito nos países mais desenvolvidos. Por certo, as televisões passam o que as pessoas querem ver, a tragédia é sempre apelativa, o ser humano gosta de participar e ver. Talvez seja a razão de encher a informação com os tremendos incêndios? Talvez fosse mais avisado mais contenção.
Augusto K. de Magalhães, Porto

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Quando uma lancha se afunda/Nunca a culpa é do patrão/É sempre de quem se amola/Lá no fundo do porão José Afonso, cantor

O NÚMERO

70%

Comprar casa em Lisboa já é 70% mais caro do que no resto do país, segundo dados do INE

Papa para os olhos

Ainda ontem



Miguel Esteves Cardoso

Se não gosta assim muito de ficar profundamente deprimido, ponha-se à janela a olhar para a chegada do Outono e evite a todo o custo olhar para as fotografias finalistas do concurso Weather Photographer of the Year, publicadas aqui no PÚBLICO no dia 19.

Mas atenção, não são os desmandos do clima que o deprimirão: são as fotografias. São 24 fotografias. Nem uma delas se safa.

Parece que entrou o Senhor dos Anéis por estas fotografias adentro. Tudo é artifício, veemência, decoração, falsidade, facilidade, publicidade.

A culpa também é dos nossos olhos. Os nossos olhos estão contaminados pelo excesso de exposição, pela dependência dos mesmos efeitos gráficos, pelo vício do *cute* e do brutal, pela preguiça da interpretação, filha da rapidez com que devoramos a multiplicidade de imagens e a pobreza dramática escondida atrás da repetição.

Não interessa se todos nos consideramos fotógrafos. Ainda há, sempre haverá, o talento. Sempre haverá quinhentas mil más fotografias por cada uma para a qual talvez valha a pena olhar.

O terror é que atrás destas fotografias entediantes, tão ansiosas por agradar, tão grosseiramente manipuladoras, tão isentas de ousadia ou de originalidade, haja bons fotógrafos que, noutro clima menos massificado e monocórdico, pudessem seguir os seus instintos e fazer fotografias que acordassem o nosso olhar.

É um erro pôr um computador a editar uma fotografia: é preciso ser-se muito bom para resistir às tentações, aos encobrimentos, às possibilidades.

Os elementos de uma boa fotografia continuam a ser os mesmos. Se falharem, é preciso ver onde queriam chegar.

Precisam de uma ambição. E precisam de um acaso: não podem parecer o resultado das deliberações de uma comissão de cabecinhas bem-pensantes, preocupadíssimas com as alterações climáticas mas também fãs de uma bela fotografia, digna de fazer de *wallpaper* do nosso telemóvel.

A fotografia não pode deixar-se colonizar pelas outras artes. Deveria ser ao contrário.

ZOOM LISBOA

CATARINA PÓVOA



Começou ontem em Portugal a campanha de vacinação sazonal (2024-2025) contra a covid-19 e a gripe nas unidades do SNS e nas farmácias comunitárias (Farmácia União, Benfica, na foto), dirigida aos que têm idade igual ou superior a 60 anos

P

publico.pt



Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Agosto **19.838 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

A difícil escolha do(a) procurador(a)-geral da República

Escrever Direito



Francisco Teixeira da Mota

Estamos a escassas semanas do anúncio do nome do novo (ou da nova) procurador(a)-geral da República. Uma escolha da responsabilidade conjunta do primeiro-ministro e do Presidente da República e que vai ter uma razoável importância na qualidade da futura vida nacional.

É por de mais conhecida a polémica instalada à volta da actual procuradora-geral – a quem alguns sectores, extremados, acusam de "golpe de Estado". Na minha perspectiva, as críticas mais válidas que podem ser feitas ao seu desempenho prendem-se com a total incompreensão do seu dever de comunicar com os portugueses, nomeadamente prestando contas da actuação da sua gente no mundo da Justiça – durante os seis anos só foi uma vez ao Parlamento e só deu uma entrevista de fundo no fim do mandato. A ausência de comunicação pública foi grave, mas mais grave ainda terá sido, tanto quanto sei, o facto de a actual procuradora-geral não ter promovido os imprescindíveis encontros de trabalho e reuniões, pelo país fora, com os diversos membros do corpo de magistrados que dirige, criando-lhes a convicção de que eram reis e senhores dos seus territórios processuais.

O Ministério Público, embora não seja uma tropa, é hierarquizado e o seu chefe deve ser visto e ouvido, com regularidade, proximidade e firmeza, por aqueles que dirige. Não gostará muito o sindicato dessa forma de actuar, irá (mais uma vez) para os tribunais tentar defender a absoluta liberdade dos soldados de dirigirem as suas guerras sem intervenção dos comandantes e do comandante-chefe, mas o procurador-geral não poderá abdicar desta sua presença e liderança efectiva. O que, de alguma forma, terá acontecido.

Estas duas características, hoje em dia, particularmente exigíveis a quem desempenha as funções de procurador-geral da República, foram, de resto, apontadas publicamente pela ministra da Justiça: comunicação e liderança. Os 50+50+50 (anteriormente os 50) produziram, também, um texto em que propõem publicamente dez critérios para a escolha do novo titular deste alto posto de comando estatal.

Embora ainda estejam sob o efeito do trauma da *Operação Influencer* e presos aos *clichés* das "violações sistemáticas do segredo de justiça" e do "conluio (do MP) com o 'jornalismo' especulativo e sensacionalista", os ex-50 apontam diversas sugestões relevantes como seja o caso de o(a) novo(a) procurador(a)-geral dever ser uma personalidade "portadora de uma cultura dos direitos fundamentais que garanta total respeito pelos princípios e as regras do Estado de direito" e que "tenha a cultura da prestação de contas, essencial numa sociedade democrática" ou ainda, que, "conhecendo bem o sistema de justiça e, dentro dele, a missão, funcionamento e desempenho do Ministério Público, esteja, porém, liberto(a) de quaisquer vínculos de subordinação ou cumplicidade com os elementos de natureza corporativa".

Este último critério levanta uma das questões principais nesta escolha: deve ser uma pessoa de dentro do sistema da Justiça, nomeadamente do MP, ou deve ser uma pessoa exterior? É sempre sedutor ir buscar alguém de fora, presumivelmente livre de quaisquer compromissos, mas é também perigoso em termos de funcionamento do sistema, seja pelo risco de incompreensão da realidade concreta e da criação conflitos desnecessários, seja pela possibilidade de rejeição pela máquina do MP com sabotagens diversas. Não indo para as hipóteses, entre outras, de um médico ou de um economista – uma rotura possível, mas muito arriscada em termos sistémicos – uma hipótese mais facilmente aceitável seria um bom académico de Direito, sem ligações a partidos nem a governos, mas a quem seria exigível uma boa capacidade de liderança e de diálogo. Não é fácil, mas talvez não seja impossível.



Sobretudo convém que não seja – nem pareça ser – um comissário político, como alguns dos 50 almejam. Esse é um risco que convém evitar a todo o custo

Internamente, a escolha também não será muito evidente e os responsáveis pela mesma terão de descobrir um(a) procurador(a) que, não provocando uma rotura, não deixe de trazer uma nova dinâmica. Têm intervindo na praça pública diversos procuradores/procuradoras com opiniões próprias, mas talvez sejam demasiado "desalinhados". Sem prejuízo da importância de conhecer os DIAP/DCIAP, tem sido defendido – e parece-me bem – que talvez fosse melhor uma personalidade mais civilista do que criminalista, de forma a olhar para os usos e abusos do sistema criminal - escutas, detenções, segredo de justiça e outros - de uma forma mais distante, desapaixonada e não viciada nos hábitos existentes.

Sobretudo, convém que não seja – nem pareça ser – um comissário político, como alguns dos 50 almejam. Esse é um risco que convém evitar a todo o custo, sob pena de termos, desde o início, desautorizada a actuação da Procuradoria-Geral da República. Para mal de todos nós.

Advogado. Escreve à sexta-feira

"Vá lá vacinar-se" contra a gripe e contra a covid-19



Rita Sá Machado, André Peralta-Santos

"Vá lá vacinar-se" é o apelo que voltamos a fazer a todos os portugueses. Ontem, 20 de setembro, iniciou-se uma nova campanha de vacinação sazonal contra a gripe e contra a covid-19, com uma vacina gratuita reservada para todos os elegíveis que queiram vacinar-se.

Este ano, introduzimos uma novidade: decidimos alargar o acesso gratuito da vacina da gripe de dose elevada à generalidade da população com 85 ou mais anos. Este grupo etário é especialmente vulnerável a doença grave, hospitalizações por gripe e, infelizmente, ao risco de morte. E é esta a motivação do alargamento: prevenir hospitalizações e a necessidade de cuidados de saúde. Esta população será vacinada nos centros de saúde, merecendo especial atenção na rapidez do agendamento e na monitorização do acesso. Nas últimas campanhas sazonais, em 2022-2023, com vacinação no SNS, e em 2023-2024, com vacinação no SNS e nas farmácias, este grupo atingiu coberturas muito elevadas para a vacina da gripe, 83% e 84%, respetivamente, demonstrando uma elevada confiança no processo de vacinação, independentemente do local.

Esta decisão de vacinar os cidadãos com 85 ou mais anos nos centros de saúde não está relacionada com questões de segurança da vacina de dose elevada. Estando disponíveis 360.000 doses da vacina da gripe de dose elevada, com esta decisão assegura-se que os centros de saúde (aproximadamente 1000 pontos de vacinação) têm maior disponibilidade de doses para garantir o acesso.

Para a população entre os 60 e os 84 anos, a vacinação pode ser feita no centro de saúde ou na farmácia, conforme a sua conveniência. Mantemos a experiência de reconhecido sucesso do ano passado com a vacinação em farmácias, proporcionando ganhos de conveniência e satisfação para quem se quer vacinar, reforçando, assim, o papel de todos – farmácias e unidades de saúde do SNS – no sistema de saúde.

Este ano, vamos continuar e reforçar a comunicação em dois eixos fundamentais: uma campanha de comunicação – "Vá lá vacinar-se" –, que pretendemos que seja partilhada por todos, complementada por uma comunicação personalizada a cada pessoa elegível, com o envio de convites e lembretes por SMS. As unidades do SNS poderão, também, enviar SMS com agendamentos da vacinação, para maior comodidade das pessoas.

Pretende-se que Portugal continue a ser um exemplo em matéria de vacinação, reforçando-se este ano, e uma vez mais, a confiança que os portugueses depositam no processo e no modelo de imunização, assim como nos profissionais de saúde a cada ano que passa. Essa é a confiança que conquistámos, e que só é possível construir com rigor, transparência e uma só certeza: a segurança de todos está em primeiro lugar.

A Direção-Geral da Saúde continuará, no final de cada campanha de vacinação sazonal, e como até aqui, a fazer uma avaliação rigorosa e transparente de todo o processo.

Directora-geral da Saúde; Subdirector-geral da Saúde

O que as fotografias não querem dizer, mas dizem



José Pacheco Pereira

Nas fotografias mais institucionais, cerimónias no Estado Novo, o que mais impressiona é a pompa, as poses e a coreografia estereotipada

O ruído do mundo



DR

Eu já vi milhares, muitos milhares de fotografias. Fotografias comuns e pouco comuns entram no Arquivo Ephemera todas as semanas, quer por oferta, quer por aquisição em feiras e velharias, em caixas, sacos ou álbuns familiares ou institucionais. Estamos a falar de fotografias pré-digitais, em negativos e papel, cobrindo o final do século XIX, e todo o século XX. As fotografias mais antigas são na sua maioria tiradas em estúdios fotográficos ou por fotógrafos amadores com equipamento. Depois dos anos 30 do século XIX a maioria das fotografias de que falo são tiradas em máquinas individuais, de qualidade desigual, propriedade de familiares das pessoas fotografadas ou de habitantes, ou viajantes, dos locais que fotografam. São de um modo geral de formatos pequenos, mesmo muito pequenos nas máquinas mais pobres. A dimensão das fotografias, antes do seu conteúdo, também tem uma hierarquia social.

Há nas fotografias comuns, familiares e pessoais, padrões que são reveladores de mentalidade, de práticas sociais, da forma como as pessoas se querem mostrar ou se ver, ou registar eventos pessoais e familiares ou nalguns casos institucionais, de empresas ou eventos públicos. Como estamos a falar de milhares de fotografias, esses padrões envolvem a percepção do que se fotografa. Por exemplo, crianças são uma "praga", chamemos-lhe assim, bebés nus ou vestidos de marinheiro, em cima de peanhas ou ridiculamente em poses encenadas, as meninas com vestidos de tule, uma panóplia de criancinhas muitas vezes forçados a ficarem quietas por uns minutos para serem fotografadas. Significativo de como o olhar mudou, algumas das fotografias de crianças nuas hoje seriam vistas como pedofilia, como sexo em destaque, aliás como também o mesmo aconteceria com a publicidade da Nestlé com bebés.

Como estamos num país católico, há fotografias dos sacramentos, em particular três, baptismo, comunhão e casamento. Os outros sacramentos quase não são fotografados. No caso da comunhão, as fotografias de adolescentes do sexo feminino são muitas vezes difíceis de distinguir das do casamento. E casamentos são milhares, podemos perceber que, naquilo que as pessoas não querem, as fotos de casamento são das primeiras a serem deitadas fora. Toda a coreografia dos casamentos está a ser estudada no Arquivo Ephemera e dará uma exposição que será surpreendente. Como sempre entendemos, o valor da quantidade, que tem pior fama do que a qualidade, permite perceber coisas novas.

Para além das crianças, há bastante menos fotos de adolescentes, ou de jovens adultos, começando em seguida uma série de fotos estereotipadas: praia, junto de um carro novo, em almoços em restaurantes onde há um fotógrafo, reuniões de empresas, viagens. Depois há fotos de adultos mais velhos, muitas vezes de casais, arranjadas em combinações com sentido patriarcal, para presidirem à memória familiar.

No caso português, a história irrompe nas fotografias comuns com a Guerra Colonial. Os soldados fotografam-se nos cenários de guerra, nos quartéis, no mato, em festas masculinas e em missas nos aquartelamentos. Há um claro machismo em muitas fotografias, com as armas e em posturas bélicas encenadas, mas há também em ambientes exclusivamente masculinos um certo traço homoerótico. Nalguns casos a violência sexual com jovens negras é mais que evidente.

Muitos outros aspectos estão presentes nestas fotografias absolutamente comuns, vestuário, posturas, encenações. É possível ver a pobreza, mas só espreitando ocasionalmente. A pobreza não é matéria destes tipos de fotografias.

Quanto às fotografias mais institucionais, cerimónias no Estado Novo, desfiles, missas, visitas de ministros, o que mais impressiona em grande número é a pompa oficial, a falta de naturalidade seja de que tipo for, as poses e a coreografia estereotipada. Claro que quando se olha para o detalhe vê-se muita coisa que nestas fotografias que não é para ver, as cortinas puídas, os vasos partidos, os móveis estragados, os tapetes gastos. E, no conjunto das grandes encenações, a miséria política da ditadura, mas também o papel dos militares e da igreja.



O exemplo que ilustra este artigo tem a seguinte legenda: 'Festa da Legião Portuguesa. Prior de Sesimbra falando aos legionários', e é de 28 de Maio de 1939

O exemplo que ilustra este artigo tem a seguinte legenda: "Festa da Legião Portuguesa. Prior de Sesimbra falando aos legionários" e é datada de 28 de Maio de 1939. O prior está a berrar no comício, inflamado pela festa legionária que ocorre em Setúbal, em vésperas da II Guerra Mundial. À sua volta está no palanque a burguesia local vestida a rigor e alguns militares. Ao seu lado, um legionário pouco marcial, em baixo um rapaz pobre e um negro. O resto das fotografias deste comício incluem condecorações e marcha dos legionários com as espingardas anacrónicas. Tudo medíocre, provinciano, uma imitação paupérrima dos regimes nazi e fascista. Mas, não nos enganemos, o prior está lá, tal como padres, bispos e cardeal por todo o lado, mostrando o papel da igreja, mas, no seu conjunto, esta gente engalanada e triste era perigosa.

O poder da fotografia é mostrá-lo demasiado bem.

Historiador. Escreve ao sábado

Espaço público

Sabe onde acaba a roupa que devolve *online*?

Coffee break



Bárbara Reis

Há 20 anos, uma amiga de Nova Iorque disse-me que não tinha tempo para comprar roupa, tinha dois filhos pequenos e alguns países saídos de guerras civis para ajudar.

– Porque é que vou perder tempo a ir a lojas, se posso encomendar vários tamanhos e várias cores *online* e devolver o que não quero?

Agora, outra amiga de Nova Iorque marcou viagem para Lisboa e, porque gosta muito de uma marca de roupa francesa que não se vende nos EUA, foi ao *site* francês e encomendou várias coisas para entrega em Lisboa. As taxas alfandegárias que os EUA cobram aos bens importados da Europa são altas, transacções que, no mercado europeu, custam zero euros.

Primeiro veio a caixa, enorme; semanas depois, a amiga. Chegou, abriu a encomenda, tirou os cartões que fazem de chumaços para acomodar as peças, tirou as folhas de papel de seda, tirou os sacos de plástico e, mal viu a roupa, fez má cara.

Nada era como tinha imaginado. Nem os tamanhos – e ela encomendou mais do que um para a mesma peça –, nem os cortes, nem as cores. O que parecia bonito no *site* era afinal largueirão, sensaborão, deselegante. Torceu o nariz e foi experimentar.

Passados nem dez minutos, estava de volta. Não valia a pena. Estava tudo mal. No dia seguinte, foi aos correios e devolveu tudo para França.

Disse a minha amiga, que trabalha com mercados e comércio internacional há 30 anos:

– Que estupidez. Caixas e sacos e roupa de um lado para o outro para nada. O que vale é que a devolução é grátis.

Mas não é "para nada" e só é gratuito para o cliente. É mau para o planeta e para as empresas.

É conhecida a história de Aparna Mehta, que acaba de se reformar como vice-presidente do departamento de Global Customer Solutions da UPS, que, do escritório em Anaheim, na Califórnia, trabalhou durante anos no desenvolvimento de "soluções inovadoras e tecnológicas" de logística.

É conhecida porque, tendo percebido que estava viciada em compras *online*, e sabendo um pouco sobre o mundo da logística, ficou horrorizada ao descobrir o que acontece às devoluções. E fez um TED Talk que começa assim:

– Olá, o meu nome é Aparna e era viciada em devoluções *online*.

Podia aqui falar dos números impressionantes do desperdício da indústria da moda: os seus 10% das emissões mundiais de gases com efeito de estufa; os 20% da poluição das águas residuais industriais; os 2700 litros de água necessários para fazer uma *T-shirt* de algodão; os 57% da roupa deitada fora que vai para aterros.

Mas não é sobre isso que Aparna Mehta fala. Ela não quer mudar a indústria mundial da moda. Tem uma ambição mais modesta: mudar o hábito de comprar a mais para devolver. Só nos EUA, 40% dos clientes *online* compram vários tamanhos do mesmo artigo com a intenção de devolver alguns.

Há cálculos que indicam que o custo do dióxido de carbono das devoluções nos EUA é equivalente à produção de três milhões de carros.

O *teaser* do seu TED Talk diz: "Já alguma vez encomendou roupa *online* em tamanhos e cores diferentes, só para a experimentar, e depois devolver o que não serve? Aparna Mehta estava sempre a fazer isso, até que um dia se perguntou: para onde vão todas estas roupas devolvidas?"

Uma das respostas é: para o Chile. As montanhas de roupa no Chile chegaram a ser tão grandes que eram captadas com clareza por imagens de satélite. Em 2022, teriam entre 11 e 59 toneladas.

A denúncia apareceu originalmente no *site* do *Grist*, organização de *media* independente "dedicada a contar histórias de soluções climáticas e futuro justo", e este ano a reportagem foi co-publicada no diário *El País* e na revista *Wired*, como parte da Climate Desk, uma colaboração jornalística multimédia internacional com dezenas de parceiros, como o *Guardian*, a Yale Environment 360 e o *Bulletin of the Atomic Scientists*.

Há anos que as roupas são amontoadas no deserto de Atacama, 1600 quilómetros a norte de Santiago do Chile, conhecido por ser uma das regiões mais áridas do planeta e por ser um "deserto florido". Quando chove muito, o que é raro, grandes áreas do deserto ficam subitamente cobertas por um tapete de flores roxas e amarelas, de entre 200 espécies de plantas que florescem, um fenómeno natural ligado a sementes dormentes que conseguem ficar anos à espera de chuva sem morrer.

Na reportagem do *Grist*, li que ninguém sabe quanta roupa passa por ano pelo porto de Iquique, mas são muitas toneladas. Os contentores vão para a zona franca de Zofri, onde estão os armazéns de 50 importadores de roupa usada. "O Chile é o maior importador de roupa usada da América do Sul e, entre 2020 e 2021, foi o importador de roupa usada que mais cresceu no mundo."



Se devolver uma cadeira, é provável que regresse à loja. Com a roupa é diferente. Toneladas acabam no deserto do Chile e em lixeiras africanas. Ainda com as etiquetas do preço

Segundo o grupo global de defesa do ambiente Eko, 85% da roupa usada importada para Iquique não é vendida.

Para onde vai? Isso: para o deserto de Atacama.

Continuei a ler: nos últimos 20 anos, a produção mundial de roupa duplicou, ao mesmo tempo que o número de vezes que uma peça de roupa é usada antes de ser deitada fora diminuiu 36%. "Países como o Chile, o Haiti e o Uganda tornaram-se repositórios de restos da *fast fashion*. Só em 2021, o Chile importou mais de 700 mil toneladas de roupa nova e usada, o peso equivalente a 70 torres Eiffel."

O jornal *online Quartz*, que escreve sobre grandes empresas, negócios, tecnologia e inovação, publicou em 2016 uma notícia cujo título era "Os presentes devolvidos estão a criar um desastre ambiental".

Diz o jornal que "muitas devoluções não voltam para o inventário das lojas e para as prateleiras". O que acontece? "Aumentam a pegada de carbono à medida que percorrem uma rede de intermediários e revendedores. A cada passo, uma parte desses bens será descartada em aterros sanitários."

Ou em montanhas ilegais no deserto de Atacama, no Haiti, Uganda, Quénia e Gana. Só ao mercado de roupa em segunda mão de Acra, no Gana, chegam por semana 20 milhões de peças com origem no Ocidente – 40% saem do mercado como lixo e vão para baldios.

Já percebeu como isto acaba: muitas roupas são encontradas ainda com as etiquetes do preço. Nunca foram usadas. São as nossas roupas devolvidas.

Jornalista. Escreve ao sábado

ANADOLU/GETTY IMAGES



Os rankings do nosso descontentamento

Coluna do Provedor



José Alberto Lemos

Dois leitores viram numa notícia sobre rankings universitários a intenção de esconder os maus resultados das universidades nacionais

Há cerca de duas décadas que é assim. Sempre que são revelados os rankings sobre o ensino, a polémica é inevitável. Desta vez, foi o ranking de Xangai, cujos resultados foram conhecidos a 15 de Agosto, e não são lisonjeiros para as universidades portuguesas. Duas das cinco que estavam entre as 500 melhores baixaram desse patamar.

Dias depois, a 26/8, o PÚBLICO publicou um artigo em que vários especialistas polemizavam sobre a utilidade dos rankings universitários, numa pluralidade de opiniões que teve como pretexto a decisão de duas universidades europeias de abandonar um outro ranking, o *Times Higher Education*. Poderiam as universidades portuguesas dar-se a esse "luxo"? Afinal os rankings são úteis e incontornáveis ou nem por isso?

Interrogações que motivaram o artigo, no qual dois leitores viram uma tentativa de descredibilizar os rankings universitários. Na sequência da publicação do ranking de Xangai deste ano, o leitor Pacheco Torgal recorda "os maus resultados de algumas universidades portuguesas" para acusar a imprensa de "não cumprir o seu dever de procurar saber junto dos responsáveis universitários as causas e os culpados desse péssimo resultado". Em vez disso, o PÚBLICO "optou por fazer algo absolutamente impensável, tentar descredibilizar os rankings universitários". "Infelizmente, a lamentável peça jornalística optou por juntar tudo no mesmo saco, misturando alhos com bugalhos, assim contribuindo, muito oportunamente, para esconder o mau desempenho de algumas universidades portuguesas", acusa.

O leitor classifica a peça como "pouco rigorosa" e nela vê "uma única parte positiva", a referência ao estudo coordenado pelo professor da Universidade do Minho e actual ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre, denominado *Do Made in ao Created in – Um Novo Paradigma para a Economia Portuguesa*, que definiu como objectivo ter até 2030 "pelo menos uma universidade entre as 100 melhores do mundo e cinco áreas científicas entre as 75 melhores do mundo no ranking de Xangai".

Sobre o primeiro objectivo o leitor garante


PAULO PIMENTA

"nunca foi, não é, e nunca será" cumprido. Isto, porque há "áreas científicas absolutamente nada competitivas" mesmo nas melhores universidades, um problema que só se resolve com "uma exigência muito superior na contratação de professores". Também a inexistência de uma "qualificação científica mínima" lhe parece "especialmente prejudicial para o futuro dos jovens investigadores".

Idêntica perspectiva sobre o artigo exprimiu o leitor Miguel Galaz, para quem a reportagem "coloca no mesmo saco uma série de rankings, faz um *cherry-picking* [escolha selectiva] de algumas características das mesmas, e tenta desvalorizar como um todo uma das poucas ferramentas que temos para avaliar o nosso sistema académico". O leitor enumera "vários problemas" de que "o sistema académico/científico sofre". Fala do subfinanciamento, dos "obscenos índices de endogamia", da inexistência de meritocracia, do "envelhecimento da academia", do domínio de catedráticos que "empurram para fora quem é minimamente ameaçador para a sua autoridade", da sua "nula produção científica", e das promoções que "carecem de qualquer independência".

Por tudo isto é que, "num sistema destes, jamais uma faculdade entrincheirada em interesses internos conseguirá captar um Nobel para lá trabalhar" – um dos critérios do ranking de Xangai – "e ainda menos para produzir trabalho científico que vença um prémio destes", garante o leitor, "Muitos dos nossos melhores cientistas estão lá fora porque o sistema assim quer", opina o leitor.

Elogiando o PÚBLICO por "ser o único que dedica tempo e espaço ao tema da ciência e da academia", vê, contudo, no artigo a intenção de "desculpabilizar os terríveis resultados que tivemos no ranking de Xangai". A peça pareceu-lhe "tendenciosa", "unilateral", e lamenta que não tenha sido analisado "o porquê de as universidades terem resultados tão maus", concluí.

O provedor inquiriu o autor da notícia acerca destas críticas. Tiago Ramalho assegurou que "não existiu nenhuma tentativa de descredibilizar rankings universitários", porque "o intuito nunca foi reflectir sobre o desempenho das universidades portuguesas nos rankings", mas "perceber a relevância dos mesmos para as instituições, bem como os motivos para o crescimento da sua importância ao longo da última década".

O jornalista lembra que deu voz a fontes com percursos e geografias diversas, ouvindo cinco responsáveis do ensino superior, cinco investigadores na área da política e publicação científica e uma responsável da Associação Europeia de Universidades. E apurou que "os responsáveis do ensino superior tendem a ver mais virtudes, os investigadores mais defeitos. O restante é contextualização e explicação para o peso dos rankings".

"Naturalmente, é infundada e mal-intencionada a ideia de que pretendemos 'esconder o mau desempenho de algumas universidades portuguesas', atendendo a que nunca foi intuito do texto analisar as universidades portuguesas", reage.

"As causas dos maus resultados nos rankings universitários podem ser analisadas e escrutinadas junto dos responsáveis das instituições de ensino superior. Mas isso seria um outro trabalho, distinto do que foi feito aqui. Neste texto, fizemos um trabalho na sequência de eventos como a saída de rankings de duas universidades e demos a voz a várias fontes para explicar o que justifica isso e se tal seria possível em Portugal", conclui o jornalista.



Dizer que o artigo visou 'desculpabilizar' ou 'esconder o mau desempenho' das universidades portuguesas é errar o alvo e vislumbrar dolo onde nem sequer negligência existe

O provedor entende que há um duplo equívoco nas queixas dos leitores. Por um lado, criticam no artigo aquilo que lá não está e atribuem-lhe intenções que não existem; por outro, censuram o facto de o artigo não abordar aquilo que gostariam que ele abordasse.

A peça não toma posição sobre a utilidade dos rankings, limita-se a ouvir opiniões diversificadas sobre o assunto. E essas opiniões são plurais, como seria de esperar. Se citasse apenas críticos dos rankings, aí, sim, seria unilateral e as objecções dos leitores fariam sentido. Mas não é isso que acontece, bem pelo contrário. Entre os 11 especialistas ouvidos, somente três contestam claramente a utilidade dos rankings, há uma opinião ambígua e sete sublinham a sua utilidade, embora um deles com um toque crítico.

Esta contabilidade, só por si, demonstra que o artigo não desvaloriza os rankings e muito menos tenta descredibilizá-los. O que faz é polemizar em torno da sua existência, chamar a atenção para o facto de hoje serem incontornáveis e, a propósito do abandono de um deles por duas universidades, questionar se tal cenário seria plausível para as universidades portuguesas.

O objectivo do artigo está bem patente no título ("As universidades estão viciadas em rankings. É um beco sem saída?") e numa frase que surge mais do que uma vez: "O peso dos rankings no ensino superior tem crescido: isso é bom ou mau?" Sublinhe-se a interrogação em ambos os casos, que traduz o objecto e o espírito do artigo.

Os dois leitores exprimem a sua opinião fortemente crítica em relação ao funcionamento do sistema universitário português, considerando-o responsável pelo fraco posicionamento das universidades nos rankings. Opiniões absolutamente legítimas, das quais partem para criticar o artigo por nada dizer sobre o assunto. Acontece que o artigo não era sobre as causas da má classificação portuguesa nos rankings, mas sim sobre a utilidade ou não de participar neles.

Tendo sido publicado poucos dias depois da notícia sobre os rankings de 2024, em que só há três universidades portuguesas entre as 500 melhores, a expectativa dos leitores era certamente ler sobre as razões sistémicas desse fraco desempenho. Uma expectativa que o provedor partilha e que jornalisticamente faria sentido. Mas dizer que o artigo aqui em análise visou "desculpabilizar" ou "esconder o mau desempenho" das universidades portuguesas é errar o alvo e vislumbrar dolo onde nem sequer negligência existe.

Fica, contudo, a sugestão implícita nas críticas dos dois leitores aos responsáveis do jornal – investiguem-se as razões sistémicas do fraco desempenho universitário português nos rankings e publique-se um trabalho sobre o tema. Boas pistas não faltam.

provedor@publico.pt

António Costa e ex-secretária colocam Lacerda Sales no centro do caso das gémeas

Ex-secretária do antigo responsável da Saúde confirma que fez um pedido para marcação de consulta no Hospital de Santa Maria e diz que agiu por ordem do ex-secretário de Estado

Joana Mesquita e Maria Lopes

Primeiro, foi António Costa a vir dizer que os governantes são responsáveis pelos "actos e omissões de quem está sob a sua direcção ou tutela". Horas depois, foi a vez de a antiga secretária de Lacerda Sales garantir, de forma taxativa, que a sua intervenção no caso das gémeas foi sempre feita a pedido ou com conhecimento do então secretário de Estado da Saúde. Dois depoimentos que atiram Lacerda Sales directamente para o centro do caso das duas gémeas tratadas com o medicamento Zolgensma no Hospital de Santa Maria.

Ouvida ontem na comissão parlamentar de inquérito (CPI), Carla Silva, antiga secretária de Lacerda Sales, contrariou em toda a linha a versão do antigo governante. "Não fiz nada que o senhor secretário de Estado da Saúde não soubesse ou não me tivesse pedido", garantiu aos deputados.

Como já tinha referido à Inspecção-Geral das Actividades em Saúde – que acabou por concluir "que não foram cumpridos os requisitos de legalidade" no acesso das duas gémeas à consulta –, Carla Silva afirmou ontem na CPI que tomou conhecimento do caso quando António Lacerda Sales lhe "pediu que contactasse Nuno Rebelo de Sousa". E que, na sequência, enviou um *email* para a directora de pediatria do Hospital de Santa Maria, Ana Isabel Lopes, para desbloquear a marcação da consulta das gémeas, novamente a pedido do secretário de Estado da Saúde.

Antes do envio do *email*, Carla Silva ligou à directora de pediatria do Santa Maria, num telefonema para a enquadrar no caso: "A pedido, logicamente, do senhor secretário de Estado da Saúde." Já na segunda ronda de perguntas, Carla Silva referiu que o contacto com a directora de pediatria foi um "pedido de marcação de consulta".

Por várias vezes, a antiga secretária frisou que estava a cumprir "ordens", sublinhando que, aquando do caso, estava "há 15 dias" na função e ainda "a tentar perceber como um gabinete ministerial funcionava". "Hoje agiria de outra forma", vincou, acrescentando que não lhe "passou pela cabeça" que estivesse em causa "alguma irregularidade".

Questionada sobre por que motivo é que não colocou o secretário de Estado com conhecimento nos *emails* que trocou, respondeu que considerou que o caso "não era de todo relevante".

"Bode expiatório"

António Lacerda Sales negou sempre ter mandatado Carla Silva para recolher informações sobre as gémeas junto de Nuno Rebelo de Sousa e para contactar o Hospital de Santa Maria. E, na sua audição parlamentar, mostrou-se arrependido por ter concedido um louvor a Carla Silva. "Se soubesse desta matéria", não concedia o louvor, afirmou então.

Questionada sobre a mudança de posição de António Lacerda Sales, Carla Silva pergunta agora: "Será que é pelo facto de eu estar a dizer a verdade?"

"Temos um ex-secretário de Estado a negar qualquer intervenção neste caso e a levantar suspeições



Estou a dizer a verdade e tenho um secretário de Estado a levantar suspeitas sobre mim

Carla Silva
Antiga secretária de Lacerda Sales

em relação a mim, que era secretária de gabinete e supostamente de confiança", apontou Carla Silva, admitindo sentir-se "um bode expiatório" no caso.

Por outro lado, Carla Silva disse ter reencaminhado para Lacerda Sales um *email* de Nuno Rebelo de Sousa em que vinha anexado um *email* de Daniela Martins, no qual a mãe das crianças agradece a ajuda prestada pelo secretário de Estado.

Para Carla Silva, o facto de Lacerda Sales ter recebido esta comunicação contraria a versão do antigo secretário de Estado, provando que este estava a par do caso. "Felizmente tenho um *email* que me salvaguarda", assinalou Carla Silva, referindo-se precisamente ao agradecimento de Daniela Martins.

Carla Silva adiantou também que, já depois de o caso ter sido tornado público, o antigo governante lhe propôs um encontro para lhe fazer uma pergunta. O encontro não chegou a acontecer. De acordo com o relato que fez à comissão, quando propôs a Lacerda Sales que se encontrassem no Ministério da Saúde – onde permaneceu a exercer funções –, o antigo secretário de Estado disse que "já não era necessário".

"Não sei qual é que era a questão que me queria colocar, mas foi o único caso em que disse que queria falar comigo", notou.

Carla Silva tinha pedido que a sua audição fosse à porta fechada, pedido parcialmente aceite pela comissão – a antiga secretária de Lacerda Sales foi ouvida numa sala sem a comunicação social e a transmissão omitiu a imagem da depoente, emitindo apenas a sua voz.

Questionada sobre por que motivo solicitou uma audição à porta fechada, a antiga secretária de Lacerda Sales disse ter de se "proteger".

"Não sei o que é que está por trás deste processo. Tenho que me proteger e defender ao máximo", sublinhou, negando, contudo, ter sofrido alguma pressão desde que o caso se tornou público.



DANIEL ROCHA



António Costa distanciou-se de Lacerda Sales

Instigada a esclarecer o que pode estar por trás do processo, Carla Silva não concretizou, mas garantiu: "Estou a dizer a verdade e tenho um secretário de Estado a levantar suspeitas sobre mim."

No final do depoimento, e depois de uma última intervenção, emocio-

ANTÓNIO COTRIM/LUSA



nada, de Carla Silva, em que agradeceu aos que acreditam em si, Rui Paulo Sousa, presidente da CPI, deu conta de que a imagem de Carla Silva, por "lapso", foi transmitida por momentos no Canal Parlamento, pelo que pediu "sinceras desculpas" em nome da comissão e dos serviços.

Recorde-se que, na sua audição na CPI, António Lacerda Sales, que é arguido no processo do Ministério Público dedicado ao caso, assumiu a "responsabilidade política" pelas acções da sua secretária, mas remeteu para a portaria 95/2013, que refere que "os pedidos de primeira consulta de especialidade em papel são rejeitados e devolvidos aos respectivos prestadores". Desta forma, "qualquer pedido deveria ter sido rejeitado", assinalou Lacerda Sales.

O Chega anunciou, depois desta audição, que quer chamar António Lacerda Sales novamente à comissão parlamentar de inquérito.
Horas antes do depoimento de Carla Silva, chegaram à CPI as respostas de António Costa, que, por ser ex-primeiro-ministro, pôde responder por escrito às questões dos deputados.

Questionado pelo grupo parlamentar do PSD sobre se os secretários de Estado "devem assumir a responsabilidade política das acções das suas secretárias", Costa respondeu que os membros do Governo "são politicamente responsáveis pelos seus actos e omissões e, consoante a situação concreta, por actos e omissões de quem está sob a sua direcção ou tutela".

Uma frase que acaba por responsabilizar o seu anterior secretário de Estado da Saúde pelas diligências que a secretária pessoal tenha feito.

Na resposta enviada ao Parlamento, António Costa refere também que "um secretário de Estado não tem competência para marcar consultas, que só podem obviamente ser marcadas por quem tem para tal competência em cada instituição do SNS".

O antigo primeiro-ministro garante que não teve qualquer interferência neste caso: "Não recebi nem tive qualquer contacto sobre este assunto com quem quer que seja."

Questionado pelos partidos, refere também que não teve qualquer encontro ou contacto com Nuno Rebelo de Sousa nem seu representante sobre o pedido de ajuda para as gémeas luso-brasileiras; que nunca falou sobre isso com Marta Temido ou Lacerda Sales nem com qualquer membro das administrações dos hospitais de Santa Maria ou Estefânia.

Questionado pelo CDS-PP sobre se considera que o SNS e o Estado podem ter sido lesados por disponibilizarem medicamentos no valor de quatro milhões de euros às duas crianças quando havia um seguro feito no Brasil para acautelar esta despesa, António Costa afirma ainda que "uma resposta conclusiva só poderá ser dada na sequência do inquérito-crime instaurado pelo Ministério Público e/ou dos trabalhos desta comissão parlamentar de inquérito".

Tutti Frutti: AR aprova levantamento da imunidade de Medina

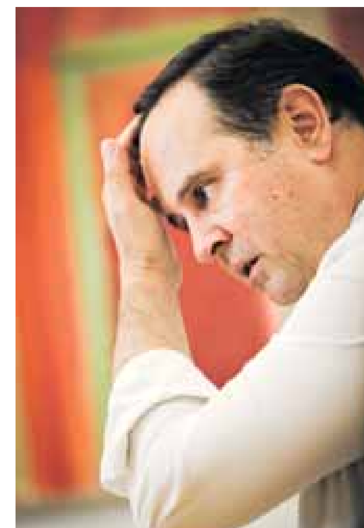
Ex-autarca e ex-ministro foi constituído arguido em caso de alegados favorecimentos a militantes do PS e do PSD

O Parlamento aprovou ontem, por unanimidade, o parecer da comissão de transparência favorável ao levantamento da imunidade parlamentar do deputado socialista, ex-ministro e ex-presidente da Câmara de Lisboa Fernando Medina, no âmbito do processo judicial *Tutti Frutti*.

No fim de Julho, o próprio Fernando Medina divulgou que, através de uma comunicação da Assembleia da República, tomara conhecimento de que o Ministério Público solicitava a sua audição, na qualidade de arguido, no âmbito do inquérito conhecido como processo *Tutti Frutti*. Uma operação que investiga desde 2018 alegados favorecimentos a militantes do PS e do PSD, através de avenças e contratos públicos.

Impende sobre o ex-autarca de Lisboa a suspeita da prática de um alegado crime de prevaricação. Em causa está a atribuição alegadamente indevida, enquanto presidente da Câmara Municipal de Lisboa, em 23 de Março de 2017, de um apoio financeiro no valor de 200 mil euros, a realizar em dois anos, à XV – Associação Amigos do Rugby do Belém, no âmbito do apoio ao associativismo desportivo.

Na sequência desta diligência do Ministério Público, o ex-presidente da Câmara de Lisboa (2015-2021) pediu imediatamente à Comissão Parlamentar de Transparência, "com a maior brevidade possível", o levantamento da sua imunidade parlamentar.



Fernando Costa foi presidente da Câmara de Lisboa

Fernando Medina disse então esperar que, "pela primeira vez em tantos anos", tenha agora "a oportunidade de esclarecer em sede própria as dúvidas que o Ministério Público tem sobre o apoio que foi concedido pelo executivo municipal a um clube de Lisboa".

"Vi, com perplexidade, que a fundamentação do Ministério Público assenta num erro grosseiro e inexplicável. De acordo com a lei, o presidente de câmara não pode atribuir apoio a clubes, associações e outras entidades de âmbito cultural, desportivo, social, recreativo ou outras", escreveu Fernando Medina.

O antigo autarca contrapôs que essa competência "é, de acordo com a Regime Jurídico das Autarquias Locais (...), uma competência exclusiva e não delegável do órgão executivo do município, que é a câmara municipal".

Na sua resposta, o ex-ministro e ex-presidente da Câmara de Lisboa assinalou também que "as propostas submetidas a deliberação do executivo camarário são preparadas pelos serviços municipais e avaliadas por um conjunto significativo de pessoas, de todos os partidos, antes de serem presentes à reunião de câmara para apreciação e votação".

"Tal procedimento visa assegurar o mais minucioso escrutínio, para que todas as propostas em votação cumpram escrupulosamente a lei e os regulamentos aplicáveis. Assim aconteceu com a proposta de apoio à XV – Associação Amigos do Rugby do Belém, a qual, após análise e apreciação de todo o executivo municipal, foi aprovada por unanimidade dos vereadores eleitos por todos os partidos políticos. Sem excepção", frisou Medina. Depois, deixou a seguinte pergunta: "Em que se baseia o Ministério Público para invocar qualquer ilegalidade no acto da câmara municipal?"

Fernando Medina apontou ainda que, "nesse mesmo período – e no contexto da preparação de Lisboa, Capital Europeia do Desporto –, foram atribuídos apoios a vários outros clubes e associações de râguebi da cidade, designadamente Direito, CDUL e Rugby São Miguel, cumprindo um objectivo geral de reforço das condições de desenvolvimento desta modalidade desportiva". **Lusa**

Venezuela divide eurodeputados do PS: da exigência de provas ao imperativo moral

Maria Lopes

Resolução que reconhece vitória de Edmundo González nas presidenciais da Venezuela abriu brecha nos socialistas portugueses

O voto dividido dos oito eurodeputados socialistas na resolução do Parlamento Europeu proposta pelo PPE, Patriotas e Conservadores, e Reformistas, que reconhece Edmundo González Urrutia como o "legítimo e democraticamente eleito Presidente da Venezuela", está a ser criticado publicamente por figuras nacionais do PS. A cabeça de lista socialista Marta Temido, assim como os números três e quatro, a ex-ministra Ana Catarina Mendes e Bruno Gonçalves, votaram contra – como a maioria da bancada socialista e a bancada liberal – ao passo que Francisco Assis, André Rodrigues, Carla Tavares, Isilda Gomes e Sérgio Gonçalves votaram a favor, ao lado das bancadas de partidos da direita.

Temido argumenta que, primeiro, devem ser divulgados publicamente os dados eleitorais reais das eleições de 28 de Julho – "precisamos de provas" – sobre as quais o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) disse que Maduro venceu com 51,2% dos votos e González com apenas 44,2%. Ao passo que Assis, que salienta conhecer a situação da governação de Maduro no terreno, defende que neste caso "há imperativos morais que se sobrepõem a qualquer imperativo político". Num universo de 720 deputados, a resolução foi aprovada com 309 votos a favor, 201 contra e 12 abstenções, sendo que quase 200 eurodeputados optaram por não votar ou não compareceram.

Quem votou a favor foi saudado publicamente pela ex-eurodeputada Isabel Santos, que chefiou a última missão de observação eleitoral da EU à Venezuela, e assinala que já passaram quase dois meses desde a eleição "sem que o regime de Maduro apresente provas da vitória que reivindica". Pelo que, diz Isabel Santos, "perante as actas apresentadas pela oposição", também lhe seria "impossível" votar contra a resolução. E até assinala a "energia e coragem com que Sebastião Bugalho tem abraçado esta causa". O ex-secretário de Estado da Internacionalização de António Costa, Jorge Costa Oliveira, usou mesmo o termo "vergonha" para condenar a votação contra de Temido, Mendes e Gonçalves, que diz ser "contra a história do PS como partido que luta pelas liberdades".



Francisco Assis votou a favor da resolução; Marta Temido e Ana Catarina Mendes contra

> **Jamais votaria de outra maneira, independentemente da avaliação que fizessem dentro do meu partido**
> **Francisco Assis**
> Eurodeputado do PS

> **Não podemos correr riscos, como o do voluntarismo que levou ao reconhecimento isolado de Gaidó**
> **Marta Temido**
> Eurodeputada do PS

O PÚBLICO questionou a assessoria de Pedro Nuno Santos, que não se deverá pronunciar, por enquanto. Porém, a prazo, os deputados da Assembleia da República vão ter que assumir o seu sentido de voto em resoluções parecidas, já que há dois projectos de resolução apresentados pelo Chega e pela IL sobre o assunto. No primeiro recomenda-se que Portugal não reconheça os resultados enquanto não forem divulgadas as "actas relevantes e analisadas por um organismo internacional independente que ateste a sua veracidade e legitimidade", ao passo que os liberais querem mesmo o reconhecimento internacional de Edmundo González como vencedor.

Ao PÚBLICO, Marta Temido admite que esta divisão entre os eurodeputados "não é incomum e representa a pluralidade democrática em temas complexos", assim como as "distintas visões sobre os caminhos comuns da necessidade de proteger a democracia na Venezuela". "Nós falamos mais no plano da ordem internacional; Assis fala do plano interno que conhece", aponta.

A sua "bitola", diz Temido, "é a das relações internacionais", que "não se podem construir com base naquilo que queremos que seja; precisamos de a sustentar com provas." "Pessoalmente, entendo que não podemos correr riscos como os do voluntarismo que levou ao reconhecimento isolado de Gaidó como Presidente interino. (...) Queremos que sejam divulgados os resultados eleitorais porque sem eles a nossa posição é inconsequente", defende a eurodeputada. "De que vale reconhecermos, se Maduro não o reconhece? Se tivermos as provas, ele também terá que o reconhecer." Acrescenta que há trabalho a ser feito "nos canais diplomáticos próprios, conduzidos com a sensibilidade que exigem", para se conseguirem as actas eleitorais.

Por seu lado, Francisco Assis argumenta que o Parlamento Europeu, que se tem "empenhado na promoção da liberdade de todos no mundo (...) não podia deixar de reconhecer a vitória de González. Porque não temos dúvidas nenhumas e o gesto é um alento para milhões de venezuelanos que estão a ser perseguidos pelo terrorismo de Estado do regime de Maduro." Recorda que acompanhou a questão da Venezuela como eurodeputado entre 2015 e 2019, visitou campos de refugiados – haverá oito milhões de venezuelanos deslocados – e vinca ter "essa experiência de saber o que é a repressão e violência de Maduro".

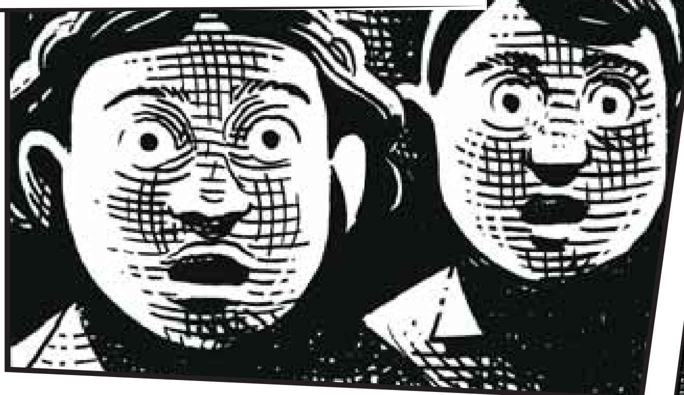
Assis afirma que "a tese de que é uma cedência à extrema-direita é absurda" e que foram votadas algumas emendas à resolução. "Jamais votaria de outra maneira, independentemente da avaliação que fizessem dentro do meu partido. A minha consciência está acima disso." Tal como também rejeita comparações com o caso de Juan Gaidó: "Foi um processo diferente, eleito indirectamente através de uma assembleia nacional eleita pelo povo. Aqui houve todo um processo eleitoral, uma vitória esmagadora. Alguém no Parlamento Europeu tem dúvidas sobre quem ganhou as eleições na Venezuela?..."

A resolução conjunta elaborada por Bugalho e pelo espanhol Gabriel Mato foi levada a uma reunião com todos os grupos parlamentares para uma "conversa" e não negociação, vinca o eurodeputado social-democrata ao PÚBLICO, que garante não ter havido mudanças ao texto até ao plenário, apesar de alguns pedidos dos socialistas e liberais nesse sentido – e que foram recusados –, o que os levou a abandonar a conversação. Todos concordavam com toda a resolução, excepto no ponto principal do reconhecimento de Edmundo González.

Na apreciação em plenário foram acrescentados pontos propostos por outras bancadas, entre eles o primeiro, em que se pede às autoridades eleitorais venezuelanas que divulguem todos os resultados de voto de forma "transparente e detalhada" por mesa de voto, e às autoridades governamentais que "respeitem o resultado da eleição e a vontade do povo venezuelano". Mas na votação também caíram algumas partes da resolução original, como a que exortava todos os Estados-membros a reconhecerem González como Presidente e a que defendia um mandado de captura internacional contra Nicolás Maduro por crimes contra a Humanidade.

"Não há nada ali extremista", vinca Bugalho sobre a ideia de que os sociais-democratas se aliaram à direita radical. E lembra que foi aceite a proposta destas mesmas bancadas para que Edmundo González seja nomeado para o prémio Sakarov.

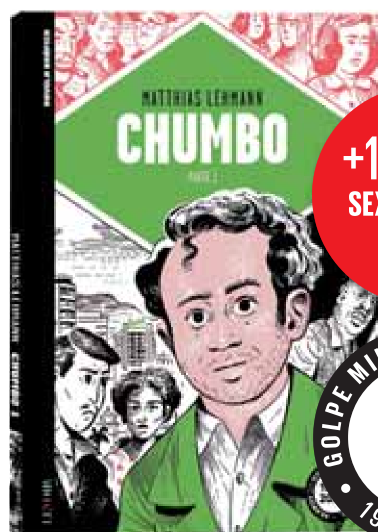
Público LEVOIR







Uma história traçada por um conflito familiar e militar.





COLECÇÃO **NOVELA GRÁFICA VIII** - EDIÇÃO QUINZENAL

LIVRO 7 - CHUMBO, VOLUME 1

De Matthias Lehmann

Entre a riqueza de Minas Gerais e as sombras de uma ditadura brutal, desenrola-se a épica saga da família Wallace. Dois irmãos, Severino e Ramires, separados por ideais e ideologias, encontram-se em lados opostos de um país em turbulência. Inspirado pela sua própria história familiar, Matthias Lehmann convida-nos a explorar mais de seis décadas fascinantes, onde destinos se entrelaçam de uma forma tão complexa quanto a própria história nacional.

COMPRE AQUI



loja.publico.pt

*Colecção de 11 livros em capa dura. PVP unitário: vols. 3, 5, 8, 9 e 11: 13,90 €; vols. 1, 2, 7 e 10: 14,90 €; vols. 4 e 6: 15,90 €. Preço total da colecção: 160,90 €. Periodicidade quinzenal às sextas, entre 5 de Julho e 22 de Novembro de 2024. Stock limitado.

Mais de metade dos docentes do básico e secundário têm redução de aulas

Professores contratados aumentaram, o que poderá ser em parte explicado pelas substituições por baixa médica. Apenas 2,4% dos docentes têm menos de 30 anos

Cristiana Faria Moreira

A maioria dos professores do 2.º e 3.º ciclos e do ensino secundário estão menos de 20 horas por semana nas salas de aulas, segundo revela o Perfil do Docente 2022/2023, divulgado ontem pela Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC). Ou seja, mais de metade (57%) dos cerca de 83.400 docentes destes níveis de ensino das escolas públicas do continente têm horário lectivo reduzido, o que poderá ser um reflexo do envelhecimento da classe.

Olhando mais em detalhe para os dados, dos 18.354 professores do 2.º ciclo, apenas 7409 dão mais de 20 horas de aulas por semana, sendo que 8217 leccionam entre 14 e 19 horas. Os restantes dão 13 ou menos horas de aulas.

No caso do 3.º ciclo e secundário, dos 65.055 docentes, apenas 28.382 têm horário lectivo igual ou superior às 20 horas. Há 27.082 que leccionam entre 14 e 19 horas.

A maioria destes docentes terá esta redução devido à idade. Até aos 50 anos, os professores dão 22 horas de aulas por semana, além de todo o trabalho considerado não-lectivo, como a preparação das aulas, de testes ou a sua correcção e avaliação. A partir dessa idade, tal como estipulado no Estatuto da Carreira Docente, têm direito a uma redução do seu horário. "A partir dos 50 anos, o professor vê reduzido o horário em dois tempos lectivos por semana, passa das 22 para as 20 horas. Creio que [o facto de muitos terem horário lectivo reduzido] tem a ver directamente com a idade dos professores", observa o presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas (Andaep), Filinto Lima.

Os dados da DGEEC também demonstram esse progressivo envelhecimento da classe. Recuando ao ano lectivo 2012/2013, a percentagem de professores do 2.º ciclo com mais de 50 anos situava-se nos 42%. Uma década volvida e representam já 61%.

No caso do 3.º ciclo e secundário – que são o maior grupo do contingente de professores do ensino não-superior –, se em 2012/2013 os docentes com mais de 50 anos representavam 37% do total desse ciclo, dez anos depois representam já 60%.

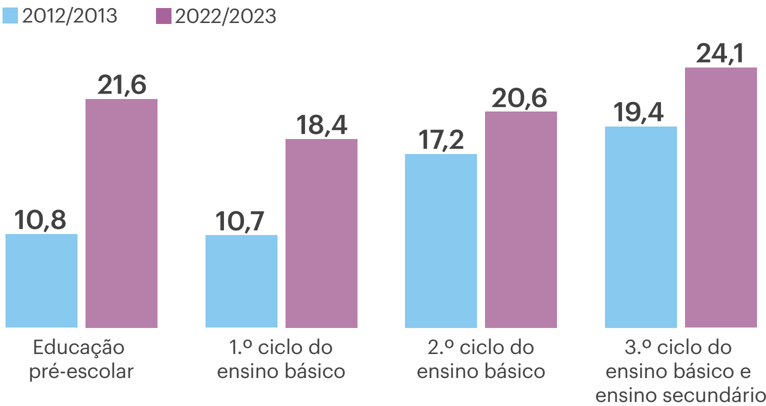
Em todos os níveis de ensino – do pré-escolar ao secundário –, a média de idades dos docentes das escolas públicas é igual ou superior a 50 anos. No pré-escolar é de 55 anos; no 1.º ciclo, de 50 anos; no 2.º e 3.º ciclos e secundário, de 52 anos. Um cenário que é bem diferente no ensino privado: a média de idades baixa consideravelmente, situando-se entre os 40 e os 48 anos.

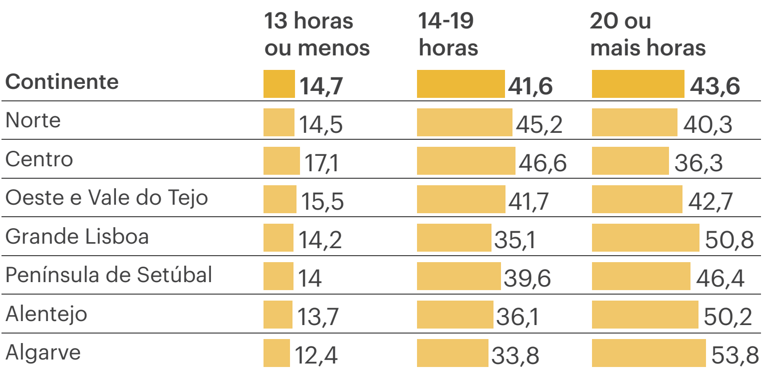
Apenas 2% com menos de 30

Outro dos dados realçados no Perfil do Docente é o número de professores com menos de 30 anos: nas escolas públicas, em 2022/2023, eram apenas 2021 docentes. Contabilizando os que estavam a dar aulas nas privadas, esse número chega aos 3570, o que, olhando para o universo total de professores, representa apenas 2,4%.

Concentram-se, sobretudo, nas regiões do Norte e da Grande Lisboa e, apesar de a sua presença nas escolas continuar a ser escassa, houve

Perfil do docente 2022/23

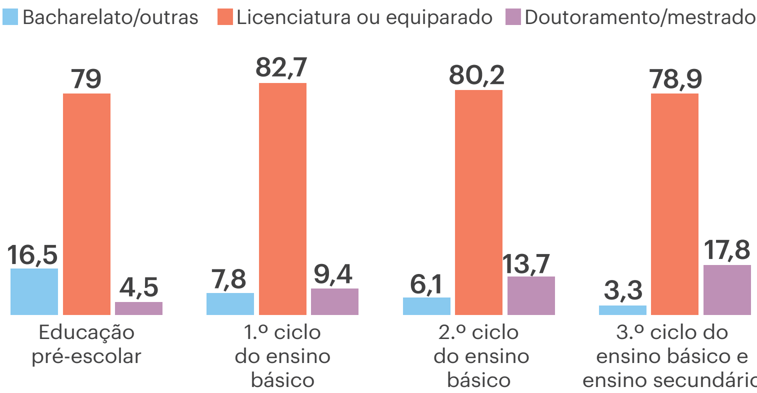


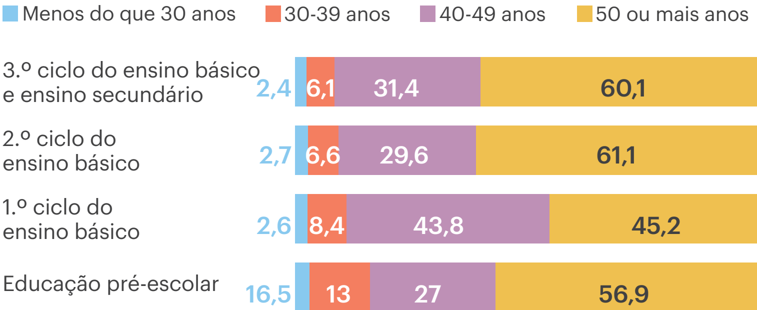


Distribuição dos docentes do 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário com funções lectivas por componente lectiva semanal e NUTSII

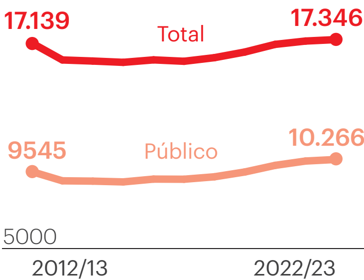
Escolas da rede pública, 2022/2023, em %

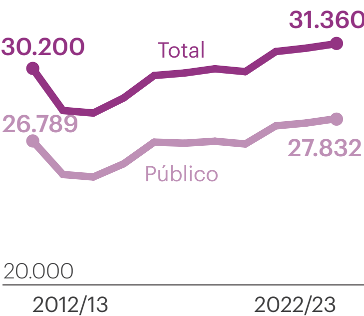
	13 horas ou menos	14-19 horas	20 ou mais horas
Continente	14,7	41,6	43,6
Norte	14,5	45,2	40,3
Centro	17,1	46,6	36,3
Oeste e Vale do Tejo	15,5	41,7	42,7
Grande Lisboa	14,2	35,1	50,8
Península de Setúbal	14	39,6	46,4
Alentejo	13,7	36,1	50,2
Algarve	12,4	33,8	53,8

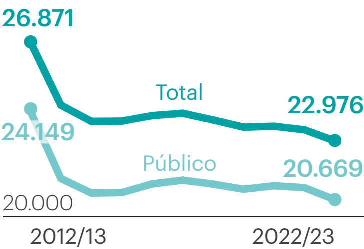


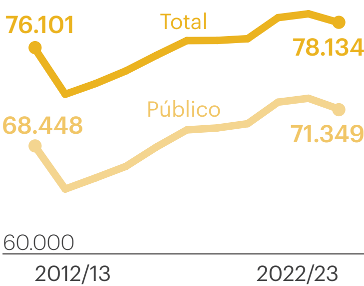


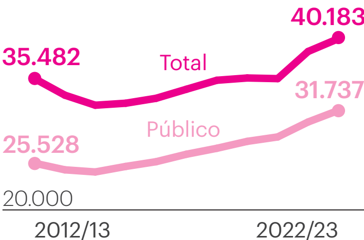
Evolução da distribuição dos docentes por nível de ensino, natureza do estabelecimento de ensino e ano lectivo











Fonte: Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciências

PÚBLICO

NELSON GARRIDO



O progressivo envelhecimento dos professores surge mais uma vez bem evidenciado neste relatório

Estatísticas

Um em cada cinco professores do superior não tem doutoramento

Clara Viana

Cerca de 20% dos 31.737 professores do ensino superior público (universitário e politécnico) estavam a dar aulas, em 2022/2023, sem possuírem um doutoramento, uma habilitação que, neste nível de ensino, é obrigatória para a entrada na carreira. Esta é uma das conclusões que se podem extrair de mais uma edição do *Perfil do Docente*, publicada ontem pela Direcção-Geral do Ensino Superior (DGEEC).

No ensino universitário público a percentagem de professores doutorados rondava os 67% e no politécnico ficava-se pelos 43,4%. O Estatuto da Carreira do Pessoal Docente do Ensino Superior Politécnico, revisto em 2009, introduziu o doutoramento ou o título de especialista como exigência de qualificação para a entrada na carreira. Foi dado um primeiro prazo até Agosto de 2015 para a obtenção destas habilitações, que foi depois prolongado por mais três anos.

Na sua publicação, a DGEEC ignora o título de especialista, não sendo assim possível verificar quantos docentes do politécnico já o obtiveram. Este título é conferido mediante a aprovação em provas públicas e visa comprovar a "qualidade do currículo profissional numa determinada área para o exercício de funções docentes no ensino superior politécnico".

No ensino universitário público, a percentagem de doutorados rondava os 67% e no politécnico ficava-se pelos 43,4%

Em 2022/2023, último ano com dados publicados, estavam a ensinar no politécnico público 12.379 professores, dos quais 7414 (60%) integrados na carreira. Destes, 5371 tinham o grau de doutor. Ou seja, como já referido, 43,4%. Em 2012/2013 eram 27%. O número total de docentes neste subsector do ensino superior passou, neste período, de 9965 para 12.379.

Também o número de docentes do ensino universitário público aumentou de 15.563 em 2012/2013 para 19.358 em 2022/2023. Destes, 64,4% estavam integrados na carreira. Mas, ao contrário do que aconteceu com o seu meio-irmão, o peso dos doutorados diminuiu de 71% para 67,3%.

O maior grupo de doutorados (4780) tinha entre 50 e 59 anos em 2022/2023, seguindo-se os do escalão etário 40-49 anos (3536). É também nestes grupos etários, e pela mesma ordem, que estavam grande parte dos professores doutorados do politécnico.

Sem ser ainda tão grave como no ensino básico e secundário, o envelhecimento tem-se vindo também a tornar uma característica da classe docente do superior. Em 31.737 professores do ensino superior público, 5501 tinham 60 anos ou mais em 2022/2023. Dito de outro modo, representavam 17,3% do total. Em 2012/2013 eram 8,1% de um total de 25.528 professores.

alguma evolução na última década: em 2012/2013, os docentes com menos de 30 anos no 3.º ciclo e secundário representavam apenas 1,1%; uma década depois, a sua representação subiu para os 2,4%. No caso do 2.º ciclo, passou de 1,8 para 2,7%.

Ainda recentemente, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) concluiu na edição deste ano do *Education at a Glance*, onde analisa vários sistemas educativos pelo mundo, que Portugal é o país da OCDE com menor percentagem de professores com menos de 30 anos. Ao mesmo tempo, é o terceiro país com mais professores acima dos 50 anos, só ultrapassado pela Itália e pela Lituânia.

Voltando ao Perfil do Docente, os dados mostram que a grande maioria dos professores tem apenas uma licenciatura ou bacharelato, o que poderá ser explicado pelo facto de muitos terem feito o curso antes do Processo de Bolonha. Actualmente, para obter habilitação profissional é necessário concluir um mestrado em ensino, mas apenas uma pequena parte dos docentes em exercício o tem: entre os educadores de infância, menos de 5% concluíram um mestrado ou doutoramento. No entanto, essa percentagem vai aumentando ao longo dos ciclos. No 3.º ciclo e secundário, os professores com essa habilitação rondam já os 18%. A análise sectorial do Perfil do Docente permite ainda identificar os grupos de recrutamento de Português, Física e Química e Biologia e Geologia como sendo aqueles cujas disciplinas são leccionadas por professores mais velhos — em todos eles, mais de metade dos docentes têm mais de 50 anos. Por outro lado, o grupo de Educação Física é aquele que tem maior percentagem de docentes abaixo dessa idade: são 58%.

Sem surpresas, o relatório nota ainda que esta é uma profissão sobretudo assegurada por mulheres em todos os níveis de escolaridade: no pré-escolar, são 99%, no 1.º ciclo, 88%, no 2.º, 73%; no 3.º ciclo e secundário, 72%.

Contratados aumentam

Os dados da DGEEC mostram ainda que o número de professores contratados nas escolas públicas aumentou significativamente numa década, em todos os níveis de ensino.

Se em 2012/2013 11% dos educadores de infância eram contratados, em 2022/2023 esse número duplicou. No 1.º ciclo, por exemplo, os docentes com contratos a prazo representavam 11% e, uma década depois, eram já 18%.

A Grande Lisboa, a Península de Setúbal, o Alentejo e o Algarve são as regiões onde as escolas mais recorrem a professores que estão fora da carreira. E correspondem precisamente àquelas que o Ministério da Educação identificou como tendo maiores carências e instabilidade no corpo docente — e, consequentemente, mais alunos sem aulas.

Ministério da Educação iniciará em Outubro o processo de revisão da carreira, o que ajudará a torná-la mais atractiva para os jovens

"Os professores contratados aparecem, sobretudo, quando em Setembro pedimos substituições por doenças, por baixas médicas. É uma classe muito atacada pelo *burnout*, cansaço físico, psicológico", refere Filinto Lima, esperando que o concurso de vinculação extraordinária que o Governo tem em curso possa ajudar a colmatar parte do problema e a reduzir o número de alunos que ainda estão sem aulas. "Abriram 2000 vagas, veremos se temos opositores. Este ano muitos professores vincularam, quer nos quadros de zona pedagógica, quer ao nível dos quadros de agrupamento, mas também é o ano que, até ao momento, está a ter mais aposentações", nota ainda o director.

Nos primeiros nove meses do ano, e segundo as listas da Caixa Geral de Aposentações, ter-se-ão reformado 2755 docentes, ao passo que cerca de 6000 dos professores que se apresentaram ao concurso externo terão entrado nos quadros do Ministério da Educação.

A tutela já anunciou que iniciará em Outubro o processo de revisão da carreira em conjunto com os sindicatos, o que passará necessariamente por torná-la mais atractiva para os jovens, aumentando, por exemplo, a remuneração nos primeiros escalões da carreira.

RUI GAUDÊNCIO



Docentes das universidades públicas aumentaram

Hospitais têm de adaptar férias para evitar encerramento das urgências no Inverno

Ana Maia

Ministério determina que férias dos profissionais têm de ser mudadas sempre que inviabilizem a composição integral da equipa

Quando as escalas das urgências não estejam garantidas, os hospitais devem alterar os períodos de férias dos profissionais de saúde para assegurar a resposta durante o Inverno, especialmente em picos de procura, numa tentativa de evitar assim o encerramento daqueles serviços.

"Tendo em vista assegurar a resposta do SNS", os responsáveis das Unidades Locais de Saúde, que agregam hospitais e centros de saúde das diferentes regiões, devem "proceder à imediata reanálise dos planos de férias dos profissionais que integram as equipas do serviço de urgência", lê-se num despacho do Ministério da Saúde a que o PÚBLICO teve acesso.

O mesmo documento determina que, sempre que seja detectada uma situação que "inviabilize a composição integral da equipa", será necessário proceder à respectiva revisão.

Questionado pelo PÚBLICO, o Ministério da Saúde apenas confirmou que "o despacho se encontra para publicação". Neste se estabelece também que as escalas das urgências devem ser comunicadas à Direcção Executiva do SNS (DE-SNS) "com pelo menos dois meses de antecedência do período a que respeitam".

Depois de um Verão particularmente marcado com fechos rotativos nas urgências de ginecologia/obstetrícia, sobretudo por não haver médicos em número suficiente para completar as escalas, e na expectativa de um Inverno que, à semelhança dos anteriores, faz adivinhar uma elevada pressão nas urgências gerais e também de pediatria, o ministério procura desta forma assegurar que há capacidade de resposta.

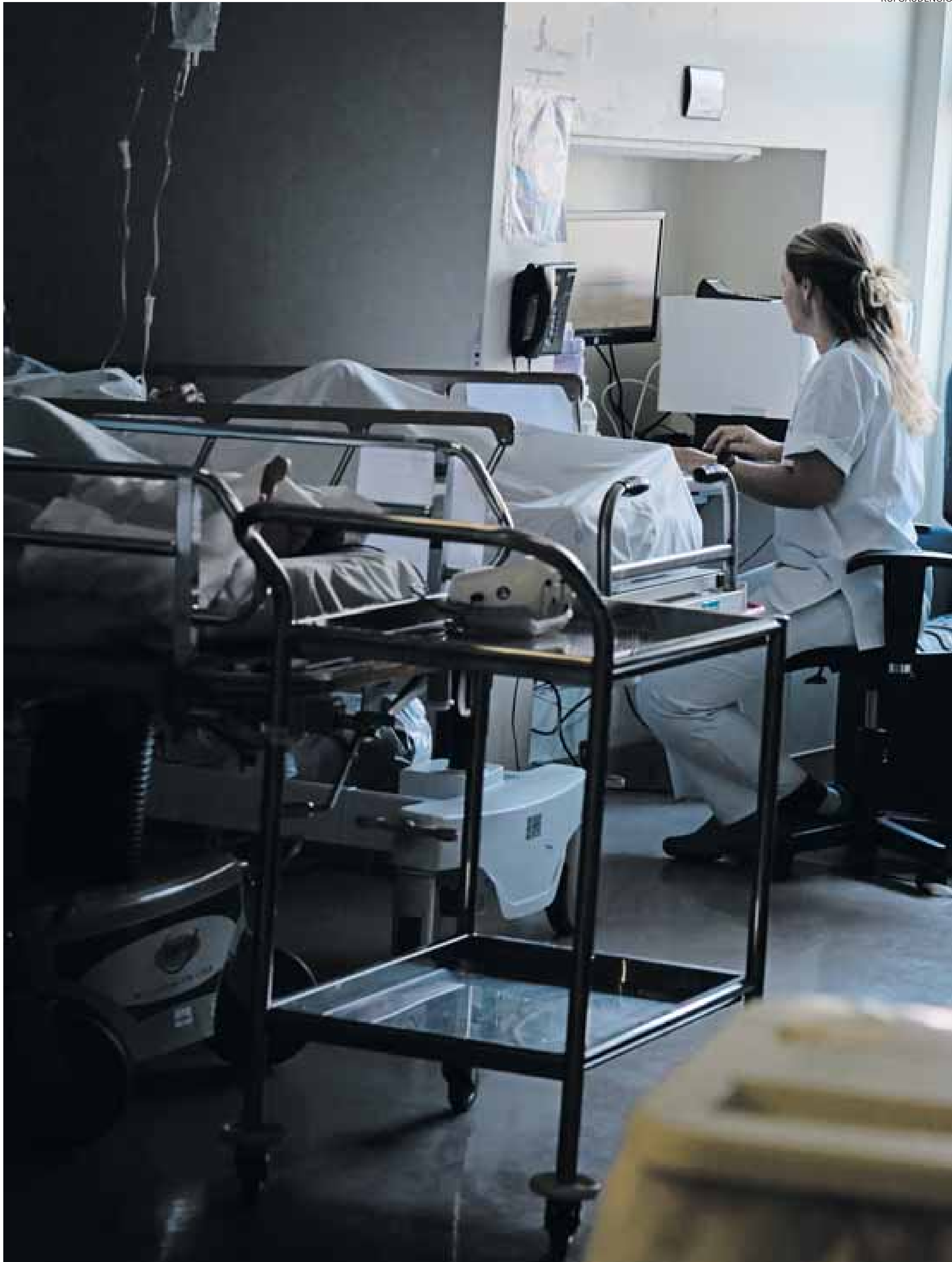
O que está em causa, como se lê no documento, é "assegurar um planeamento rigoroso dos recursos humanos disponíveis", de maneira a que estes estejam adequados à expectável procura de cuidados num período do ano em que o aumento das doenças respiratórias contribui "para aumentar a pressão no acesso aos serviços de saúde".

Competirá assim aos dirigentes máximos das entidades de saúde assegurar que, na marcação dos períodos de férias, "se encontra salvaguardada a dotação dos serviços" com o número de funcionários necessários. No despacho, o ministério pede especial atenção aos períodos em que se antevê maior procura e aos feriados e fins-de-semana que podem implicar uma redução do número de profissionais: de 28 a 31 de Outubro, de 23 a 27 de Dezembro e de 30 de Dezembro a 3 de Janeiro.

Assim, o planeamento dos recursos deve ser feito antecipadamente, "identificando todos os profissionais clínicos necessários a assegurar o funcionamento dos serviços de urgência durante o período de vigência do Plano de Inverno", que está em vigor entre 1 de Outubro e 30 de Abril do próximo ano. Segundo o documento, os conselhos de administração devem identificar "alternativas de reforço ou de substituição" de profissionais para colmatar eventuais imprevistos.

No documento, que explicita que a revisão das férias "não prejudica" os direitos adquiridos referentes ao seu "posterior gozo e duração", há também um aviso relacionado com os prestadores de serviço. Esta é uma solução a que muitos hospitais recorrem para assegurar o funcionamento de urgências, perante a insuficiência de médicos do quadro para assegurar escalas completas.

Sempre que prestadores de serviço integrem as escalas das urgências, os conselhos de administração devem "providenciar pelo acompanhamento e monitorização do cumprimento das obrigações contratuais assumidas". E accionar, quando necessário, "o regime de penalizações" estabelecido no contrato.


RUI GAUDÊNCIO

As urgências continuam a funcionar como porta de entrada dos utentes no SNS

Seis milhões de urgências

Nos últimos anos, vários governos tentaram reduzir a procura por urgências, mas sem sucesso. A falta de médicos de família – em Agosto, 1,6 milhões de utentes não tinham clínico atribuído –, em especial na região de Lisboa e Vale do Tejo, limita a capacidade dos cuidados de saúde primários, que deveriam ser a porta de entrada no sistema de saúde. Além da necessidade de mais profissionais, também se pretende dar mais capacidade resolutiva aos centros de saúde, com meios para a realização de análises e exames mais simples.

De acordo com o relatório *Health at a Glance*, divulgado em 2023 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, Portugal era dos países com mais recurso às urgências: 63 consultas de urgência por cada 100 pessoas, contra uma média europeia de 27 consultas.

No ano passado, os hospitais realizaram 6,1 milhões de episódios de urgências (todas). Um número em linha com o que já se tinha registado em 2022 e com o que acontecia nos anos prévios à pandemia.

Em 2023, ainda de acordo com os dados do Portal do SNS, 37% do total de episódios de urgência referem-se a utentes triados com pulseiras verdes e azuis – pouco urgentes ou não urgentes. A recomendação é que, antes de se deslocarem à urgência, todas as pessoas contactem primeiramente a Linha SNS24.

Ainda com a anterior DE-SNS foi criado o projecto "Ligue antes, salve vidas", que arrancou numa fase-piloto na Póvoa de Varzim/Vila do Conde (em Maio de 2023) e que foi posteriormente alargado aos hospitais de Gaia e de Santa Maria da Feira (em Março deste ano). Os doentes que se dirigirem a estas urgências sem referenciação prévia com uma situação que não seja considerada urgente são encaminhados para uma consulta no centro de saúde, no próprio dia ou no dia seguinte. Já com a nova DE-SNS, o projecto foi também alargado aos hospitais de Almada (Garcia de Orta), Santarém, Penafiel e Barcelos. A par, e incluído no Plano de Emergência para a Saúde, o Governo criou também dois Centros de Atendimento Clínico para atender os casos menos graves encaminhados pelos hospitais de Santa Maria, em Lisboa, São João e Santo António, no Porto.

O insuportável talento

Opinião



Rui Pena Pires

1. Se há hoje palavra que começa a tornar-se-me insuportável, é "talento". Sobretudo quando associada a migrações. Para que não haja equívocos: é perfeitamente legítimo identificar e defender os contributos potenciais das migrações em domínios tão diversos como os da economia ou da demografia, bem como definir políticas públicas com o objetivo de potenciar esses contributos. Nesse sentido, reconhecer que a imigração pode ajudar a aumentar os recursos humanos necessários ao desenvolvimento do país é não só legítimo mas também do mais elementar bom senso. Como o é definir e aplicar políticas púbicas com esse objetivo. O mesmo se poderá dizer sobre o contributo das migrações em muitos outros setores da economia, com diferentes graus de qualificação, ou ainda da indispensabilidade das migrações para atenuar os desequilíbrios da transição demográfica em curso. As migrações são úteis ao país.

2. Porém, as migrações não são apenas ou sempre úteis. Podem ser irrelevantes em termos de utilidade, ou mesmo fonte de tensões nas sociedades de destino. Quer as migrações, quer as reações às migrações. E aqui começam os problemas. Uma coisa é afirmar a utilidade das migrações, outra é definir uma política de imigração apenas em função dessa utilidade. Como, da mesma forma, uma coisa é identificar tensões nas migrações, outra é concluir que isso implica, necessariamente, oposição às migrações. Conhecer os problemas que podem existir nas migrações deveria servir, acima de tudo, para definir políticas públicas que contrariassem esses problemas, não que os eliminassem interditando as migrações. Pois há razões para aceitar as migrações para além da sua utilidade socioeconómica.



Uma coisa é ter limites (...). Outra coisa bem diferente é olhar para as pessoas apenas como recursos e abandonar toda a réstia de humanidade

3. Infelizmente, é hoje dominante a ideia de que devemos justificar as migrações com essa utilidade, e apenas com essa utilidade. Por isso, argumenta-se que devem ser calculadas as necessidades de mão de obra, qualificada e indiferenciada, nos diferentes setores da economia (como se isso fosse possível), e admitidos apenas aqueles que fossem necessários para suprir essas necessidades. E, sobretudo, que a atração de talento, a utilidade mais procurada, deve ser a prioridade das prioridades da política de imigração. Esta ideia é triplamente chocante: por um lado, porque olha para as migrações e os migrantes apenas em termos da sua utilidade para a economia do país de destino, desumanizando-os; em segundo lugar, porque reforça a desigualdade persistente entre migrantes - alguém com qualificações superiores já tem, antes de qualquer política de atração, muito mais probabilidade de migrar do que quem tem menos qualificações - e, em terceiro, porque não reconhece qualquer talento no desempenho de profissões menos qualificadas, nomeadamente manuais: há os talentosos e todos os outros (os medíocres, presume-se).

4. Põe-se assim de lado o facto de as migrações não serem apenas, nem sobretudo, o resultado das necessidades dos países para onde se dirigem. São, antes de mais, escolhas, projetos de quem, na origem, quer ou precisa de mudar de vida e tem a sorte de possuir os recursos para realizar essa mudança migrando. Mas que se vê envolvido, quando escolhe migrar, ou a isso é obrigado, numa prova de obstáculos, as fronteiras nacionais, umas mais abertas, outras mais fechadas. Ou, cada vez mais, escancaradas para quem é definido como talentoso e fechadas para todos os outros. Num mundo em que as políticas migratórias tendem a ser mais unidimensionais, baseadas apenas em interesses, é importante assinalar a possibilidade e a virtude de outras orientações, baseadas em valores. Como, recordando um exemplo já muitas vezes citado, está gravado na base da Estátua da Liberdade, à entrada de Nova Iorque: "Mantenham antigas terras sua pompa histórica!" grita ela / Com lábios silenciosos "Dai-me os seus fatigados, os seus pobres, / As suas massas encurraladas ansiosas por respirar liberdade / O miserável refugo das suas costas apinhadas. / Mandai-me os sem-abrigo, os arremessados pelas tempestades" (versos finais do poema *O Novo Colosso*, de 1883, por Emma Lazarus, autora norte-americana de origem luso-sefardita).

5. Eu sei que Portugal, em 2024, não tem a capacidade de acolhimento dos EUA nos finais do século XIX. Mas uma coisa é ter limites, que são, aliás, sempre maiores do que pensamos, como nos ensina a integração de mais de meio milhão de retornados num único ano, em 1975, na altura por muitos entendida como impossível. Outra coisa bem diferente é olhar para as pessoas apenas como recursos e abandonar toda a réstia de humanidade na definição das políticas de imigração. É diferente e é feio.

Sociólogo

Há cada vez mais mulheres entre os incendiários detidos pela PJ

Ana Cristina Pereira

Comunicados emitidos pela PJ desde 1 de Janeiro ressaltam nove num total de 42 detenções, o que dá um quinto

Por estes dias, a Polícia Judiciária (PJ) não se dispõe a traçar o perfil dos incendiários que tem vindo a deter e a apresentar aos tribunais este ano. Nas últimas semanas, as detenções sucedem-se e algo salta à vista: a proporção de mulheres deixou de ser irrelevante.

Está por divulgar o número de incendiários detidos este ano por aquela polícia, encarregada de investigar todos os incêndios de origem dolosa, mas fontes da PJ referem que as mulheres já representam um quarto. Analisando os comunicados emitidos desde 1 de Janeiro, ressaltam nove num total de 42 detenções de suspeitos de terem ateado fogos, o que dá um quinto.

No passado dia 17, a Directoria do Centro anunciou duas. Primeiro, uma mulher de 47 anos, por seis crimes de incêndio florestal em Sebal e Condeixa-a-Nova, em Condeixa. Depois, uma mulher de 33, por cinco crimes em Maçãs de Dona Maria, em Alvaiázere.

No dia 10, a Directoria de Lisboa e Vale do Tejo detivera uma mulher de 73 anos, por um sinistro em Santo Antão do Tojal, em Loures. Dessa vez, a PJ adiantara uma motivação: "Um contexto de quezílias entre a autora e o lesado, colocando em perigo uma habitação e outros bens patrimoniais de valor elevado".

Já no dia 3, o Departamento de Investigação Criminal de Vila Real detivera uma mulher de 49 anos, suspeita de incêndio florestal em Murça. E, no dia 26 de Agosto, outra de 41 anos, suspeita de provocar um incêndio numa zona florestal de Mesão Frio.

Também em Agosto, mas no dia 8, o Departamento de Investigação Criminal de Braga deteve uma mulher de 45 anos, a quem atribuiu sete crimes de incêndio florestal nas localidades de Brunhais, Oliveira e Travassos, na Póvoa de Lanhoso. Terá usado um automóvel "para circular por aquele território e proceder a inúmeras ignições através de chama directa, o que ocorria sobretudo de noite".

No dia 5 de Agosto, o departamento de investigação criminal da Guarda detivera uma mulher de 42 anos na Covilhã. "Aparentemente motivada por impulsos de vingança, fez-se munir de um isqueiro para atear fogo na lona de um veículo de carga, pertencente ao anterior arrendatário, com quem terá entrado em litígio por despejo".

Em Junho, tinham sido duas. No dia 28, uma mulher de 32 anos que se presume ser autora de um incêndio que deflagrara em Vila Real. No dia sete, uma de 51 anos, pelo incêndio que se registara em Válega, Ovar.



ADRIANO MIRANDA

As incendiárias tendem a optar pela chama directa de um isqueiro ou caixa de fósforos

Problemas de saúde mental

Há poucos estudos científicos sobre incendiários do género feminino. Como o número de incendiárias é pequeno, os estudiosos tendem a não fazer distinção de género, a excluir as mulheres ou a utilizar amostras mistas, mas desproporcionais. Os dados, todavia, existem.

Uma vez detidas, as pessoas suspeitas de crime de incêndio são interrogadas pelos inspectores, que logo preenchem a "ficha-resumo – factores de risco de reincidência para crime de incêndio" e a encaminham para o Gabinete de Psicologia e Selecção da Escola de Polícia Judiciária.

A base de dados da PJ segrega os dados por género. E uma conhecida investigação que incidiu sobre 450 incendiários rurais detidos entre 2015 e 2020 é bem reveladora de que este é um comportamento predominantemente masculino: 403 homens (86,6%).

Naquela amostra imperavam os solteiros (53%), entre 40 e 50 anos (46,7%), com o primeiro ciclo ou menos (40,2%), inactivos (42,9%) ou a trabalhar (54,4%), sobretudo na agricultura (18,7%). A maioria tinha problemas de saúde mental (60,6%) – consumo abusivo de álcool (32,7%), perturbação mental (21,1%) ou ambos 6,8%).

Há vários padrões. A literatura científica começou por falar em duas tipologias: "incendiária expressiva" e "incendiária criminal". A primeira remete para actos impulsivos, de oportunidade ou ocasião, que têm por base o sofrimento emocional ou a excitação de ver arder. A segunda remete para actos planeados, com objectivos.

O perfil do incendiário desenvolvido por Cristina Soeiro, responsável pelo Gabinete de Psicologia e Selecção da Escola de Polícia Judiciária, considera três tipologias. No estudo aqui citado ressalta a motivação expressiva (63%), com destaque para a raiva e vingança (33%). Quer isto dizer que os incêndios florestais tipicamente têm motivação psicológica, considerando a prevalência de doença mental.

Baixa escolaridade

Metade dos incendiários nem conhecia o dono do terreno a que pegou fogo. A esmagadora maioria agiu sozinha (91,3%), amiúde perto de casa (76,9%). A maior parte abandonou o local do crime (68,2%), mas confessou-o ao ser confrontada pelas autoridades (68,2%).

Fazendo uma pesquisa pela Internet, facilmente se encontra uma dissertação em Psicologia Forense e Criminal do Instituto Universitário Egas Moniz que se debruçou sobre 74 processos de incendiárias florestais de Braga, Vila Real, Aveiro, Leiria, Portimão, Setúbal, Funchal e Lisboa. O trabalho assinado por Tânia Raquel Vidal Querido levanta o véu sobre as mulheres que cometem este tipo de crime.

Perto de metade daquela amostra não frequentara a escola ou frequentara apenas o primeiro ciclo. Muitas também tinham dificuldades de integração na comunidade (48%) e doença mental (62,2%) – perturbação mental, consumo excessivo de bebidas alcoólicas ou ambos.

As incendiárias tendiam a optar pela chama directa – serviam-se de um isqueiro (54%) ou de uma caixa de fósforos (28,4%) em áreas florestais ou agrícolas ou de pasto.

Muitas abandonavam o cenário do crime (60,8%) depois de atearem o incêndio, só uma minoria se deixava estar (27%) ou voltava com os bombeiros (12,2%). Aquando do incêndio, a maior parte estava sóbria – 23% encontravam-se sob efeito de bebidas alcoólicas.

Uma ampla maioria (79,7%) das incendiárias apresentava "motivação expressiva, como doença mental (28,4%), chamada de atenção (24,3%), raiva (23%), aborrecimento (21,6%), vingança (16,2%), consumos (12%) e prazer (5,4%)". Só algumas foram presas (24,3%) ou internadas (6,8%). A maioria fica a aguardar julgamento em liberdade.

Chuva pode ser um problema, diz investigador

Um investigador da Universidade do Minho alertou para que a chuva "foi uma bênção" para apagar os incêndios", mas "pode ser também um grande problema", salientando que deviam existir "planos municipais de emergência pós-incêndios para restaurar as áreas ardidas".

António Bento Gonçalves, director da licenciatura em Protecção Civil e Gestão do Território, explicou que os fogos provocam a erosão dos solos, originando a chamada "hidrofobia dos solos", que, aliada a terrenos com declives e à chuva "concentrada e abundante", pode causar "torrentes de lamas". Por causa dos incêndios, "o solo ficou mais empobrecido por causa da volatilização de alguns nutrientes e está particularmente vulnerável à erosão hídrica". "Se os declives forem muito acentuados e se a chuva for concentrada, podemos ter uma grande escorrência de torrentes de lama", alertou.

"Além de os solos não estarem protegidos pela vegetação, também a infiltração vai ser menor porque não há retenção nas folhas, os solos ficam hidrofóbicos e arriscamo-nos a ter problemas bastante sérios", insistiu o académico para lembrar a importância de haver limpeza e desobstrução de todos os que "obstáculos nas linhas de água, bem como de assegurar a limpeza de sarjetas".



Lutar, descansar, voltar e fazer tudo outra vez. Os bombeiros na linha da frente

Morre-se a combater as chamas – quatro bombeiros e um civil perderam a vida nos incêndios desta semana –, mas há quem não desista de fazer desse combate vida. E não queira viver de outro modo

Reportagem

Patrícia Carvalho e Maria José Santana Texto
Paulo Pimenta Fotografia

Nos incêndios que atravessaram a semana que agora termina chegaram a estar no terreno mais de 5000 bombeiros em simultâneo, tentando acudir a fogos acicatados pelo vento intratável e o calor extremo, que tomaram conta de vários concelhos do Norte e Centro do país. Eram muitos homens e mulheres a arriscar a vida, mas, mesmo assim, não conseguiam estar em todo o lado, tal era a dimensão do que estava em causa. Foram dias de pouco descanso, algum desalento, lutas ferozes e batalhas ganhas. Quatro desses bombeiros contam-nos como foi.

"É óbvio que fico angustiado"

Joel Castro, 42 anos

Comandante na Associação Humanitária dos Bombeiros

Voluntários de Melres (Gondomar)

O telefone de Joel Castro não tem descanso. Em Melres, Gondomar, já se vê, finalmente, céu azul e não há nuvens pesadas de chamas a atravessar-se no olhar, mas ele sabe que as próximas duas semanas vão ser passadas a vigiar o terreno e a acudir aos reacendimentos que possam surgir. “Já tenho dois incêndios outra vez”, vai transmitindo a quem está do outro lado da chamada telefónica, mas não é nada preocupante. Nada que se compare ao que ali se passou e que destruiu por completo uma casa prefabricada, causando o único desalojado da freguesia, e que não se comoveu com a reabilitação recente da Capela de Nossa Senhora da Aflição, consumindo por completo o interior e o telhado.

Por caminhos estreitos que atravessam a floresta, Joel Castro aponta a dificuldade acrescida do território que está sob a sua responsabilidade, se o fogo chegar, e que é traduzida nas casas espalhadas pelos montes, coladas à mancha arbórea. “Temos muitas habitações no interior da floresta e as pessoas dizem-nos que fazem algumas faixas de contenção, com limpeza em redor das habitações, mas quando o incêndio toma proporções extremas, elas fazem pouco efeito”, conta.

Foi isso que aconteceu. O calor imenso, o vento incontrolável, a baixa humidade relativa do ar foram o motor que alimentou um fogo que, de tão incontrolável, obriga quem decide a dispersar meios para proteger as pessoas e os animais, as casas e os bens. O ambiente, leia-se a floresta, é a última prioridade para quem tem recursos limitados. E, mesmo assim, nem sempre se salva o que está no topo da lista. “Num incêndio como este, com muitos focos secundários, com projecções, a violência é tal que não o conseguimos acompanhar e ele acaba por chegar na mesma às habitações”, admite.

Foi assim que o fogo anunciado na zona de Santa Comba, lugar da freguesia da Sobreira, concelho de Paredes, galgou as fronteiras invisíveis da freguesia e chegou, ao início da manhã de terça-feira, ao lugar de Sarnada, já na freguesia de Aguiar de Sousa, no extremo sul do concelho. “A população entrou em pânico, já andava tudo a circular na rua, o que começou a dificultar ainda mais o nosso trabalho e tivemos de tomar a decisão de apenas defender as habitações que conseguíssemos”, recorda o comandante.

A aldeia foi evacuada e, no fim, não se perdeu qualquer casa, mas esses foram os momentos mais difíceis para quem, como Joel Castro, tem de tomar decisões rápidas e a todo o instante. Incluindo mandar os seus homens para cenários como aquele, que descreve como “dantesco”. “Fico sempre angustiado, porque somos pessoas normais como as outras. Se as outras pessoas correm perigo, nós corremos muito mais. Somos os que vamos para o perigo de onde toda a gente foge. É óbvio que fico angustiado, mas tenho plena confiança em todos os operacionais, é para isto que foram formados e treinados, e também é por isso que faço tudo para os acompanhar, nunca os deixando abandonados”, afirma.

Garante que não se deixa afectar pelas críticas, movidas pelo desespero, de quem ataca os bombeiros por não estarem sempre onde é preciso, porque são isso mesmo – fruto do desespero –, mas também diz que a corporação está disponível para receber a população e explicar tudo aquilo que as pessoas não sonham que acontece num incêndio, e com que os bombeiros têm de lidar. Um pneu que rebenta no meio do fogo e é preciso substituir em segundos; um acidente que deixa o pára-choques encravado no pneu e que vai precisar da ajuda de outro carro, se não se conseguir retirar com a força das mãos; a árvore que tomba no caminho pelo meio da floresta por onde se enfiaram e que precisam de abandonar, porque o fogo cresceu, obrigando-os a usar os instrumentos de corte para abrir caminho. “Nós estamos a combater o incêndio e a fazer isto tudo ao mesmo tempo. As pessoas não têm noção disto, não sabem o que está a acontecer no interior da floresta, no meio do incêndio”, diz.



Catarina Ré
Foi por causa dos incêndios de Outubro de 2017 que se tornou bombeira e não se arrepende da decisão, mesmo sabendo que algum dia pode não voltar ao quartel. Esteve em Albergaria-a-Velha a combater o fogo

Artur Ferreira
Há muitos anos nesta vida, ainda hoje se surpreende com os fogos, sempre diferentes uns dos outros. Artur Ferreira diz que temos “dos melhores bombeiros do mundo”



A impotência de ver a Vila Francelina arder

Catarina Ré, 26 anos

Bombeira dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo

À medida que o carro de combate a incêndios em que viajava ia avançando na A25, no sentido Aveiro-Albergaria, Catarina Ré ia tomando consciência da gravidade da situação para a qual tinha sido destacada ao início da manhã de segunda-feira. "Estava a arder dos dois lados da estrada. Muito fumo, muito calor, carros em contramão", recorda. A determinada altura, "começa a entrar fumo pelo sistema de ar do carro". O condutor apela à calma e continua a avançar. Era preciso chegar a Albergaria-a-Velha, onde o fogo, que tinha alastrado do município vizinho de Sever do Vouga, ameaçava já várias habitações. Catarina e os colegas que a acompanhavam naquela viatura dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo foram incumbidos de proteger o Hotel Vila Francelina, em Frossos. Não conseguiram.

"Começou a arder por cima e o vento era de tal forma forte que a água que estávamos a lançar não chegava ao topo da casa. É uma sensação de impotência", desabafa a jovem bombeira de 26 anos, que não consegue apagar da memória a imagem do proprietário do hotel, "sentado na relva, desolado". "Tinham-nos avisado que era um edifício com interesse histórico, até tínhamos a água da piscina, mas não tínhamos meios suficientes", lamenta, a propósito daquele que foi apenas o início de um dia que se estendeu até às 21h30. "A essa hora voltei ao quartel, descansei um pouco e à 1h30 voltei para Albergaria, desta vez para proteger a zona industrial", testemunha.

Seguiu-se mais uma madrugada e manhã no terreno, a combater as chamas de forma incansável. "Na zona industrial conseguimos evitar o pior. Ainda assim, arderam carros e material que se encontrava no exterior", conta. Por essa altura, o país tomava conhecimento do falecimento de três bombeiros da corporação de Vila Nova de Oliveirinha, no município de Tábua.

Catarina Ré só soube depois, quando pegou no telemóvel - quando anda no terreno prefere deixá-lo no carro – e, ainda que não os conhecesse pessoalmente, emociona-se ao falar sobre isso. "Eram jovens, como eu, tinham a vida pela frente, mas, por causa de outros, acabam por sucumbir."

Catarina Ré reconhece ter sempre presente "essa noção" de que pode "não voltar ao quartel". Faz parte da condição de ser bombeiro, condição para a qual despertou aquando dos incêndios de Outubro de 2017. "O fogo andava perto da casa da minha tia e eu vi-os em combate e decidi que também queria ir para o outro lado, fazer algo", declara. Estava a acabar a licenciatura em Gestão e Planeamento de Turismo, na Universidade de Aveiro, e em vez de seguir para uma pós-graduação, entrou na escola de bombeiros. "E, em Janeiro de 2019, estava a ser promovida a bombeira de terceira", conta, com orgulho.

Não desistiu do turismo – faz um *part-time* numa agência de viagens –, mas é nos bombeiros que se sente realizada. "Já tive situações em que tive de parar para chorar e ligar à minha mãe só para ouvir a voz dela, mas não me arrependo nada da decisão que tomei em 2017", afiança.

Depois dos dois dias que passou no teatro de operações, Catarina Ré acabou por passar o dia de quarta-feira no quartel, pronta para qualquer chamada e também incumbida de ajudar na recepção dos bens doados pelas populações. "As pessoas foram muito generosas. Desta vez ainda mais. Talvez por terem percebido, com o fumo e as cinzas que andavam no ar, que era uma situação extrema", avalia.

"É um caminho sem retorno"

André Vieira, 29 anos

Bombeiro na Associação Humanitária dos Bombeiros de Gondomar

Os olhos de André Vieira não conseguem ocultar o cansaço. É quinta-feira e desde o dia anterior que a situação está mais calma no concelho de Gondomar, mas desde domingo que andou a combater as chamas, primeiro em Oliveira de Azeméis, onde a equipa que integra tinha ido ajudar os bombeiros locais, depois, a partir de segunda-feira, ao pé de casa, quando o fogo também ali chegou. "Chegámos por volta das 3h. Na segunda-feira começaram a surgir alguns focos de incêndio ao concelho, tivemos um pedido de ajuda para S. Pedro da Cova e depois o fogo alastrou-se", conta.

O bombeiro, que chegou à corporação aos 11 anos, como "infante", porque os dois melhores amigos do 1.º ciclo já lá andavam e ele também quis experimentar, leva-nos até um caminho sem saída, onde se chega através da Estrada de D. Miguel. De um lado, há moradias de dois pisos. À frente delas, o que já foi um pequeno armazém, dois automóveis e alguns contentores totalmente calcinados. Depois deles, a paisagem queimada do arvoredo, que se estende até perder de vista. Foi aqui que, diz, viveu o momento mais difícil dos fogos que assolaram Gondomar. "A fase inicial foi mesmo a pior, por causa da proximidade das casas. Quando chegámos, já o incêndio tinha destruído esta parte e percebemos que se não actuávamos [depressa], algumas casas teriam sido perdidas", conta.

A parte a que se refere é aos veículos, armazém e contentores. Aquele que está mais próximo, não está só queimado: está deformado, e é só quando não tem o gravador ligado que André conta o que aconteceu: em tempos, o contentor guardara algum tipo de combustível e, apesar de estar vazio no momento do incêndio, vestígios ou vapores do que lá teria estado



Joel Castro

Apesar da experiência, o comandante ainda hoje se angustia quando manda os seus homens para cenários dantescos como aqueles que enfrentaram nestes dias

André Vieira
Por "culpa" dos amigos, chegou à corporação quando tinha 11 anos. Assume o medo que acompanha o exercício da profissão, mas não se imagina a fazer outra coisa

causaram uma explosão no interior. Ele aponta para um ponto a poucos metros da estrutura e explica que foi ali que se agachou quando o rebentamento se deu.

Na família de André Vieira não há bombeiros, mas, depois de seguir os amigos na infância, garante que não se imagina a fazer outra coisa. Que chamamento é esse que o mantém preso a uma profissão em que o risco está quase sempre presente, sobretudo em dias de calamidade como os que se viveram? "É raro o bombeiro que sabe explicar a sensação. Costumo dizer que para quem não é [bombeiro], não dá para explicar, e, para quem é, não é preciso explicar, porque sente o mesmo".

Apesar do apelo, assume o medo, sempre presente, e admite que "é inevitável" arriscar. "Estamos sempre expostos e há momentos em que, sim, arriscamos mais um bocado, mas sempre com a consciência de que, à mínima coisa, temos de recuar". A família, claro, aflige-se e quando lhe perguntam se a mãe lhe liga de três em três minutos, quando um incêndio como o desta semana acontece, ele sorri. "Eu é que se calhar não vou atender de três em três minutos. Ela liga constantemente, mas tento sempre manter a calma". E já tentou demovê-lo de continuar nos bombeiros? "Ela sabe que não consegue e o resto da minha família também. É um caminho sem retorno…".

Ali, junto à Estrada de D. Miguel, que chegou a estar cortada por causa do incêndio, diz que lhe dói a perda de bens ("Custa, porque sabemos o sacrifício que se faz para ter estas pequenas coisas, para depois as perder desta maneira"), mas também o alivia que nenhum dos moradores ou dos animais tenham sofrido consequências graves (só um cão ficou ferido), e que as casas tenham ficado intactas.

Para a vida guarda os momentos menos bons, que ficam na memória – salientando, contudo, que "o apoio na parte da saúde mental é cada vez mais", e também existiu desta vez –, mas sobretudo o que diz ser "pequenos gestos" que justificam todo o esforço. E que desta vez se traduziram nas doações incessantes que foram chegando. "Temos uma população que está a ser atingida por um grande incêndio, pessoas que não sabem se vão ficar com alguma coisa, se vão perder animais, casas, indústrias, e mesmo assim têm a solidariedade e o humanismo de nos ajudar. É isso que fica", diz.

"Por muita experiência que tenhamos, nenhum fogo é igual ao outro"

Artur Ferreira, 49 anos

Adjunto de comando nos Bombeiros Voluntários de Ílhavo

Foram 36 horas seguidas no incêndio de Sever do Vouga, mais um turno de 14 horas em Águeda. Contas feitas por alto, uma vez que, "quando se tem uma missão a cumprir, o horário é o que menos importa", garante o adjunto de comando Artur Ferreira. Filho, sobrinho e irmão de bombeiros, ainda tentou contrariar a vocação que parece correr-lhes no sangue – em tenra idade, as missões dos familiares eram sinónimo de ausências –, mas não conseguiu.

Fez carreira em Esmoriz, Ovar, onde chegou a comandante, e está agora em Ílhavo, como adjunto de comando, a preparar-se para substituir o actual comandante. Tem 49 anos, dos quais cerca de 30 a salvar pessoas e bens, e continua a ser surpreendido. "Por muita experiência que tenhamos, nenhum fogo é igual ao outro."

No dia em que conversa com o PÚBLICO, tinha estado em Águeda, um dos municípios da região de Aveiro que mais sofreram com os incêndios dos últimos dias, até às 3h. Conseguiu dormir "umas três horitas e pouco", período mais do que "suficiente" para "uma fase como estas". Para trás tinha ficado uma noite bem pior, passada no município de Sever do Vouga.

Ao chegar a Sever do Vouga, e já depois de ter atravessado uma auto-estrada (A25) ladeada por chamas, Artur Ferreira deparou-se com uma situação que o impressionou: "Estava uma habitação a começar a arder e eu num carro de comando, sem água, sem meios. Ainda tentámos fazer alguma coisa, mas estávamos muito limitados." Mais à frente, nova contrariedade: "O posto de comando estava cercado pelo fogo e foi preciso reorganizarmo-nos."

Face à dificuldade que os meios aéreos tinham para operar naquela zona, em terra fazia-se o possível e o impossível para travar as chamas. "No meu sector, estava uma máquina do ICNF [Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas] e, durante as manobras, de noite, o funcionário mandou um poste de média tensão abaixo e ficou lá debaixo, com o fogo ali à volta. Foi preciso tirá-lo da máquina, felizmente, sem ferimentos", diz, a propósito dos obstáculos que foi enfrentando ao longo das 36 horas consecutivas em que esteve em Sever do Vouga. "E o sistema de comunicações SIRESP também falhou. Redondamente…", relata.

Foi no município de Sever que tomou conhecimento do acidente no incêndio de Nelas. "A minha preocupação foi: isto não pode passar para os operacionais no terreno, temos de os salvaguardar."

Quando foi para Águeda, "o pior já tinha passado". "A minha missão passava por salvaguardar as empresas da zona industrial e foi só mais numa questão de organização, sendo que já tinha muita malta de Lisboa, Alentejo e Algarve", refere. Ainda assim, não lhe sai da memória que foi naquele mesmo município, em Agadão, que viveu um dos momentos mais aflitivos como bombeiro. "Ficámos completamente cercados pelo fogo", lembra, sem conseguir precisar o ano.

Seguiram-se os fogos de Outubro de 2017, que também deixaram marcas. "Mas, como costumo dizer, vem sempre um outro que nos faz esquecer o anterior e nos dá mais força para continuarmos. E aprendemos sempre com essas experiências", testemunha o adjunto que acredita que o país tem "dos melhores bombeiros do mundo". Preocupa-o a dificuldade que as corporações vão sentindo no recrutamento de "sangue novo".

Cherovia, a raiz que cresce na Covilhã à boleia de um festival

É um exclusivo da Beira Baixa, tem o formato de cenoura, e pode ser confeccionada desde as entradas à sobremesa. Este fim-de-semana é a cherovia que mais ordena na Covilhã

Paula Sofia Luz



DR

Já são 30 os restaurantes que se associam a um festival que dinamiza a região e recupera um alimento que quase tinha desaparecido

Parece cenoura, durante anos era usada tal como se fora batata, mas o sabor em nada se compara a nenhuma das duas. A cherovia tem um leve sabor adocicado, quase a anis, e durante este fim-de-semana é a estrela de um festival na Covilhã.

"Agora baptizei-a rainha dos sabores. É a minha nova terminologia para ela", conta ao PÚBLICO José Eduardo Cavaco, o mentor do festival que começou na quinta-feira e se prolonga até amanhã, já na 17.ª edição. Rememora essa caminhada para descrever a forma como se apaixonou pela raiz desde que chegou à Covilhã, já lá vão mais de duas décadas. Professor de Anatomia, maestro e músico, ao princípio estranhou. "Quando me deram a cherovia a provar, pensei que aquilo era um filete de peixe, porque é muitas vezes servida assim, envolta em polme. Mas logo percebi que aquilo era qualquer coisa maravilhosa, e ainda longe de imaginar as maneiras como poderia vir a ser confeccionada." Natural de Moura, no Baixo Alentejo, Eduardo Cavaco nunca ouvira falar na raiz, tal como a maioria das pessoas fora daquela região. "Vi logo o potencial que isto poderia ter. O potencial são os 10 milhões de portugueses", sublinha o professor, que fora da Faculdade de Ciências da Saúde da UBI (Universidade da Beira Interior) é o actual director artístico e presidente da Banda (Filarmónica) da Covilhã, principal organizadora do festival da cherovia.

Na verdade, o que fez nascer o evento foi um mote solidário. "Nós tínhamos muitas crianças carenciadas, sem dinheiro para os instrumentos. E não era justo deixá-las de fora por isso. Por outro lado, também nos faltava fardamento, as instalações eram exíguas, e este evento acabou por nascer com essa finalidade de arranjarmos fundos", recorda o mentor do festival. Ainda antes, a banda já ensaiara a organização de outro evento, baptizado "Até os Santos Dançam", que mais não é do que a animação em tempo de santos populares.

Mas passava o Verão e sobrava energia, faltavam verbas. Foi então que Eduardo Cavaco se lembrou do Outono, e de organizar um festival dedicado à cherovia. "Começou tudo a gozar comigo. Toda a gente se riu", recorda. "Já se estava a perder a tradição, pouca gente a cultivava, e estava em causa preservar um alimento com 200 ou 300 anos de história, aqui na Covilhã". Convencida a banda, juntaram-se outros parceiros. E o festival foi crescendo, não apenas na duração, mas também ganhando escala. Do jardim mudou-se para um espaço maior, nas traseiras do edifício da câmara, onde nesta edição cabem cerca de 60 expositores, com um programa de animação variado. À boleia da raiz nasceu a Confraria da Cherovia, criou-se uma rota gastronómica.

Ricardo Ramos, proprietário da Taberna A Laranjinha, é um dos entusiastas daquela iguaria. O restaurante é um dos 30 que actualmente integram a Rota Gastronómica da Cherovia. Quando começou, bastavam os dedos de uma mão para contar os que os aderiram. Ali, num dos mais conhecidos restaurantes da cidade, a sensação é o *petit-gâteau* de cherovia, combinado com o gelado de Vinho do Porto. Mas Ricardo e a sua equipa confeccionam-na das mais diversas formas, até em forma de *chips* ou puré. "Com a evolução culinária começaram a aparecer novas ideias e formatos de introdução", explica o proprietário d'A Laranjinha, que agora experimenta igualmente a cherovia no Convento da Vila, um novo restaurante, no Fundão, integrado no Hotel Convento do Seixo.

"Antigamente a cherovia era unicamente utilizada como se fosse batata, embora o sabor não tenha nada que ver", sublinha Ricardo Ramos, que a descreve com "um sabor adocicado-anisado". Ainda se lembra quando, há anos, começou a ser utilizada "como os peixinhos da horta, entalalado (mal cozido), e depois passado numa polme tradicional, e por fim frito". Será essa a forma mais tradicional de a consumir, nos tempos que correm, para quem não ousa aventurar-se de outra forma. Não é o caso de Ricardo, que tem vindo a dar asas à imaginação, em experiências variadas. Há, contudo, uma particularidade que gosta de destacar, quando chega o festival: "É uma iniciativa que consegue ligar a comunidade local. A restauração, a população estudantil, as associações, tudo se junta aqui." De resto, a organização é agora repartida também com uma tuna académica.

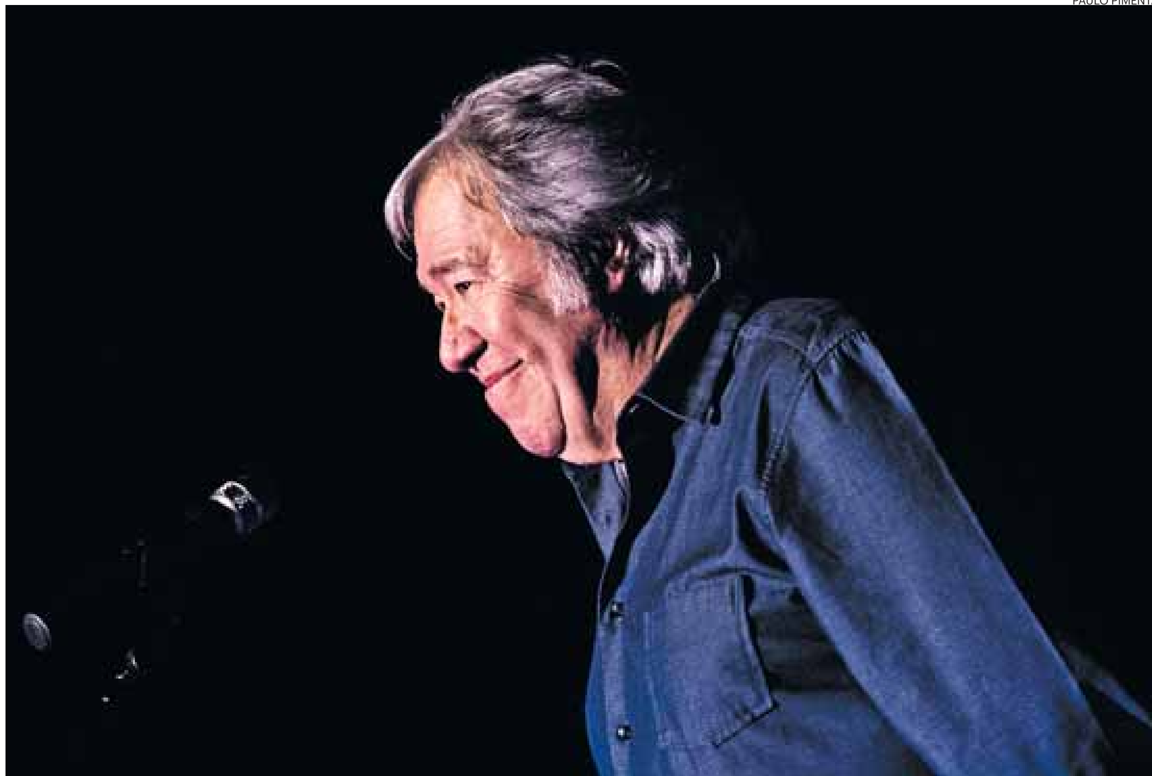
Doces e licores

"Hoje temos um grande produtor que, em anos bons, ultrapassa as 20 toneladas. Mas quando lançámos o festival, produzia uma ou duas", recorda o presidente da Banda da Covilhã. Além disso, nasceram "duas empresas de doces e licores, começou a usar-se a cherovia das mais diversas formas. Só ele inventou dois bolos (o "covilhoco" e o "S. Tiago de cherovia"), mas nas pastelarias da Covilhã nascem outras receitas, como os "fidalgos", comercializados em grande escala pelas padarias. Eduardo Cavaco acrescenta que há "toda uma panóplia de receitas", entretanto compiladas em livro. Feitas as contas, todo o investimento tem valido a pena. "Nós conseguimos ver o retorno, em todo o crescimento que agora se nota", conclui. Este ano o orçamento do festival ronda os 30 mil euros, a maior parte suportada pela Câmara Municipal da Covilhã.

"A cherovia é muito versátil. Com ela podemos fazer as entradas, as sopas, os acompanhamentos e as sobremesas. Isso é um mundo que nunca mais acaba", afirma. Ele prefere-a cozinhada em sopa de bacalhau, mas agrada-lhe de qualquer forma.

Em Portugal chama-se "cherovia" e às vezes "chirivia", principalmente na Beira Baixa. Há ainda quem lhe chame "pastinaca" ou "pastinaga". Segundo escreveu Maria de Lourdes Modesto no seu livro *Sabores com História*, "tem um sabor refinadíssimo". Até amanhã, é ela a rainha dos sabores na Covilhã, que actualmente detém o exclusivo da produção nacional.

PAULO PIMENTA



Sérgio Godinho dará um concerto a 4 de Outubro

Teatro da Lousã abre com Sérgio Godinho acompanhado de mais de 100 músicos em palco

Antes da abertura, na próxima semana haverá uma visita encenada ao teatro, por Ricardo Correia, dirigida aos jovens

O Teatro Municipal da Lousã abre ao público, depois da sua reabilitação, a 4 de Outubro, com um concerto de Sérgio Godinho, acompanhado em palco por mais de 100 músicos, com envolvimento de coros e grupos locais.

O momento de abertura ficará marcado por um concerto de Sérgio Godinho, acompanhado pela Filarmónica Serpinense, Filarmónica Lousanense, Grupo Cantares das Gândaras, Coro da Cura, Coro Lausus e a Filarmónica 12 de Abril (grupo de Águeda habituado a trabalhar com o cantautor português), foi anunciado, em conferência de imprensa de apresentação do programa de abertura do Teatro Municipal da Lousã (distrito de Coimbra), que foi reabilitado, num investimento de cerca de três milhões de euros.

O concerto é também um sinal da programação que o seu director artístico, João Aidos, pretende incutir naquele teatro – um espaço "de envolvimento com a comunidade" e um lugar para o público ser inquietado. Segundo o responsável, que é também director do Teatro Municipal de Ourém, o novo espaço que irá programar pretende trabalhar em rede e envolvendo todo o território, chegar "a todo o tipo de públicos" e ser capaz de sair do seu próprio edifício e "trabalhar fora de si, com outros equipamentos culturais, em espaço público ou nas aldeias" do concelho.

No último trimestre do ano e primeiro de programação do Teatro Municipal da Lousã, haverá vários momentos de diálogo com músicos locais, como a proposta de concerto que junta o pianista lousanense Hélder Bruno com a música Surma e o realizador André Tentúgal.

O teatro recebe um espectáculo que põe no mesmo palco a associação local de artes performativas Teamus com o grupo de percussão Pulsat e desafiou os alunos da Academia de Bailado da Lousã a apresentar um espectáculo a partir de *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, com direcção da bailarina Rita Grade. Até Dezembro, haverá várias propostas para escolas e público infanto-juvenil, seja sessões de contos, espectáculos de marionetas, ou outros eventos.

Pelo Teatro Municipal da Lousã, irá ainda passar, a 18 de Outubro, *Esperando Godot*, adaptação da companhia brasileira Teatro Oficina da obra de Samuel Beckett, o espectáculo de *stand-up Crente*, de Luana do Bem, a 19 de Outubro, um concerto de Camané e Mário Laginha, a 26 de Outubro, ou *Noite de Reis*, espectáculo de John Mowat e Leonor Keil, a partir da obra de William Shakespeare, entre outros.

Antes da abertura a 4 de Outubro, na próxima semana, haverá uma visita encenada ao teatro, por Ricardo Correia, dirigida aos jovens do concelho. "A obra de reabilitação deste teatro foi bastante exigente, um processo até difícil, mas temos consciência de que o funcionamento será um desafio tão grande – se não maior – do que a concretização física deste empreendimento", realçou o presidente da Câmara da Lousã, Luís Antunes.

O autarca vincou que aquele equipamento cultural pretende ser um "elemento-âncora da produção artística do concelho", trabalhando com "a comunidade e, em particular, com a comunidade educativa". O programa de abertura custou cerca de 84 mil euros (sem IVA), aclarou.

Questionado pela agência Lusa sobre o orçamento com que aquele equipamento poderá contar anualmente, o presidente da Câmara da Lousã referiu que há um valor de referência, mas escusou-se a adiantá-lo. Luís Antunes sublinhou ainda que o município está à procura de ter mecenas associados àquele teatro, referindo que já conta com o apoio da empresa Efapel e tem a convicção de que "outros se juntarão". **Lusa**

Marco Martins deixa Gondomar para liderar Empresa Metropolitana de Transportes do Porto

O nome será votado na próxima reunião do conselho metropolitano, na próxima sexta-feira

O presidente da Câmara de Gondomar, Marco Martins, vai liderar a nova Empresa Metropolitana de Transportes do Porto, que vai gerir a rede Unir e o Andante, disse à Lusa fonte oficial da presidência da Área Metropolitana.

Questionada pela agência Lusa, a mesma fonte confirmou que o nome será votado na próxima reunião do conselho metropolitano, na próxima sexta-feira.

O actual autarca de Gondomar assumirá as funções a tempo inteiro a partir de Janeiro. Até ao final do ano será criada uma comissão instaladora da empresa, também liderada por Marco Martins.

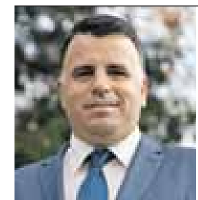
Marco Martins assumiu a Câmara de Gondomar em 2013 e está actualmente no último mandato à frente da autarquia, não se podendo recandidatar a um próximo.

A criação da empresa metropolitana de transportes tem estado em discussão na AMP pelo menos desde 2020, defendida então pelo presidente Eduardo Vítor Rodrigues, mas só foi aprovada em Novembro de 2023, um mês antes da entrada em operação da rede Unir.

Em Abril deste ano, o Tribunal de Contas aprovou a constituição da sociedade da empresa metropolitana de transportes e mobilidade – Transportes Metropolitanos do Porto (TMP).

A nova empresa de transportes da AMP, esta última liderada por Eduardo Vítor Rodrigues, deverá contar com cerca de 60 trabalhadores, dos quais três administradores, de acordo com um estudo económico-financeiro a que a Lusa teve acesso.

A empresa deverá integrar as valências do TIP – Transportes Intermodais do Porto, o agrupamento complementar de empresas (ACE) que gere o sistema Andante (participado em igual percentagem – 33,3% – pela CP, Metro do Porto e STCP), e as competências da AMP em termos de mobilidade e transportes.



Marco Martins assumiu a Câmara de Gondomar em 2013 e este é o seu último mandato

A constituição da TMP vai ainda implicar a criação de dois órgãos consultivos: o conselho de mobilidade metropolitana e o conselho consultivo das tecnologias para a mobilidade.

O capital social da empresa será de dois milhões de euros, repartidos pelos 17 municípios da AMP.

Maria Luís Albuquerque já entrou em estágio para o processo de audição no PE

A candidata à pasta dos Serviços Financeiros e União da Poupança e dos Investimentos conheceu os restantes nomeados para o colégio de comissários

Rita Siza, Bruxelas

A candidata nomeada para a pasta dos Serviços Financeiros e União de Poupança e Investimento, Maria Luís Albuquerque, já dispõe de um gabinete de trabalho no edifício Charlemagne da Comissão Europeia, em Bruxelas, para se preparar para o desempenho do cargo e para o processo de audição no Parlamento Europeu (PE) – que ainda não fixou o calendário do escrutínio dos membros do próximo executivo comunitário. A portuguesa, que admitiu ter ficado "satisfeita" com a pasta que lhe foi atribuída pela presidente da Comissão Europeia, ficou a conhecer os restantes nomeados para o colégio de comissários num encontro promovido por Ursula von der Leyen, na quarta-feira.

"Peço-vos que compreendam que, nesta fase, a minha prioridade tem de ser falar primeiro com o Parlamento Europeu, por respeito à instituição e aos deputados europeus. Depois disso há-de haver oportunidades para falar. Direi depois o que houver a dizer", prometeu Maria Luís Albuquerque aos jornalistas portugueses que a esperavam à porta da sede da Comissão.

Apesar dos sorrisos para a fotografia, e da expectativa da alemã de começar o seu segundo mandato o mais cedo possível, de preferência antes das eleições presidenciais norte-americanas, é provável que o processo de audições se arraste para lá de Outubro e que alguns dos candidatos sejam "reprovados" pelos eurodeputados.

O nome da portuguesa não figura na lista das possíveis rejeições do PE – na bolsa de apostas, é o húngaro Olivér Várhelyi, ouvido a chamar "idiotas" aos eurodeputados, que tem maiores probabilidades de chumbar –, mas isso não quer dizer que Maria Luís Albuquerque terá a vida facilitada para uma confirmação tranquila no cargo.

Antes de responder às perguntas dos eurodeputados (numa primeira fase por escrito e depois numa audição pública de três horas), a antiga ministra das Finanças terá de preencher um questionário exaustivo relativo à sua idoneidade, competência e compromisso com as prioridades políticas do mandato, e de demonstrar que não tem conflitos de interesses ou incompatibilidades para assumir a pasta.

É a comissão de Assuntos Jurídicos do Parlamento Europeu que tem a responsabilidade de avaliar as declarações de interesse entregues pelos candidatos a comissário: um documento com informações detalhadas sobre todos os cargos que ocupam, o património imobiliário e financeiro que detêm e as profissões dos seus familiares directos, que também tem de ser validado pelos serviços jurídicos da Comissão.

O Corporate Europe Observatory colocou um "alerta de incompatibilidade" ao lado do nome de Maria Luís Albuquerque, que lidera a lista de candidatos com conflitos de interesses no relatório que avalia o elenco da nova Comissão Europeia produzido por esta organização não-governamental que segue as actividades dos *lobbies* e grupos de pressão em Bruxelas. Até ser designada pelo Governo para comissária europeia, Maria Luís Albuquerque era directora não-executiva e membro dos comités de auditoria, de risco e de nomeações do banco de investimento Morgan Stanley, e membro da equipa operacional da sociedade de gestão de fundos Horizon Equity Partners, fundada por Carlos Moreira da Silva e Sérgio Monteiro.

A economista de formação iniciou a sua actividade nestas duas empresas em 2022. Antes disso, foi administradora não-executiva do grupo financeiro internacional Arrow Global, especializado na gestão de activos desvalorizados, como dívida pública ou crédito malparado da banca, durante cinco anos – a sua passagem directa do Ministério das Finanças para a empresa que negociou a compra da dívida do falido Banif (que tinha o Estado como principal accionista) é uma das questões "sensíveis" que terá de justificar no Parlamento Europeu.

Missão impossível?

Na apresentação da sua proposta de colégio para o próximo mandato, Ursula von der Leyen desvalorizou as perguntas sobre as "portas giratórias" no percurso profissional de Maria Luís Albuquerque e classificou o seu currículo e a sua experiência como uma mais-valia para desempenhar as funções que lhe confiou. "É vantajoso ter a experiência do sector privado no caso dos mercados de capitais, que é uma área onde temos de fazer progressos", considerou uma fonte próxima da presidente.

Na carta de missão que entregou à candidata , a chefe do executivo pede-lhe que encerre dois dossiers complexos que são objectivos políticos que a Comissão persegue, sem sucesso, há mais de uma década: a união bancária, que continua incompleta por causa da resistência dos Estados-membros à constituição de um seguro de depósitos comum, e a união dos mercados de capitais, que também ainda não avançou porque as capitais não concordam com a ampliação dos poderes da Autoridade Europeia de Valores e Mercados.

Von der Leyen foi buscar inspiração ao relatório sobre o mercado único europeu encomendado ao antigo primeiro-ministro italiano Enrico Letta, que sugeriu dar o novo nome de "união de poupança e investimento" ao projecto de integração dos mercados financeiros no mercado único: seria uma forma de evitar a fuga das poupanças dos europeus para os EUA e "permitir que esses activos contribuam para o financiamento das transições" energética e digital, como explicou numa entrevista ao PÚBLICO.

Mas foi principalmente do longo relatório sobre o "Futuro da Competitividade Europeia", produzido pelo antigo presidente do Banco Central Europeu e ex primeiro-ministro de Itália Mario Draghi, que a presidente da Comissão retirou as orientações que deixou a Albuquerque para "desbloquear o financiamento necessário para concretizar a transição ecológica, digital e social".



Maria Luís Albuquerque prepara-se para o escrutínio dos eurodeputados

Na carta de missão, Ursula von der Leyen desvalorizou as perguntas sobre as "portas giratórias" no percurso profissional de Maria Luís Albuquerque

As tarefas que terá pela frente passam por "conceber produtos de poupança e investimento simples e de baixo custo a nível da UE"; "rever o quadro regulamentar para garantir que as empresas inovadoras possam financiar a sua expansão" e para que a Europa possa "atrair financiamento privado de bancos comerciais, investidores e capital de risco"; "relançar o recurso à titularização", e ainda explorar o "potencial dos regimes privados e profissionais de pensões" para canalizar as poupanças dos cidadãos europeus para a economia. A futura comissária será também responsável pela protecção dos consumidores e pequenos investidores; a melhoria das finanças e dos pagamentos digitais; o controlo do cumprimento do pacote de luta contra o

OLIVIER HOSLET / POOL/EPA



branqueamento de capitais e o financiamento do terrorismo e do regime de sanções.

À medida de uma tecnocrata

Apesar da novidade do nome, o desenho da pasta difere pouco daquela que está actualmente nas mãos da irlandesa Mairead McGuinness, e antes pertenceu ao letão Valdis Dombrovskis, um veterano do colégio de comissários, que no próximo mandato perderá o título de vice-presidente executivo mas continuará a reportar directamente a Von der Leyen, enquanto comissário da Economia e Produtividade, Implementação e Simplificação.

No organograma do próximo executivo, que segundo Von der Leyen tem uma estrutura “mais flexível” e menos hierárquica, a comissária dos Serviços Financeiros reporta ao vice-presidente executivo para a Prosperidade e Estratégia Industrial, o francês Stéphane Séjourné. Será ele o protagonista político: a pasta entregue à antiga ministra das Finanças é relevante mas vincadamente técnica e pouco mediática (é raro ver Mairead McGuinness na sala de imprensa da Comissão), embora se espere que ganhe maior proeminência no próximo mandato. O que coloca alguma pressão em cima da candidata portuguesa, que entrou na cena política em 2011 mas preferiu sempre manter um perfil de tecnocrata.

No cargo, Albuquerque terá a tutela da Direcção-Geral da Estabilidade Financeira, dos Serviços Financeiros e da União dos Mercados de Capitais, o serviço da Comissão responsável pelo desenvolvimento e a execução da política da UE em matéria de serviços financeiros: as uniões bancária e dos mercados de capitais; o financiamento sustentável, digital e ao consumo; as sanções e o combate à criminalidade financeira. As suas competências incluem regulamentação e supervisão dos mercados de capitais e mercados financeiros, banca, seguros e fundos de pensões.

Nas audições no PE, será chamada a explicar algumas decisões polémicas do Governo de Pedro Passos Coelho que subscreveu durante o período da *troika* e já depois de concluído o programa de assistência financeira a Portugal, da venda do BPN à resolução do BES e às privatizações da EDP e da TAP, ou ainda as operações que lhe valeram o apelido de “Senhora Swap” – em referência aos contratos “*swaps*”, que foram assinados por empresas públicas (uma das quais a Refer, onde foi directora financeira entre 2001 e 2007, transitando a seguir para o IGCP, que gere a dívida pública) e resultaram em pesados prejuízos para o Estado.

E, depois de os líderes europeus terem virado definitivamente a página da austeridade, Maria Luís Albuquerque terá pela frente uma plateia menos sensível aos argumentos que justificaram as opções políticas do Governo que integrou.

“Espero que a minha experiência como ministra das Finanças me ajude a ultrapassar tempos difíceis como aqueles que ultrapassámos”, referiu, numa intervenção na Universidade de Verão do PSD, logo após o anúncio da sua escolha para a Comissão, em que recordou que “o país reconheceu o legado de Passos Coelho”, quando lhe deu a vitória nas eleições de 2015.

Israel ataca Beirute e mata comandante do Hezbollah

Ataque aéreo visou zona residencial no Sul da capital libanesa e fez pelo menos 12 mortes, incluindo cinco crianças

Israel matou um comandante do Hezbollah na sequência de um bombardeamento ontem sobre os arredores de Beirute.

O alvo era o comandante de operações do Hezbollah, Ibrahim Aqil, que pertence ao topo da hierarquia militar do grupo armado, segundo as duas fontes dos serviços de segurança libaneses e a rádio do Exército israelita. Aqil terá sido morto durante uma reunião com membros da Unidade Radwan, um corpo de elite dentro do Hezbollah, segundo uma das fontes ouvidas pela Reuters. As Forças de Defesa de Israel (IDF) confirmaram a morte de Aqil.

“Com as informações precisas da Divisão de Informação, os caças da força aérea atacaram a área de Beirute e mataram Ibrahim Aqil, o chefe da equipa de operações da organização terrorista Hezbollah e o comandante interino da Unidade Radwan. No ataque, além de Aqil, os operacionais de topo e a cadeia de comando da Unidade Radwan também foram eliminados”, revelou o porta-voz das IDF, Daniel Hagari.

O bombardeamento de Israel à capital libanesa causou 12 mortes e deixou 66 feridos, segundo o Ministério da Saúde do Líbano.

Entre os mortos no bombardeamento israelita estão pelo menos cinco crianças, de acordo com a National News Agency, um canal televisivo libanês. Quatro *rockets* atingiram um edifício numa zona residencial no Sul de Beirute por volta das 16h (menos duas horas em Portugal continental), numa altura de grande movimento, segundo o mesmo canal.

As autoridades israelitas informaram apenas ter levado a cabo um “ataque selectivo” em Beirute, não tendo fornecido pormenores adicionais. O ministro da Defesa israelita, Yoav Gallant, disse que Israel irá dar continuidade “às acções da nova fase” do conflito com o Hezbollah até que os objectivos sejam cumpridos: “O regresso seguro dos residentes do Norte [de Israel] às suas casas.”

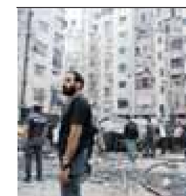
Este ataque surge após dias de aumento da tensão entre Israel e o Líbano. Na última noite, a força aérea israelita fez mais de 50 bombardeamentos contra alvos do Hezbollah no Sul do Líbano, na campanha aérea mais intensa desde a eclosão da guerra na Faixa de Gaza, há quase um ano.

Antes, pelo menos 37 pessoas morreram quando *pagers* e *walkie-talkies* usados por elementos do Hezbollah explodiram numa operação sem precedentes organizada pelos serviços secretos israelitas, embora não confirmada oficialmente.

“O ataque de hoje é uma nova humilhação para o Hezbollah, numa semana em que centenas de *pagers* e *walkie-talkies* usados pelo grupo explodiram, causando caos e pânico no Líbano”, escreveu o correspondente da BBC em Beirute, Hugo Bachega. “Foi uma falha de segurança inédita que mostrou como Israel conseguiu penetrar no sistema de comunicações do grupo”, acrescentou.

O primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, adiou um dia a sua partida para os EUA, marcada para dia 24, por causa da situação de segurança no Norte do país.

Aqil era procurado pelo Departamento de Justiça dos EUA por suspeita de ter participado num ataque à bomba contra a embaixada norte-americana em Beirute, em 1983, em que morreram 63 pessoas, e num ataque contra uma base de *marines* em que morreram 241 militares.



Bombardeamento israelita atingiu um bairro residencial no Sul de Beirute e deixou vários mortos e feridos

O comandante do Hezbollah também é suspeito de ter ordenado o rapto de cidadãos norte-americanos e alemães nos anos 1980.

Os ataques dos últimos dias marcam o momento de maior tensão entre Israel e o Hezbollah, desde o início da guerra em Gaza, e há receio de que se abra uma nova frente de combate com uma possível invasão terrestre do Líbano pelas forças israelitas. Esta foi a terceira vez que Israel atacou Beirute desde Outubro do ano passado.

Esse cenário foi descrito como um “juízo final” pelo embaixador libanês em Londres, Rami Mortada, numa entrevista ao *The Times*. “Estamos perante todos os riscos de um conflito regional abrangente e é isso que temos tentado evitar sem descanso”, afirmou. **PÚBLICO/Reuters**

Candidato republicano na Carolina do Norte era “nazi negro” em fórum de pornografia

Alexandre Martins

Revelações sobre Mark Robinson podem influenciar resultados em estado decisivo para a eleição presidencial

O candidato do Partido Republicano a governador da Carolina do Norte, Mark Robinson — um conservador que se refere à homossexualidade como “um pecado abominável”, e que promete ordenar a detenção de mulheres transgénero que usem casas de banho para mulheres —, admitiu, em tempos, gostar de pornografia trans e de espreitar mulheres a tomar duche em ginásios públicos.

Robinson, de 56 anos, actual vice-governador da Carolina do Norte — e o primeiro governador negro daquele estado norte-americano, se vencer a eleição de Novembro —, deixou também um rasto de declarações racistas em conversas com outros utilizadores de um *site* de conteúdo pornográfico, segundo uma investigação da CNN.

Em mensagens publicadas entre 2008 e 2012 no fórum do *site* Nude Africa, Robinson — que na altura tinha mais de 40 anos de idade e estava ainda longe da sua entrada na política, em 2019 — afirmou ser um “nazi negro”, chamou “comuna desgraçado” a um dos líderes do movimento a favor dos direitos civis dos negros nos EUA, Martin Luther King Jr., e defendeu a reinstituição da escravatura.

“A escravatura não é uma coisa má. Algumas pessoas têm de ser escravizadas. Gostava que trouxessem de volta a escravatura, não tenho dúvidas de que eu compraria alguns [escravos]”, disse Robinson numa das mensagens reveladas pela CNN.

Numa outra mensagem, de 2012, Robinson diz que “Hitler seria melhor do que a merda que está em Washington”, numa referência ao então Presidente dos EUA, Barack Obama.

“Sou um pervertido”

Na notícia, publicada na noite de quinta-feira — e que pode ter impacto na corrida presidencial entre Donald Trump e Kamala Harris, num estado onde os dois candidatos surgem nas sondagens separados por apenas 0,1 pontos percentuais —, o canal norte-americano salienta que divulgou apenas “uma pequena amostra dos comentários de Robinson, devido à sua natureza explícita”.

Numa das mensagens que foram publicadas, o republicano — que, em 2016, se referiu à disforia de género como “um comportamento demoníaco promovido por degenerados sexuais”, num comentário à fotografia de capa de uma edição da revista *National Geographic* — afirma consumir pornografia trans e admite ser “um pervertido”.

As mensagens em causa foram obtidas pela CNN e cruzadas com publicações de Robinson em redes sociais públicas, como o Facebook, o X (antigo Twitter) e o Pinterest, entre outras.

JONATHAN DRAKE/REUTERS



Mark Robinson é o actual vice-governador da Carolina do Norte

Em todas elas, o candidato republicano usou o nome de utilizador (minisoldr) que criou no *site* de pornografia, onde também forneceu informações — como a profissão, a morada, a idade e os anos de casado — que batem certo com a sua identidade pública.

Numa primeira reacção, Robinson negou ser o autor das mensagens reveladas pela CNN, disse estar a ser alvo de uma cabala e garantiu que não irá abandonar a corrida. Segundo as sondagens, o favorito a vencer a eleição para governador da Carolina do Norte, em Novembro, é o candidato do Partido Democrata, Josh Stein.

“As coisas que vão ler naquela notícia não são as palavras de Mark Robinson”, disse o candidato num vídeo publicado na rede social X.

No caso da eleição presidencial — que se realiza no mesmo dia da eleição para governador —, Trump e Harris surgem empatados nas sondagens, e qualquer variação, por mais pequena que seja, pode ser decisiva.

A hipótese de Trump vir a ser prejudicado na Carolina do Norte por causa de Robinson é reduzida, já que o seu eleitorado mais fiel dificilmente deixará de votar nele para a Casa Branca, mesmo que uma grande parte decida abster-se na eleição para governador. Ainda assim, e segundo os *media* norte-americanos, a equipa do ex-Presidente dos EUA já deu indicações para que Robinson deixe de surgir ao lado de Trump nos comícios na Carolina do Norte, na esperança de que o próprio candidato abandone a corrida.

Oportunidade para Harris

A transformação de Robinson num activo tóxico para a campanha de Trump já começou a ser aproveitada pela candidata do Partido Democrata, Kamala Harris. Desde a publicação da notícia da CNN, várias contas nas redes sociais ligadas a Harris partilharam fotografias de Trump ao lado de Robinson, na esperança de que uma parte dos eleitores independentes da Carolina do Norte — por mais pequena que seja — se lembre dessas imagens no dia das eleições.

Há muito visto como um estado destinado a ser um *swing state* de pleno direito nas eleições para a Casa Branca, a Carolina do Norte marcou passo nessa trajectória após a eleição de Trump, em 2016. Depois da vitória de Barack Obama frente ao republicano John McCain, em 2008, por apenas 0,32 pontos percentuais, os candidatos republicanos venceram todas as eleições até agora, mas sempre por margens muito curtas — incluindo em 2020, quando Trump ganhou a Biden por apenas 1,34 pontos percentuais.

Se Kamala Harris conseguir derrotar Trump em Novembro na Carolina do Norte, essa vitória pode ser importante para compensar uma eventual vitória do republicano na Pensilvânia — onde, segundo uma sondagem do *Washington Post*, os dois candidatos também estão empatados.

Von der Leyen anunciou em Kiev um empréstimo de 35 mil milhões de euros à Ucrânia

João Ruela Ribeiro

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou um pacote de assistência financeira no valor de 35 mil milhões de euros de ajuda à Ucrânia durante a sua visita ontem a Kiev.

A parcela de ajuda faz parte de um programa de empréstimos ao abrigo do G7 com base nos proveitos futuros dos activos russos congelados. “Os ataques russos constantes significam que a Ucrânia necessita do apoio contínuo da União Europeia”, afirmou a presidente da Comissão no início da visita a Kiev. “Esta é outra grande contribuição da UE para a recuperação da Ucrânia”, acrescentou, referindo-se ao empréstimo anunciado.

Na véspera, a presidente do executivo europeu já tinha revelado que Bruxelas queria apoiar com 160 milhões de euros a reconstrução das infra-estruturas energéticas ucranianas destruídas pelos bombardeamentos russos. Com a aproximação do Inverno, avolumam-se os receios quanto à capacidade de o sistema energético da Ucrânia de fazer face ao aumento das necessidades da população nos próximos meses.

Ao lado de Von der Leyen, que visitou a Ucrânia pela oitava vez desde o início da invasão em larga escala, o Presidente, Volodymyr Zelensky, detalhou como é que as autoridades ucranianas pretendem usar o empréstimo concedido. “Iremos gastar estes 35 mil milhões sobretudo em energia, na defesa, em abrigos antibomba para as crianças nas escolas, jardins-de-infância e nas universidades”, afirmou.

No mesmo discurso, Zelensky voltou a pedir decisões rápidas aos seus aliados das quais o seu “plano de vitória” sobre a Rússia dependem. Em causa está não apenas a assistência financeira, mas também a autorização que Kiev ainda aguarda para que possa usar mísseis de longo alcance fornecidos pelos membros da NATO para atacar alvos no território russo.



Von der Leyen visitou Kiev pela oitava vez desde o início da invasão russa, há mais de dois anos e meio

O empréstimo agora concedido tem por base o acordo alcançado em Junho entre os membros do G7 que prevê o envio de 50 mil milhões de dólares (44,8 mil milhões de euros) para a Ucrânia assegurados pelos proveitos dos activos bancários russos congelados no Ocidente. O bolo total do empréstimo seria dividido entre os membros do G7 de acordo com o seu peso económico: os EUA e a UE garantem 20 mil milhões de dólares, enquanto os restantes membros (Canadá, Japão e Reino Unido) fornecem o resto.

No entanto, o acordo corre o risco de cair por terra por causa da oposição dos EUA em aceitar conceder o empréstimo, caso a UE não reforce as sanções sobre os activos russos. Neste momento, a Hungria tem bloqueado a aprovação de novas sanções à Rússia.

Para contornar a situação, a Comissão Europeia decidiu aumentar a parcela do empréstimo e financiou-a através do orçamento comunitário, embora os Estados-membros tenham mostrado relutância, segundo o *Financial Times*. O valor de 35 mil milhões de euros anunciado ontem foi o meio-termo encontrado para desbloquear o financiamento.

A guerra e o mundo acabam de mudar. Não travar Israel vai explodir-nos nas mãos

Aqui na Terra



Alexandra Lucas Coelho

1. Não sei o que pode explodir entre começar e acabar esta crónica, e escrevo-a mais cedo do que o habitual. Mas sobre terça e quarta-feira – quando milhares de aparelhos explodiram por todo o Líbano (e também na Síria), ferindo milhares de pessoas, muitas com gravidade, e matando mais de 40, incluindo crianças e pessoal médico –, destaco duas coisas.

A primeira é que neste atentado inédito, claramente atribuído a Israel, a guerra acaba de mudar. A guerra de Israel contra os palestinianos, quem os defende e pela anexação de mais território; mas também qualquer guerra, e, portanto, o mundo. Ficou provado, para seja quem for que se inspire nisto, que é possível matar assim, atingindo milhares.

A segunda coisa é que, se as negociações de cessar-fogo têm sido uma farsa, esta nova era já faz parte de um novo género, em que por trás da máscara (por vezes) compungida dos EUA está o Joker israelita a rir, enquanto carrega no botão, e milhares de bombas rebentam em escolas, mercados, hospitais, motas, ruas. Até nos funerais das vítimas da véspera.

Depois, aviões de Israel rugiram sobre uma Beirute em choque, bombardearam o Sul do Líbano. E continuei a ver títulos como: EUA correm a travar escalada da guerra. Será isso na Lua? Em Marte? Ou é mesmo aquela guerra que os americanos continuam a armar? Ao fim de quase um ano, e de nunca se ter visto tanto horror em directo com tanta lata. E tanta troça.

Estamos a assistir à piada diabólica da nossa própria extinção.

Incluindo partes da plateia embasbacadas de admiração pela audácia da Mossad, como li/ouvi a comentadores de serviço. A morte sempre teve serviços eficazes.

2. Referi-me a milhares de feridos. Eram sobretudo membros do Hezbollah, e o líder, Hassan Nasrallah, considerou o atentado "uma declaração de guerra", prometendo uma resposta "dura".

Há muitas outras vítimas, porque era impossível prever onde os *pagers* e *walkie-talkies* explodiriam, ou nas mãos de quem. Um atentado terrorista, atingindo civis de forma indiscriminada, crime contra a humanidade segundo a lei internacional (e por isso o responsável da diplomacia europeia, Josep Borrell, o condenou).

Mas quero falar do Hezbollah, esse aparentemente arqui-inimigo de Israel. Fui ao Líbano em 2006 (a seguir à guerra com Israel); 2019 (auge da revolta jovem nas ruas); e em 2020 (com as cinzas da explosão no porto). Nas três vezes, visitei os campos onde os palestinianos continuam num limbo escandaloso há décadas, como Sabra e Chatila. Estive no Sul arrasado por Israel, e em Bekaa, bastião Hezbollah. Escrevi sobre isso neste jornal e em livros, não cabe aqui, mas pode ser útil partilhar algo.

O Hezbollah é talvez o maior exército não estatal do mundo. Um movimento xiita, financiado pelo Irão, nascido das redes de apoio aos desamparados xiitas do Líbano no fim dos anos 1970, e fortalecido na invasão israelita de 1982. É longa a lista de países e grupos que têm interferido dramaticamente na vida dos libaneses. Inclui Israel, os EUA, a Arábia Saudita ou a Rússia, tal como a Síria e o Irão. Um dos problemas dos libaneses – e de todos os povos do Médio Oriente, sem excepção – é a forma como as vidas deles não têm o mesmo valor para um Norte Global, chamemos-lhe Ocidente, cujos dirigentes se estão nas tintas, de facto, para haver lá liberdade, ou não. Um Ocidente que elege os seus aliados (por exemplo, a Arábia Saudita) e os seus inimigos (o Irão), como se uns e outros não fossem carrascos dos seus próprios cidadãos, e de outros. Muitos líderes ocidentais alimentam a miséria moral da tirania boa e da tirania má, com puro menosprezo por aqueles povos. Uma forma de racismo ou islamofobia. E escudam-se cobardemente com o Hamas para não condenar Israel. Mas é também pelo que condenam no Hamas que tinham de ser muito mais duros com Israel. *Idem* quanto a Israel-Hezbollah.

O Hezbollah não é o Hamas (há diferenças relevantes, como o Hamas ser um movimento só nacional). Mas o facto de o Ocidente ter abandonado obscenamente os palestinianos deu força ao Hezbollah, tal como ao Hamas. Claro que o Hezbollah é popular nos campos de refugiados do Líbano. Quem se opõe ao Estado que lhes deu cabo da vida? Não os EUA ou a Europa.



WAEL HAMZEH/EPA

Do ponto de vista do Líbano, o Hezbollah não é alternativa ao sistema, tornou-se também alicerce de um sistema podre. E do ponto de vista regional está numa dança com Israel, vive de Israel tanto quanto Israel vive do Hezbollah. Netanyahu e Nasrallah são o inimigo de que cada um precisa, fortalecem-se mutuamente. Por que haveriam os jovens libaneses de escolher entre eles? Grande parte não escolhe, eu também não.

> **Porque é que Netanyahu carregou no botão agora? Para ter mais guerra, fugindo dos mandados de captura, incluindo o do tribunal da ONU**

3. Sabe-se já que o sofisticado atentado dos dias 17-18 de Setembro (um cavalo de Tróia, nas palavras do *The New York Times*) exigiu preparação de anos, incluindo a Mossad montar uma empresa falsa na Hungria. No *Haaretz*, Yossi Melman diz que Netanyahu terá antecipado carregar no botão (e ainda plantou umas notícias a dizer que Israel agiu agora porque o Hezbollah estava a descobrir o plano). Explica Melman que o minucioso plano dos *pagers* seria um ataque-surpresa no contexto de uma guerra, como em 1967, quando Israel destruiu a aviação egípcia, e tomou o Sinai por terra.

Porque é que Netanyahu carregou no botão agora? Para ter mais guerra, fugindo dos mandados de captura, incluindo o do tribunal da ONU: Mister Joker, o seu nome também é Bond. Além de que as habilidades da Mossad reforçam votos (o Likud de Netanyahu continua a ser o mais votado nas sondagens). E enquanto as pessoas, dentro ou fora de Israel, estão entretidas, deixam de chatear Netanyahu com os reféns; a morte em Gaza; o declínio na economia de Israel; o recrutamento de ortodoxos ou de asilados políticos. Ou a guerra de Israel contra a Cisjordânia, onde está em curso a maior destruição dos últimos 20 anos, além da anexação já na prática.

Ao mesmo tempo que os fascistas Ben-Gvir e Smotrich lançam colonos no pátio da Al Aqsa/Monte do Templo, e hordas de colonos queimam, matam, roubam, protegidos pelo Exército. De vez em quando um é sancionado, e pronto. Israel continua a troçar do mundo.

Há pouco mais de 15 dias vi em directo uma hora de Netanyahu para a imprensa estrangeira, mostrando mapas: entre o rio e o mar, não existia a Cisjordânia. Para explicar a nova fábula do Corredor de Filadélfia, existia Gaza, que Bibi garantia que não queria governar. Enquanto os seus aliados pregam o repovoamento de Gaza com judeus. Desta vez, exilando ou espremendo os palestinianos.

Tudo somado, para onde aponta o que tem acontecido desde 7 de Outubro? Para a Grande Israel. Incluindo uma porção do Sul do Líbano.

4. Há sinais de outro futuro, porém. O fogo-de-artifício dos *pagers* também roubou atenção ao voto histórico na ONU, mas ele aconteceu. Pela primeira vez em 42 anos, uma grande maioria de países (124) votou pelo fim da ocupação ilegal da Palestina, com o prazo de um ano para Israel se retirar. E também pelo embargo de armas e por sanções (de produtos, instituições, academia, etc). Isto, após 50 dias da sentença do Tribunal Internacional de Justiça, que condenou a ocupação, para que os Estados se comprometam com o que este tribunal da ONU decidiu. É sempre interessante ver os 14 votos contra (além de Israel, EUA, mas também Hungria, República Checa), e as 43 abstenções (Reino Unido, Canadá, Áustria, Austrália, Alemanha, Itália, Países Baixos, Índia, Suécia, Suíça, Dinamarca, Ucrânia...).

Portugal votou bem. Espero que quando esta crónica sair o ministro Rangel já tenha feito tudo para retirar a bandeira do navio que transporta munições para Israel, depois de confirmar o que já fora revelado há semanas, e foi mantido à tona com o trabalho de organizações internacionais, partidos e jornalistas.

Escritora e jornalista

Comprar casa em Lisboa já é 70% mais caro do que no resto do país

Na Grande Lisboa, o preço médio de uma casa é de 360 mil euros, valor 70% acima da média nacional e três vezes superior ao que é preciso pagar no Alentejo, região mais barata para comprar casa

Rafaela Burd Relvas

DANIEL ROCHA



Preço médio das casas em Lisboa aumentou 50% nos últimos cinco anos

A região de Lisboa é, há vários anos, a mais cara do país para comprar casa - pelo menos, desde 2009, quando estes números começaram a ser recolhidos. Mas a discrepância tem vindo a agravar-se, numa altura em que a cidade é um destino popular tanto de turismo quanto de investimento, e, hoje, quem quiser comprar uma casa na Grande Lisboa já tem de pagar, em média, mais 70% do que é preciso para pagar por uma habitação no resto do país.

A conclusão retira-se dos dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística (INE), publicados ontem, relativos ao índice de preços da habitação. De acordo com o INE, os preços de venda das casas aumentaram 7,8% no segundo trimestre, em relação a igual período do ano passado, interrompendo-se, assim, a tendência de abrandamento das subidas de preços que tinha vindo a registar-se desde meados do ano passado.

Este movimento de aceleração verificou-se num período em que o mercado também voltou a crescer, depois de dois anos de uma contracção que, ainda assim, não foi suficiente para travar os preços. No segundo trimestre, foram vendidas 37.125 casas em Portugal, por um montante superior a 7,8 mil milhões de euros, números que representam aumentos de 10,4% e 14%, respectivamente, em relação ao segundo trimestre do ano passado. É a primeira vez que se registam aumentos nestes dois indicadores desde meados de 2022.

Tendo em conta o número de casas vendidas e o montante total transaccionado, o preço médio de cada habitação fixou-se em 212 mil euros, um novo recorde nesta série estatística do INE, que recua até 2009. Este valor representa um aumento de cerca de 3% em relação que se verificava há um ano; já numa análise temporal mais longa, regista-se um crescimento superior a 44% em cinco anos.

Mas os valores diferem muito entre as várias regiões do país. Se no Alentejo o preço médio das casas fica pelos 116 mil euros (cerca de 45% abaixo da média nacional), na Grande Lisboa o preço médio já é superior a 360 mil euros - é um aumento de apenas 0,9% em relação ao ano passado, mas, ainda assim, o valor mais alto registado em todo o país, por larga distância, ficando praticamente 70% acima da média nacional e três vezes acima do valor mais baixo, no Alentejo. Em cinco anos, o preço médio de uma casa em Lisboa aumentou 50%.

Apesar de continuar a distanciar-se do resto do país, não é em Lisboa que se registam os maiores aumentos. Esse título cabe à região de Setúbal, onde o preço médio de uma casa ronda, agora, os 213 mil euros. É um valor que fica em linha com a média nacional, mas os aumentos nesta região são significativamente mais acelerados do que a nível nacional: há um crescimento de quase 8% no período de um ano e de mais de 76% em cinco anos.

44%

É o crescimento, em cinco anos, do preço médio de cada habitação no país: os 212 mil euros atingidos no segundo trimestre são um novo recorde

Também no Algarve, a segunda região mais cara do país, continuam a registar-se aumentos acelerados. No segundo trimestre, o preço médio das casas já era de quase 322 mil euros, um aumento de perto de 7% em relação a igual período do ano passado e de 58% face ao que se verificava há cinco anos.

Preços sem travão há 10 anos

Estes números são registados numa altura em que Portugal, a contrariar há muito a tendência que se verifica em vários dos restantes países europeus, continua a registar aumentos de preços, sem qualquer interrupção, há mais de dez anos.

É preciso recuar até ao terceiro trimestre de 2013, altura em que o país atravessava uma crise financeira e ainda estava sob programa de ajustamento da *troika*, para encontrar a última vez em que os preços de venda das casas caíram: nessa altura, o índice de preços da habitação registava uma queda de 1%, que se juntava às diminuições já constatadas em vários dos trimestres anteriores.

Desde então, contudo, este índice tem vindo a subir de forma ininterrupta a cada trimestre, com alguns momentos de desaceleração e mesmo com um período recente de contracção do mercado, com uma queda no número de vendas de casas nos últimos dois anos, que, ainda assim, não foi suficiente para levar a uma correcção dos preços. É nesse contexto, aliás, que Portugal é hoje o país da Europa onde os preços da habitação mais subiram na última década.

Nacionais suportam subida

A contribuir para o comportamento do mercado habitacional no período analisado pelo INE estiveram, sobretudo, os compradores nacionais, que continuam a representar a larga maioria do mercado, ainda que os compradores estrangeiros tenham um peso significativo no aumento do preço médio das casas, pela discrepância de valores desembolsados entre uns e outros. No segundo trimestre, os compradores com domicílio fiscal em Portugal foram responsáveis pela aquisição de 34.661 casas, por um montante total de cerca de 7000 milhões de euros, valores que correspondem a aumentos de 11,5% e 16%, respectivamente, em relação ao ano passado.

Já os compradores com domicílio fiscal no estrangeiro compraram 2464 casas (o equivalente a 6,6% do mercado) por 870 milhões de euros (11% do total transaccionado a nível nacional). Estes números correspondem a quebras anuais de 2,8% e 0,12%, respectivamente.

Ainda assim, os estrangeiros continuam a pagar, em média, quase o dobro daquilo que é pago pelos nacionais por uma casa. No segundo trimestre, os compradores com domicílio em Portugal desembolsaram um valor médio de 202 mil euros por habitação (abaixo da média geral, de 212 mil), enquanto os estrangeiros pagaram mais de 353 mil euros.

Governo admite mudar proposta para acautelar situação de professores na CGA

Raquel Martins

Proposta de lei que quer travar avalanche de pedidos de reinscrição na Caixa Geral de Aposentações foi aprovada na generalidade

A ministra do Trabalho, Maria do Rosário Ramalho, abriu ontem a porta a que, no Parlamento, se encontre uma forma de acautelar a situação dos professores inscritos na Caixa Geral de Aposentações (CGA) antes de 2006 e que, por razões que lhes são alheias, viram o vínculo temporariamente interrompido. Em causa está a proposta de lei que faz uma "interpretação autêntica" do diploma que fechou a CGA a novas inscrições a partir de 2006 ontem aprovada com os votos favoráveis do PSD, CDS e IL, contra do Bloco de Esquerda (BE), PCP e Livre e a abstenção do PS e do Chega (o PAN não votou).

No debate que antecedeu a votação, a ministra sublinhou a importância de se clarificar as situações em que o reingresso na CGA é possível, adiantando que no final de Agosto os tribunais administrativos tinham em curso 851 processos de trabalhadores a reclamar o regresso ao sistema, acima dos 460 processos existentes em Julho. Além disso, acrescentou, 12.144 pessoas já tinham sido reinscritas na sequência de sentenças judiciais ou da circular que o executivo anterior suspendeu.

A Lei n.º 60/2005 determina que a CGA "deixa, a partir de 1 de Janeiro de 2006, de proceder à inscrição de subscritores". Assim, os trabalhadores da administração pública que iniciaram ou reiniciaram funções daí em diante passaram a ser inscritos e a descontar para o regime geral da Segurança Social.

A solução revelou-se uma dor de cabeça para a CGA. Desde então, os tribunais têm vindo a apreciar centenas de processos de pessoas que descontavam para o regime da função pública antes de 2006, interromperam o seu vínculo ao Estado – muitos deles por apenas alguns dias – e que, quando retomaram funções, reclamaram o direito a voltar para a CGA.

A esmagadora maioria das decisões judiciais foram favoráveis aos funcionários públicos, nomeadamente professores. A generalidade dos tribunais entendeu que a lei apenas obriga a inscrever na Segurança Social os trabalhadores que iniciaram funções a partir de 1 de Janeiro de 2006 e não se aplica aos casos em que os funcionários já estavam inscritos e que, depois de um período de interrupção, retomaram o vínculo público.

Com base nestas sentenças, a CGA emitiu uma circular em Julho de 2023, alargando a possibilidade de reinscrição a todos os subscritores integrados na instituição antes de 1 de Janeiro de 2006 e que voltaram (ou voltassem no futuro) a desempenhar funções públicas, "independentemente da existência de interrupções temporais entre os períodos de trabalho".


ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

Maria do Rosário Ramalho, ministra do Trabalho e Segurança Social

Centenas de professores, trabalhadores das autarquias e da defesa pediram a reinscrição na CGA, o que levou o anterior executivo a suspender a circular, para avaliar os seus impactos.

O tema foi retomado pelo actual Governo, que, a 11 de Julho passado, aprovou um decreto-lei "interpretativo" para limitar a reinscrição apenas aos trabalhadores que mantiveram o vínculo público e apenas mudaram de serviço, interpretação que o executivo quer que seja aplicada aos processos que ainda não transitaram em julgado.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, vetou o diploma e obrigou o Governo a transferir o processo para a Assembleia da República.

No debate de ontem, Maria do Rosário Ramalho lembrou que a proposta em cima da mesa segue o acórdão de 2014 do Supremo Tribunal Administrativo que, na sua perspectiva, restringiu a possibilidade de reinscrição aos trabalhadores que transitaram de uma entidade pública para outra, sem qualquer descontinuidade temporal. Embora, reconheceu, as decisões dos tribunais não tenham seguido este entendimento.

Os sindicatos e alguns partidos da oposição têm alertado que a solução do Governo deixa de fora milhares de trabalhadores. Em particular, os professores contratados que, no final de cada ano lectivo, viram os seus vínculos cessarem.

Melhorar o diploma

Ontem, Mariana Mortágua, líder do Bloco de Esquerda (BE), alertou para estas situações, defendendo que é "um universo limitado" e que "o direito destes professores à reinscrição [na CGA] não põe em causa o regime convergente".

Mariana Leitão, da IL, também defendeu a necessidade de "salvaguardar a situação das pessoas que tiveram descontinuidade temporal alheia à sua vontade" e disponibilizou-se a melhorar o diploma na especialidade.

Do lado do PS, cujo executivo deixou o problema pendente, o deputado Miguel Cabrita também mostrou abertura para melhorar a proposta.

Confrontada com as críticas, Maria do Rosário Ramalho acabou por admitir considerar a situação dos trabalhadores que, por razões que lhes são alheias, viram o seu vínculo com o Estado temporariamente interrompido e perderam o direito a manter-se na CGA.

"Agradeço a disponibilidade da IL e do PS para aprofundarmos essa discussão e talvez haja uma forma de concretizar um pouco melhor aquilo que o Supremo quis dizer com continuidade [do vínculo]", afirmou.

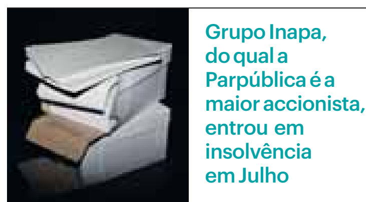
Administrador de insolvência propõe venda da Inapa Packaging por 20 milhões de euros

Inapa, em insolvência, recebeu quatro propostas para várias áreas, com destaque para os activos em Portugal e em França

O grupo de distribuição de papel e embalagens Inapa – Investimentos, Participações e Gestão (Inapa IPG), do qual o Estado é o maior accionista (44,89%) e que actualmente se encontra em processo de insolvência, recebeu várias propostas para a aquisição de áreas de negócio do seu universo empresarial. O administrador de insolvência propõe aos credores que seja autorizada a venda das participações na Inapa Packaging por 20 milhões de euros.

Segundo comunicado ontem publicado no *site* da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), tendo como base o relatório do administrador da insolvência, "foi iniciado um processo competitivo junto de potenciais investidores na Inapa IPG e nos seus activos". O processo originou interesse, sendo que a Inapa recebeu quatro propostas de entidades distintas, para diferentes partes, "com especial destaque para os activos localizados em Portugal e em França (com excepção de uma proposta recebida, condicional a uma capitalização pelos actuais accionistas de um montante 50.000.000,00 de euros)". "Não foi recebida nenhuma proposta pela globalidade dos activos da Inapa IPG; não foi recebida qualquer proposta no que respeita às empresas do grupo localizadas na Alemanha, Espanha, Bélgica ou Turquia", lê-se.

Destacam-se "duas propostas para a aquisição da Inapa France SAS e para a Inapa Packaging Lda., bem como manifestações de interesse, não formalizadas, para a potencial aquisição da Inapa Portugal, Distribuição de Papel, S.A".


Grupo Inapa, do qual a Parpública é a maior accionista, entrou em insolvência em Julho

Por outro lado, "existe interesse manifestado por diversos investidores em que seja assegurada a manutenção da actividade da sociedade Inapa Shared Center, Lda".

Há ainda uma oferta vinculativa da Next Pack "para a aquisição de 100% do capital social da Inapa Packaging SAS (detida pela subsidiária da Inapa IGP Europackaging Investimentos, Participações e Gestão, Lda) e, consequentemente, a aquisição das suas participadas SEMAQ – Societé D'Emballage et de Manutention D'Aquitaine e Embaltec SAS, por um preço fixo de 20.000.000,00 de euros, sujeita a aprovação ou derrogação do efeito suspensivo pela Autoridade da Concorrência Francesa".

Tendo em conta todas estas manifestações de interesse, o administrador de insolvência propôs que a assembleia de credores da Inapa IPG delibere, por um lado, a "manutenção da actividade do estabelecimento da insolvente na esfera do administrador de insolvência, sem que se veja determinada a suspensão da liquidação do activo".

Além disso, propõe também que seja discutida "a autorização para que a insolvente delibere a venda pela Europackaging de 100% das participações sociais no capital da Inapa Packaging SAS e, consequentemente e de forma indirecta, das suas subsidiárias SEMAQ e Embaltec SAS, pelo valor de EUR 20.000.000 (vinte milhões de euros), à sociedade Next Pack, SAS". **Lusa**



EDITAL

ALTERAÇÃO À LICENÇA DE LOTEAMENTO N.º 05/10

(Notificação aos proprietários dos lotes constantes do alvará de loteamento ao abrigo do n.º 4 do artigo 7.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação)

Dr.ª Célia Maria Mendes Correia, Vereadora da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, no uso das competências delegadas pelo despacho n.º 88/PCM/2023, de 26 de julho, do Senhor Presidente da Câmara Municipal, com competência conferida pela Câmara em reunião de 18 de outubro de 2021.--

FAZ SABER através do presente Edital, em cumprimento do seu despacho proferido termos do disposto no artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, que foi apresentado um pedido de alteração da licença de loteamento n. 05/10 para o lote n.º4, requerido em nome de APRUMEIXO - PROMOÇÃO IMOBILIARIA, LDA, que tem como objetivo a redefinição da cota do piso de r/chão; o aumento da espessura da laje do 1.º andar e a ampliação dos pisos das caves.---------------------- Para efeito do disposto no n.º 3 do citado artigo 27.º ficam os proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento notificados para se pronunciarem sobre a alteração indicada, no prazo de 10 dias.--

O processo n.º 2582/24 será disponibilizado para consulta, mediante pedido a apresentar através da plataforma on-line utilizando o requerimento específico para o efeito disponível em https://www.gaiurb.pt/gaiurb/uploads/document/file/920/mod_div_4_v7.pdf---------------

A VEREADORA
DR.ª CÉLIA CORREIA



EDITAL

ALTERAÇÃO À LICENÇA DE LOTEAMENTO N.º 80/79

(Notificação aos proprietários dos lotes constantes do alvará de loteamento ao abrigo do n.º 4 do artigo 7.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação)

Dr.ª Célia Maria Mendes Correia, Vereadora da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, no uso das competências delegadas pelo despacho n.º 88/PCM/2023, de 26 de julho, do Senhor Presidente da Câmara Municipal, com competência conferida pela Câmara em reunião de 18 de outubro de 2021.--

FAZ SABER através do presente Edital, em cumprimento do seu despacho proferido termos do disposto no artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, que foi apresentado um pedido de alteração da licença de loteamento n.º 80/79 para o lote n.º 12, requerido em nome de OSVALDO HUGO RITO DA COSTA, que tem como objetivo a legalização de ampliação da área da habitação e legalização de anexo.---

Para efeito do disposto no n.º 3 do citado artigo 27.º ficam os proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento notificados para se pronunciarem sobre a alteração indicada, no prazo de 10 dias.--

O processo n.º 575/24 será disponibilizado para consulta, mediante pedido a apresentar através da plataforma on-line utilizando o requerimento específico para o efeito disponível em https://www.gaiurb.pt/gaiurb/uploads/document/file/920/mod_div_4_v7.pdf---------------

A VEREADORA
DR.ª CÉLIA CORREIA



EDITAL

ALTERAÇÃO À LICENÇA DE LOTEAMENTO N.º 16/92

(Notificação aos proprietários dos lotes constantes do alvará de loteamento ao abrigo do n.º 4 do artigo 7.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação)

Dr.ª Célia Maria Mendes Correia, Vereadora da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, no uso das competências delegadas pelo despacho n.º 88/PCM/2023, de 26 de julho, do Senhor Presidente da Câmara Municipal, com competência conferida pela Câmara em reunião de 18 de outubro de 2021.--

FAZ SABER através do presente Edital, em cumprimento do seu despacho proferido termos do disposto no artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, que foi apresentado um pedido de alteração da licença de loteamento n.º 16/92 para o lote n.º23, requerido em nome de ANDRÉ FILIPE GOMES DE ABREU, que tem como objetivo alteração do uso da fração autónoma CK de arrumos para habitação unifamiliar.--

Para efeito do disposto no n.º 3 do citado artigo 27.º ficam os proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento notificados para se pronunciarem sobre a alteração indicada, no prazo de 10 dias.---

O processo n.º 3815/24 será disponibilizado para consulta, mediante pedido a apresentar através da plataforma on-line utilizando o requerimento específico para o efeito disponível em https://www.gaiurb.pt/gaiurb/uploads/document/file/920/mod_div_4_v7.pdf---------------

A VEREADORA
DR.ª CÉLIA CORREIA



AVISO

Proposta de delimitação da Unidade de Execução da Rua de Bustes, de acordo com os limites constantes na Planta de Cadastro registada no processo n.º 2731/24 – Pedido de delimitação de unidade de execução apresentado por Douro Habitat – Empreendimentos Imobiliários, S.A.

DISCUSSÃO PÚBLICA

Na sequência do Aviso n.º 18212/2024/2, publicado na Série II do Diário da República de 21 de agosto de 2024, a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, torna público, no cumprimento do disposto no artigo 89.º do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial (RJIGT), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio e em cumprimento da deliberação da Câmara Municipal de 22 de julho de 2024 que, de 28 de agosto a 24 de setembro, decorre o período de discussão pública da proposta de delimitação da unidade de execução da Rua de Bustes, que incide sobre a área compreendida, a norte, por particulares; a nascente, por particulares; a sul, pela Vereda de Bustes, a Travessa Rio de Agriões e por particulares; e a Poente, pela Rua de Bustes, Freguesia de Canidelo, de acordo com os limites constantes na Planta de Cadastro registada no processo n.º 2731/24 – Pedido de delimitação de unidade de execução apresentado pela Douro Habitat - Empreendimentos Imobiliários, S.A, e em conformidade com o conteúdo programático constante na informação n.º 10815/24,4.

Os referidos documentos encontram-se disponíveis para consulta:

Na página da Internet da Câmara Municipal, em www.cm -gaia.pt;

Na página da Internet da Gaiurb Urbanismo e Habitação E. M., em www.gaiurb.pt;

Na sede da Junta de Freguesia de Canidelo, situada na Rua António Ferreira Braga Júnior, n.º 303 e 319, 4400-364 Canidelo, todos os dias úteis, das 9h00 – 12h30 e 13h30 – 17h00;

No Serviço de Atendimento ao Público da Gaiurb Urbanismo e Habitação E.M., situado no Largo de Aljubarrota, n.º 13, 4400-012, Vila Nova de Gaia, em todos os dias úteis, das 9.00h às 16.30h;

Os esclarecimentos técnicos relativos a este assunto serão assegurados nas instalações da Gaiurb Urbanismo e Habitação E.M., no horário de atendimento.

A formulação de reclamações, observações, sugestões ou pedidos de esclarecimento serão apresentados por escrito, até ao termo do referido período e dirigidas ao Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, onde deverá constar a identificação do assunto, do subscritor, a identificação do local, acompanhada de planta de localização, e o objeto da exposição, devidamente fundamentado.

Esse requerimento deverá ser entregue no Serviço de Atendimento ao Público da Gaiurb Urbanismo e Habitação, E.M. ou remetido por correio registado na Direção Municipal de Urbanismo, situada no Largo de Aljubarrota, n.º 13, 4400-012, Vila Nova de Gaia, antes do final do prazo referido acima.

Para constar publica-se o presente aviso na comunicação social, nas páginas da Internet da Câmara Municipal e da Gaiurb Urbanismo e Habitação E. M., no Boletim Municipal, sendo ainda afixado nos lugares de estilo e outros de igual teor.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
EDUARDO VÍTOR RODRIGUES



EDITAL

ALTERAÇÃO À LICENÇA DE LOTEAMENTO N.º 3/93

(Notificação aos proprietários dos lotes constantes do alvará de loteamento ao abrigo do n.º 4 do artigo 7.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação)

Dr.ª Célia Maria Mendes Correia, Vereadora da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, no uso das competências delegadas pelo despacho n.º 53/PCM/2023, de 1 de junho, do Senhor Presidente da Câmara Municipal, com competência conferida pela Câmara em reunião de 18 de Outubro de 2021.---

FAZ SABER através do presente Edital, em cumprimento do seu despacho proferido termos do disposto no artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, que este Município está a promover uma proposta de alteração da licença de loteamento n.º 3/93 que tem como objetivo a desafetação do domínio público para o domínio privado municipal de uma parcela com 75m², alterando o uso de "Tratamento de Esgotos" para "Parcela destinada a ampliação de terreno confinante".--------------------------

Para efeito do disposto no n.º 3 do citado artigo 27.º ficam os proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento notificados para se pronunciarem sobre a alteração indicada, no prazo de 10 dias.--

O processo n.º 132/24 será disponibilizado para consulta, mediante pedido a apresentar através da plataforma *on-line* utilizando o requerimento específico para o efeito disponível em https://www.gaiurb.pt/gaiurb/uploads/document/file/920/mod_div_4_v7.pdf---------------

A VEREADORA
DR.ª CÉLIA CORREIA



EDITAL

ALTERAÇÃO À LICENÇA DE LOTEAMENTO N.º 23/90

(Notificação aos proprietários dos lotes constantes do alvará de loteamento ao abrigo do n.º 4 do artigo 7.º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação)

Dr.ª Célia Maria Mendes Correia, Vereadora da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, no uso das competências delegadas pelo despacho n.º 88/PCM/2023, de 26 de julho, do Senhor Presidente da Câmara Municipal, com competência conferida pela Câmara em reunião de 18 de outubro de 2021.--

FAZ SABER através do presente Edital, em cumprimento do seu despacho proferido termosdo disposto no artigo 27.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, que foi apresentado um pedido de alteração da licença de loteamento n.º23/90 para os lotes n.º 64, 65, 66 e 67, requerido em nome de ATREVIDA CONSTRUÇÃO, LDA, que tem como objectivo, a fusão dos lotes 64 e 65 e a fusão dos lotes 66 e 67 cuja área dos dois lotes é actualizada de acordo com levantamento topográfico efectuados aos 4 lotes; a ampliação da área de implantação dos lotes resultantes; o aumento da área de construção abaixo da cota de soleira dos lotes resultantes; a construção de um novo piso ao nível da subcave no lote 66 e 67 e a definição de novas cotas de soleira e de cumeeira.---

Para efeito do disposto no n.º 3 do citado artigo 27.º ficam os proprietários dos lotes constantes do referido alvará de loteamento notificados para se pronunciarem sobre a alteração indicada, no prazo de 10 dias.--

O processo n.º 1078/24 será disponibilizado para consulta, mediante pedido a apresentar através da plataforma on-line utilizando o requerimento específico para o efeito disponível em https://www.gaiurb.pt/gaiurb/uploads/document/file/920/mod_div_4_v7.pdf---------------

A VEREADORA
DR.ª CÉLIA CORREIA

IPO LISBOA

GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

AVISO

O Instituto Português de Oncologia de Lisboa, Francisco Gentil, E.P.E, torna público que se encontra aberto processo de recrutamento para Técnico Superior - Serviços Farmacêuticos. (m/f).

Para mais informações, consulte a página da internet do IPOLFG em

http://www.ipolisboa.min-saude.pt

Lisboa, 23 de setembro de 2024

IPO LISBOA

GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

AVISO

O Instituto Português de Oncologia de Lisboa, Francisco Gentil, E.P.E, torna público que se encontra aberto processo de recrutamento para Farmacêutico assistente - Área de Farmácia Hospitalar. (m/f).

Para mais informações, consulte a página da internet do IPOLFG em

http://www.ipolisboa.min-saude.pt

Lisboa, 23 de setembro de 2024

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE AMADORA / SINTRA

ANÚNCIO

REF.ª PC-AGS-02/2024

Torna-se público que se encontra aberto procedimento concursal comum, conducente ao recrutamento de pessoal médico para o preenchimento de um posto de trabalho, do mapa de pessoal da Unidade Local de Saúde de Amadora/Sintra, E. P. E., para a carreira médica e especial médica, na categoria de assistente graduado sénior da área de exercício profissional de Anatomia Patológica (Aviso n.º 20898/2024/2, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 183, de 20 de setembro de 2024)

Os requisitos, gerais e específicos encontram-se disponíveis em versão integral no aviso de disponível na página eletrónica da Unidade Local de Saúde Amadora/Sintra, EPE., em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento-arquivo/procedimentos-concursais/.

Amadora, 21 de setembro de 2024

De acordo com a alínea b) e c) do n.º 1 art.º 3.º Dec.-Lei n.º 87/99, de 19 de Março, a **Semente Solidária - Associação de Solidariedade Social** vem informar que o valor líquido angariado resultante do peditório realizado de 30 Agosto a 5 Setembro no Porto foi de 391,11€. Agradecemos a todos os que contribuíram. NIF-510590730

LEILÃO ELETRÓNICO

A LEILOEIRA FORENSE, LDA.
Rua Carlos Reis, nº. 20 – A 1600-033 Lisboa
Tel. 213477953 - T.M. 969097121
www.aleiloeiraforense.pt

Insolvência de Laurinda Figueiredo Silva
Tribunal Judicial da Comarca de Coimbra
Juízo de Comércio de Coimbra – Juiz 1
Processo de Insolvência nº. 2710/22.2T8CBRj

CONDIÇÕES DE VENDA:

1. O registo é obrigatório no nosso site www.aleiloeiraforense.pt

2. Ao valor de arrematação são acrescidos, a comissão de 5% para a agência e, sobre esta, 23% de I.V.A.

3. Com a arrematação será notificado o arrematante para proceder ao pagamento de 20% do preço e a comissão, no prazo de 08 dias.

4. O remanescente do preço será pago na data da escritura, a qual terá lugar no prazo máximo de 60 dias.

Nota: Extrato das condições de venda, não dispensa a consulta das restantes condições no nosso site.

INÍCIO 23/09/2024, ÀS 11H00 | FIM 14/10/2024, ÀS 15H30

VERBA Nº. 1

- ½ metade do Prédio rústico situado em Fochas, com a área de 8.725 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9192 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 2517 da freguesia da Moinhos de Gândara,

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 5.250,00
(Cinco mil duzentos e cinquenta Euros)

VERBA Nº. 2

- Prédio rústico situado em Cunhas, com a área de 1.757 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9193 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 3245 da freguesia de Moinhos da Gândara,

VALOR MÍINIMO DE VENDA € 1.050,00
(Mil e cinquenta Euros)

VERBA Nº. 3

- Prédio rústico situado em Filipa, com a área de 270 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9195 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 3520 da freguesia de Moinhos da Gândara,

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 150,00
(Cento e cinquenta Euros)

VERBA Nº. 4

- Prédio rústico situado em Filipa, com a área de 270 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9194 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 3519 da freguesia de Moinhos da Gândara,

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 157,50
(Cento e cinquenta e sete Euros e cinquenta cêntimos)

VERBA Nº. 5

- Prédio rústico situado em Cavadinha, com a área de 1.369 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9196 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 4382 da freguesia de Moinhos da Gândara,

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 787,50
(Setecentos e oitenta e sete Euros e cinquenta cêntimos)

VERBA Nº. 6

- Prédio rústico situado em Seixedo, com a área de 3.345 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9197 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 2245 da freguesia de Moinhos da Gândara,

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 1.950,00
(Mil novecentos e cinquenta Euros)

VERBA Nº. 7

- Prédio urbano situado em Cunhas, com a área de 63 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9273 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 543 da freguesia de Moinhos da Gândara,

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 10.657,50
(Dez mil seiscentos e cinquenta e sete Euros e cinquenta cêntimos)

VERBA Nº. 8

- Prédio urbano situado em Cunhas, com a área de 83 M2, descrito na Conservatória do registo predial da Figueira da Foz sob o nº. 9274 da freguesia de Alhadas, inscrito na matriz sob o artigo 615 da freguesia de Moinhos da Gândara,

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 3.075,00
(três mil e setenta e cinco Euros)

A LEILOEIRA FORENSE, LDA

paraíso desde 1970

APDEL

LEILÃO ELECTRÓNICO

FIM DO LEILÃO 21 OUTUBRO, 2ª FEIRA ÀS 11H00

Insolvência de João Manuel da Costa Sebastião

PONTA DELGADA

3 LOTES

PARA CONSTRUÇÃO

Lote 145 (165,06m²) • **20.000€**

Lote 176 (1702m²) • **290.700€**

Lote 178 (251m²) • **74.789,20€**

Urbanização dos Valados
RELVA

(DIREITO AO USUFRUTO)

MORADIA TÉRREA

49.650€

(AT 3.458m²; Área de Implantação 820m²; Área de Construção 1.095m² e Área Bruta Privativa 550m²)

Rua António Resendes Tavares nº 1
ARRIFES

CATÁLOGO ONLINE

Subscreva a nossa newsletter em www.cparaiso.pt

Leiloeira Paraíso • Rua Andrade 2 R/C. DTO. • 1170-015 LISBOA
Tel. 218 122 384 • Tlm. 916 855 363 • www.cparaiso.pt • inf@cparaiso.pt

alzheimer PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário "Casa do Alecrim": Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

LEILÃO ELETRÓNICO

Insolvência de José Fernando de Medeiros Pacheco
Tribunal Judicial da Comarca dos Açores
Juízo Local Cível da Ribeira Grande – Juiz 1
Processo de Insolvência n.º 388/18.7T8RGR

A LEILOEIRA FORENSE, LDA

INÍCIO 23/09/2024, ÀS 11H00 FIM 14/10/2024, ÀS 15H00

VALOR MÍNIMO DE VENDA € 42.117,65

VERBA N.º 1
Prédio urbano situado em Achadinha, Rua Direita, Nordeste, Ilha de São Miguel, Açores, composto de Casa Alta e Quintal, com a área total de 742 M2, descrito na Conservatória do Registo Predial do Nordeste sob o n.º 703 da freguesia de Achadinha, inscrito na matriz sob o artigo, 84.

N:B - A Construção referida na descrição foi Demolida

CONDIÇÕES DE VENDA:

1. O registo é obrigatório no nosso site www.aleiloeiraforense.pt;
2. Ao valor de arrematação são acrescidos, a comissão de 5% para a agência e, sobre esta, 23% de I.V.A.;
3. Com a arrematação será notificado o arrematante para proceder ao pagamento de 20% do preço e a comissão, no prazo de 05 dias;
4. O remanescente do preço será pago na data da escritura, a qual terá lugar no prazo máximo de 60 dias.

Nota: Extrato das condições de venda, não dispensa a consulta das restantes condições no nosso site.

A LEILOEIRA FORENSE, LDA. | Rua Carlos Reis, n.º 20 – A 1600-033 Lisboa
Tel. 213477953 - T.M. 969097121 | www.aleiloeiraforense.pt

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Comissão de Trabalho, Segurança Social e Inclusão

ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES OU ÀS RESPETIVAS COMISSÕES COORDENADORAS, ASSOCIAÇÕES SINDICAIS E ASSOCIAÇÕES DE EMPREGADORES

Nos termos e para os efeitos dos artigos 54.º, n.º 5, alínea *d*), e 56.º, n.º 2, alínea *a*), da Constituição, do artigo 132.º do Regimento da Assembleia da República e dos artigos 469.º a 475.º da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro (Aprova a revisão do Código do Trabalho), avisam-se estas entidades de que se encontram para apreciação, de 21 de setembro a 21 de outubro de 2024, as iniciativas seguintes:

Projetos de Lei n.ºs 245/XVI/1.ª (PCP) — *Reforço dos direitos de maternidade e de paternidade,* **246/XVI/1.ª (CH)** — *Modifica o regime do horário flexível de trabalhador com responsabilidades familiares por forma a facilitar a conciliação da vida familiar com a vida profissional,* **248/XVI/1.ª (L)** — *Alarga os períodos de gozo da licença parental inicial, da licença parental exclusiva do pai, da licença parental em caso de deficiência da criança ou de um dos progenitores, e da dispensa para amamentação ou aleitação,* **249/XVI/1.ª (L)** — *Alarga os períodos de gozo da licença parental e revê a majoração das remunerações de referência para atribuição do subsídio parental inicial, do subsídio para assistência a filho com deficiência, doença crónica ou doença oncológica e do subsídio para assistência a neto,* **255/XVI/1.ª (PAN)** — *Prevê medidas de reforço da proteção na parentalidade, aprova uma licença parental inicial igualitária de seis meses e aumenta o período de dispensa para amamentação ou aleitação até aos dois anos da criança e* **260/XVI/1.ª (BE)** — *Alarga e garante a atribuição da licença parental inicial igualitária em termos de género, às famílias monoparentais e por via da adoção, alarga a licença inicial exclusiva do pai e a dispensa para amamentação, aleitação e acompanhamento da criança.*

As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data-limite acima indicada, por correio eletrónico dirigido a *10CTSSI@ar.parlamento.pt* ou por carta dirigida à *Comissão de Trabalho, Segurança Social e Inclusão*, Assembleia da República, Palácio de São Bento, 1249-068 Lisboa.

Dentro do mesmo prazo, as comissões de trabalhadores ou as comissões coordenadoras, as associações sindicais e associações de empregadores poderão solicitar audiências à *Comissão de Trabalho, Segurança Social e Inclusão*, devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

Os textos das citadas iniciativas encontram-se publicados na Separata n.º 21/XVI do *Diário da Assembleia da República*, de 21 de setembro de 2024, e podem ser consultados na página da Assembleia da República, no endereço eletrónico: http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/Separatas.aspx

smas MAFRA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUAS E SANEAMENTO DE MAFRA

AVISO

Procedimento concursal comum para preenchimento de:

Um posto de trabalho da carreira especial de Especialista de Sistemas e Tecnologias de Informação;

Um posto de trabalho da carreira especial de Técnico de Sistemas e Tecnologias de informação.

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 11.º da Portaria n.º 233/2022, de 9 de setembro, faz-se público que os Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento de Mafra – SMAS de Mafra, conforme deliberação do Conselho de Administração de 12/06/2024, procederam à abertura de procedimento concursal comum pelo prazo de 10 dias úteis a contar da publicação integral do Aviso n.º 20713/2024/2, na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 181, de 18/09/2024, para preenchimento de um posto de trabalho na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado para a carreira especial de Especialista de Sistemas e Tecnologias de Informação e de um posto de trabalho na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado para a carreira especial de Técnico de Sistemas e Tecnologias de Informação.

O Presidente do Conselho de Administração,
Hugo Moreira Luís

LeiloeiradoLena
www.leiloeiradolena.com

Tel: 244 822 230

geral@leiloeiradolena.com

Leiloeira do Lena
Consigo desde 1996

Proc nº 1094/22.3T8AMT
INSOLVÊNCIA DE HABITÂMEGA – CONSTRUÇÕES, SA

Habitâmega

Regulamento de Venda e outras informações

LEIL@O ELETRÓNICO

EM VENDA: LOJAS●ARMAZÉNS●ARRUMOS●GARAGENS●SALAS DE CINEMA

Ermesinde

Paços de Ferreira

BAIXA DE PREÇO

LEILÕES ENCERRAM DIA 27 DE SETEMBRO – VÁRIOS HORÁRIOS.

INSOLVÊNCIA DE BC ALGARVE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO, LDA

PROCESSO 512/24.0T8OLH
FIM LEILÃO: 2024-09-30 11H00

Totalidade do Estabelecimento referente ao Insolvente BC Algarve - Equipamentos de Escritório, Lda
(3 VIATURAS E DIVERSOS EQUIPAMENTOS)

LOTE DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DE CARPINTARIA
FIM LEILÃO: 2024-09-27 11:00:00

VISITAS 24 DE SETEMBRO DE 2024, DAS 10H30 ÁS 12H30

Venha Visitar-nos no nosso Website! www.leiloeiradolena.com

Sede: Rua Vale Sepal Urbanização Planalto, lote 36, r/c dtº 2415-395 LEIRIA - Telefone:244 822 230 - **Informação para: geral@leiloeiradolena.com**

Registo obrigatório para participação no Leilão Electrónico – Registo gratuito Não dispensa a consulta do Regulamento de Venda.



Leilões Eletrónicos

Barreiro
Qta das Rebelas, nº 20 — Termina a 24 de set. de 2024, a partir das 15h00
Armazém Industrial
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
(Composto por 4 frações autónomas)
2 | 3min A39 | Loteamento industrial
872,10m² | 5min do Centro do Barreiro | Proximidade a bens e serviços
Oportunidade de Negócio
Insolvências de Francisgood, Lda. e Francisco, Lda.
Processos nº 288/22.6T8FND e 831/23.3T8BRR

Abrantes
Termina a 25 de set. de 2024, a partir das 15h00
Moradia T3
c/ anexo, arrumos e logradouro
258,02m² | 1.102,66m² | 3 | 3 | 1
Rua Principal, nº17, Foz, Bemposta
5min N243
15min de Bemposta
Insolvência de Rui Carlos Duarte Santos
Processo nº 337/22.8T8PSR

Proença-a-Nova
Termina a 25 de set. de 2024, a partir das 15h15
Apartamento T4
173,70m² | 4 | 2
Rua Guilhermina Lopes Farinha nº3,
15min A23
2min do Centro de Proença-a-Nova
Insolvência Sérgio Martins e Exec.: Helena Pereira
Processos nº 188/23.2T8FND e 250/17.0T8CTB

Anadia
Termina a 27 de set. de 2024, a partir das 15h00
Loja
182,00m² | 2
Largo Dr. Costa Almeida, Fase A
4min N1
Centro Anadia
Insolvência: Maria Alvim e Execução: António Alvim
Processos nº 8851/21.6T8LSB e 1/15.4T8AGD

Colares
Rua Dr. Fernando Andrea, Rodízio — Termina a 02 de out. de 2024, a partir das 15h00
Moradia T6
Imóvel Premium
20min A16
3min da Praia das Maçãs
15min do Centro de Sintra | 30min de Lisboa
785,00m² | 6 | 2
2.240,00m² | 7 | 3
- c/ piscina interior e logradouro -
Insolvência de Eugénio Ferro e M. Conceição Ferro
Processo nº 21089/15.2T8SNT

Stª M. da Feira
Termina a 03 de out. de 2024, a partir das 15h00
Moradia T2
c/ logradouro
335,20m² | 2 | 2
Travessa Bairro do Sol, nº15, Pigeiros
4min A32
10min Centro de Sta. Maria da Feira
Insolvência de Manuel Santos e Aurélia Paiva
Processo nº 489/22.7T8OAZ

Alcanena
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 04 de out. de 2024, a partir das 15h05
Prédio misto + rústicos
56.120,00m²
Rua do Alviela, Alcanena
10min A1 e A23
5 min Centro de Alcanena
Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A.
Processo nº 2374/23.6T8STR

Madeira
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
Termina a 04 de out. de 2024, a partir das 15h30
7x Lotes terreno + 2x rústicos
1.550,00m² e 887,00m²
Avenida dos Pescadores Paulenses, Paúl do Mar
10min ER101
15min da Praia do Paúl do Mar
Insolvência de Ribeira Verde, S.A.
Processo nº 6026/21.3T8FNC

Alcanena
Lagoeiros - Estrada da Raposeira 26, Alcanena — Termina a 04 de out. de 2024, a partir das 15h15
Unidade Fabril
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
45.963,00m² | 10min A1 e A23 | Antiga fábrica de curtume
17.635,51m² | 2 min do centro de Alcanena | Proximidade a bens e serviços
Oportunidade de Negócio
Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A.
Processo nº 2374/23.6T8STR

Alcanena
Rua da Estiveira 712, Alcanena — Termina a 04 de out. de 2024, a partir das 15h20
Unidade Fabril
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
4.948,98m² | 10min A1 e A23 | Antiga fábrica de curtume
7.004,00m² | 2 min do centro de Alcanena | Proximidade a bens e serviços
Oportunidade de Negócio
Insolvência Marsipel - Indústria de Curtumes, S.A.
Processo nº 2374/23.6T8STR

Bragança
Termina a 08 de out. de 2024, a partir das 15h00
Moradia T3
104,00m² | 3 | 2 | 2
Rua de Cancela, Baçal
13min A4
15min do Centro de Bragança
Insolvência de Diogo Machado e Tânia Vidinha
Processo nº 1246/23.9T8BGC

Loures
Termina a 10 de out. de 2024, a partir das 15h00
Escritório
(Rua da República)
78,00m² | 1 | 1
Rua da República nº 40, 3º Loures
5min A8
Centro de Loures
Desinvestimento
Processo nº DES20231120

Oliveira do Bairro
Rua do Camarnal, Vila Verde — Termina a 16 de out. de 2024, a partir das 15h00
Armazém Industrial
Imóvel isento de IMT e Imposto de Selo.
13.480,00m² | 15min A1 | Loteamento industrial
4.660,00m² | 4min do Centro de Oliveira do Bairro | Proximidade a bens e serviços
Oportunidade de Negócio
Insolvência de Salsicharia Ideal Oliveirense, Lda.
Processo nº 1574/16.0T8AVR

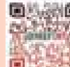
Agualva-Cacém
Termina a 17 de out. de 2024, a partir das 15h00
Loja
c/ arrecadação
112,00m² | 2
Rua Cidade de Brasília 2A, Agualva-Cacém
5min A37
Centro de São Marcos
Insolvência Carlos Martinho Pastelarias, Lda.
Processo nº 5049/20.4T8SNT

Grande Leilão
Termina dia 23 de set. de 2024, às 16h00
Máquinas e Veículos
+ 100 Leilões | Imóveis | Direitos | Máquinas | Visitas Virtuais | Veículos
BONS NEGÓCIOS
em qualquer lugar

WWW.ONEFIX-LEILOEIROS.PT

-Registo gratuito.
-Registo obrigatório para participação no Leilão Eletrónico.
-Dias e horários de visitas disponíveis nas respectivas brochuras de venda.
-Não dispensa a consulta das Condições Gerais de Venda (Disponíveis no site e na brochura).


Siga-nos:


Sede: Rua da República, nº31, 2670-473 Loures
Telefone: 219 823 163 (Chamada para a rede fixa nacional)
Centro Logístico: Av. de Portugal 4, Armazém nº4, 2665-357 Póvoa da Galega
Informações para: comercial@onefix-leiloeiros.pt


Champalimaud terá unidade de produção de terapias celulares

O anúncio foi feito no âmbito de um encontro internacional com os maiores especialistas em imunoterapia celular e no tratamento do cancro, em Lisboa

Filipa Almeida Mendes

A Fundação Champalimaud está a criar uma unidade de produção de terapias celulares para tratar o cancro, que deverá abrir no próximo ano e ficará localizada no Centro de Cancro do Pâncreas Botton-Champalimaud.

O programa será supervisionado por alguns dos maiores especialistas na área da imunoterapia, incluindo o hematologista, imunologista e oncologista alemão Christoph Huber, co-fundador da BioNTech – empresa que, juntamente com a Pfizer, desenvolveu a primeira vacina contra a covid-19 a receber aprovação dos reguladores.

O anúncio foi feito no âmbito de um encontro internacional com os maiores especialistas em imunoterapia celular e no tratamento do cancro, que se realizou na Fundação Champalimaud, ontem e anteontem.

Este encontro foi, segundo um comunicado da Champalimaud, "a primeira reunião na Europa do seu género", tendo-se focado na forma como as terapias celulares podem resultar em tratamentos seguros e inovadores para os doentes com cancro. A iniciativa foi organizada em parceria com a Associação para a Imunoterapia do Cancro.

Mas em que consistem estas terapias celulares para tratar o cancro? Essencialmente, trata-se de células que são cultivadas ou modificadas fora do corpo antes de serem injectadas ou infundidas no doente – a partir daí, tornam-se como uma espécie de "medicamento vivo", sendo este um dos caminhos mais promissores actualmente no tratamento do cancro.

O tratamento com células CAR-T é, por exemplo, uma técnica de imunoterapia em que as células do próprio doente são geneticamente modificadas para procurar e atacar as células cancerosas. Este tratamento é actualmente utilizado nos cancros de células sanguíneas (como o linfoma difuso de grandes células B e a leucemia linfoblástica aguda), não sendo muito eficaz em doentes com cancros sólidos.

Em Portugal, o tratamento com células CAR-T já foi aplicado em 154 doentes desde 2019, estando o Instituto de Oncologia Português (IPO) do Porto a desenvolver uma "fábrica" de células CAR-T, que poderá ser uma realidade em 2025 ou 2026.

Mas existem outras terapias celulares como, por exemplo, o tratamento com células TIL (linfócitos infiltrantes de tumores), células imunitárias que se encontram no tecido canceroso que podem ser removidas do tumor, cultivadas e activadas fora do corpo para depois serem novamente infundidas no doente, de forma a reconhecerem especificamente as células cancerosas, matá-las e contribuir para o encolhimento do tumor, resultando na indução de uma resposta imunitária prolongada contra o cancro.

A agência do medicamento dos Estados Unidos, a Food and Drug Administration (FDA, na sigla em inglês), concedeu já uma aprovação para a utilização destas células TIL em doentes com melanoma (em casos em que o melanoma não pode ser removido cirurgicamente, se espalhou para diferentes tecidos do corpo ou não responde às terapias convencionais).

O principal objectivo da nova unidade da Fundação Champalimaud é desenvolver imunoterapias eficazes para doentes com cancros sólidos, até porque não existem muitas.

Markus Maeurer, investigador responsável pelo programa de imunooncologia da Fundação Champalimaud, explica ao PÚBLICO que "esta estrutura será regulada pelo Infarmed e por uma série de leis diferentes de Portugal e da União Europeia". "É, essencialmente, uma estrutura altamente regulamentada para fabricar produtos celulares vivos."

O investigador explica que, em ensaios clínicos de fase I ou II, há normalmente uma dependência de uma determinada empresa que fornece estes produtos. Por outro lado, "não há quase nenhuma instituição académica na Europa que possa realizar estudos de terapia celular com um padrão industrial". Foi por isso que a Fundação Champalimaud decidiu avançar com esta unidade.

"Se fizermos quimioterapia, precisamos de ter uma farmácia, enfermeiros e de fazer as infusões de forma controlada. Aqui [com as terapias celulares] é a mesma coisa. É preciso ter um ambiente controlado e, por isso, houve uma decisão estratégica de criar uma instalação para que a Fundação [Champalimaud] se tornasse independente e fosse capaz de oferecer terapia celular", explica Markus Maeurer, acrescentando que naquela estrutura, que será "polivalente", "cada partícula do ar será monitorizada".

Significa isto que a Champalimaud poderá iniciar os seus próprios estudos em terapias celulares ou acolher outras instituições académicas ou a indústria, estando previsto que sejam criadas "alianças estratégicas" para satisfazer as necessidades dos doentes.

Segundo Markus Maeurer, serão necessárias pelo menos 15 ou 16 pessoas devidamente qualificadas e acreditadas para gerir esta unidade, cabendo ao Infarmed - Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde a acreditação e aprovação para a produção dos produtos.

Para a criação desta unidade, a Fundação Champalimaud contou com "um fundo estratégico da União Europeia que cobriu alguns custos". Markus Maeurer garante que "não houve investimento da indústria", tendo-se tratado de um "investimento estratégico dos financiadores" da Champalimaud (cujo valor não foi detalhado).

Embora o começo das operações esteja dependente das agências reguladoras, Markus Maeurer acredita que a estrutura poderá entrar em funcionamento dentro de aproxima-



Centro de Cancro do Pâncreas Botton-Champalimaud, onde ficará instalada a unidade de produção de terapias celulares



Houve uma decisão estratégica de criar uma instalação para que a Fundação [Champalimaud] fosse capaz de oferecer terapia celular

Markus Maeurer
Investigador

RUI GAUDÊNCIO



damente um ano. E as terapias celulares que serão ali produzidas não beneficiarão apenas os doentes da Fundação Champalimaud, mas também “doentes de outras instituições nacionais”. “Desde o início foi muito claro que o intuito é democratizar a medicina.”

Em particular, a Fundação Champalimaud pretende servir os doentes com cancros sólidos, para os quais ainda não existe uma resposta bem-sucedida ao nível das terapias celulares.

ARN-mensageiro e cancro

Christoph Huber está “há quase 50 anos empenhado no desenvolvimento de imunoterapias contra o cancro” e será consultor científico desta divisão de imunoterapia celular da Champalimaud. O oncologista alemão, que já não faz parte da administração da BioNTech, diz que será possível, nos próximos anos, haver terapias celulares “eficazes e viáveis em termos de tempo e de custos” para atacar cancros sólidos – aliás, refere, a própria BioNTech tem vindo a realizar estudos nesse sentido.

Sobre a tecnologia de ARN-mensageiro – que a BioNTech pôs nas bocas do mundo com a vacina contra a covid-19 –, Christoph Huber frisa que “as vacinas de ARN-mensageiro são mais eficazes, mais fáceis de produzir e bastante mais baratas em comparação com as vacinas de proteínas e de ADN”, sendo “agora claro” que é possível tratar o cancro com estas vacinas e prevenir reincidências.

“É apenas uma questão de saber se será aprovado como terapia convencional. No passado, dizia-se que as vacinas contra o cancro não funcionavam e muitos dos meus colegas ainda acreditam nisso. Mas, actualmente, há provas suficientes de que funcionam – embora precisem ainda de ser trabalhadas e de aprovação formal”, diz Christoph Huber.

Importa recordar que uma vacina da BioNTech contra o cancro do pulmão, que utiliza a tecnologia do ARN-mensageiro, está a ser testada desde 2022 e poderá ser aprovada até ao final da década.

O co-fundador da BioNTech acredita que o ARN-mensageiro é uma “plataforma tecnológica que poderá resolver problemas que até agora não foram resolvidos”. E conclui: “Trata-se certamente de uma investigação em curso que será tão frutuosa como a do ADN”.

A Terra vai ter uma minilua mas não será visível de nenhum observatório português

Marta Sofia Ribeiro

“É 2,5 milhões de vezes menos brilhante do que o limite que o olho humano consegue ver”, diz cientista sobre este fenómeno raro

Durante quase dois meses, uma minilua vai circular em torno da Terra. É um asteróide (2024 PT5) que será capturado pela gravidade do planeta – um fenómeno raro, mas não inédito – e por aqui ficará até final de Novembro. “É cerca de 2,5 milhões de vezes menos brilhante do que o limite que o olho humano consegue ver” e tem dez metros de comprimento, descreve Nuno Peixinho, investigador do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço da Universidade de Coimbra. Por isso, só será possível vê-lo através de telescópios profissionais e em sítios muito escuros – em Portugal, não será visível a partir de nenhum observatório.

O 2024 PT5 foi descoberto a 7 de Agosto pelo sistema ATLAS, da NASA. Mas só este mês Raul de La Fuente Marcos e Carlos de La Fuente Marcos, investigadores da Universidade Complutense de Madrid, publicaram um artigo em que descreviam a órbita prevista do objecto que se tornará minilua da Terra entre 29 de Setembro e 25 de Novembro. Vai descrever uma espécie de “L manuscrito” em torno do planeta, explica Nuno Peixinho. “Passa perto da Terra, a Terra apanha-o na sua própria gravidade”, quase como se fosse cair. Mas vem com a “velocidade exacta, na direcção precisa” para nem cair nem sair da órbita da Terra.

“Lamentavelmente, parece que não a conseguiremos ver em Portugal”, diz o astrofísico. No observatório onde trabalha, em Coimbra, não há nenhum telescópio com a capacidade necessária para a captar – e, mesmo que houvesse, o mais provável era que a poluição luminosa não permitisse a observação. Em território nacional, não será possível ver a minilua através de nenhum telescópio. Seria preciso ter pelo menos 80 centímetros de espelho – em Gaia, no Observatório Astronómico Professor Manuel de Barros, há um telescópio com 76 centímetros. Ainda que o tamanho chegasse, “os céus do Porto” não permitiriam ter visibilidade suficiente (de novo o problema da poluição luminosa). Será mesmo preciso esperar por observatórios internacionais para ver imagens.

A minilua “é um fenómeno raro”, mas não inédito. Aliás, “a tendência é vermos cada vez mais, porque temos mais programas”, diz Nuno Peixinho. Em 2006 e em 2020 houve miniluas durante cerca de um ano. Em 2022, aconteceu de novo, mas não se sabe durante quanto tempo, já que só foi possível perceber a passagem do 2022 NX1 ao estudar a órbita desse asteróide em retrospectiva, e que deve voltar a visitar-nos em 2051. “A cada década vamos ter um, dois ou três eventos deste tipo.” Tendo em conta que a cada semana se descobrem mais de cem asteróides novos, o número de miniluas é escasso.

Vigiar os asteróides

Esta futura minilua da Terra vem da cintura de asteróides entre Marte e Júpiter. “Durante a maior parte da órbita ele está naquela zona”, mas ao longo do percurso pode sair e aproximar-se de outros planetas – como está a acontecer. Se um objecto passa a menos de 45 milhões de quilómetros, os investigadores gostam de o “ter debaixo de olho”, porque pode ter algum impacto na vida na Terra. São considerados Objectos Próximos da Terra (NEO, na sigla inglesa) e se tiverem mais de cinco metros de comprimento é provável que alguns detritos caiam em solo terrestre.

O 2024 PT5 insere-se nessa definição, mas Nuno Peixinho garante que não representa nenhum perigo. “Neste caso esse perigo não existe, ele vai passar, vai sentir a gravidade da Terra, pode ficar a dar uma volta, mas depois vai-se embora mesmo.”

Sempre que se sabe que há um acontecimento deste género, é importante conseguir observar exactamente como é que os corpos se comportam. Está previsto que a minilua fique perto da Terra desde 29 de Setembro até 25 de Novembro, mas é pouco provável que os cálculos acertem ao milímetro. E é importante perceber porquê, ao estudar a forma exacta (se é mais redondo ou oval), se roda sobre si mesmo e se esse movimento é rápido ou lento. “Temos de saber, porque também nos permite saber mais sobre o que anda perto da Terra, que é sempre a grande urgência.” O objectivo é sempre antever os próximos passos.

O astrofísico da Universidade de Coimbra relembra a queda de um meteorito em 2013, em Cheliabinsk, na Rússia, que provocou mais de 1200 feridos. A tecnologia caminha para ter a capacidade de evitar esses impactos. Em 2022, a missão DART, da agência espacial norte-americana NASA, “foi bater” num asteróide – foi a primeira vez que foi possível alterar propositadamente a órbita de um corpo celeste. “Se soubermos com décadas de avanço [que há um asteróide em direcção à Terra], podemos mandar para lá uma missão espacial.” Pode bastar que a órbita mude um centímetro por dia – após 20 anos, “vai falhar a Terra por vários quilómetros”.

Ainda anteontem, um asteróide com 37 metros passou a 2,6 milhões de quilómetros da Terra e outro, com oito metros, a 4,5 milhões. Ontem, havia três corpos a passar perto do nosso planeta a 2,8 milhões, cinco milhões e mais de sete milhões de quilómetros.

NASA/REUTERS



A Terra vista da Lua: o nosso planeta terá uma minilua por dois meses

Quem é a “Leonor” que Leonor Antunes mostra no novo CAM

Mais do que de volume e massa, as esculturas da artista em destaque na primeira grande exposição do renovado CAM falam de suspensão e de mulheres

Isabel Salema Texto
Matilde Fieschi Fotografia



Com *da desigualdade constante dos dias de leonor**, a artista Leonor Antunes (na fotografia com a obra *Sadie*)

Chama-se “Leonor” a personagem principal da exposição da escultora portuguesa Leonor Antunes que ocupa a grande nave do renovado Centro de Arte Moderna (CAM), que abre hoje ao público em clima de festa. Mas podia chamar-se “Ana”, “Sadie”, “Franca”, “Sophie”, algumas das mulheres artistas, arquitectas e *designers* evocadas pelos títulos das 39 esculturas, metade delas novas, que habitam quais fantasmas a exposição intitulada *da desigualdade constante dos dias de leonor**.

O título é assim mesmo, grafado em minúsculas, mas é o asterisco que mais curiosidade há-de despertar. É uma citação de um título de uma obra de Ana Hatherly (1929-2015), um desenho com um tamanho pouco maior do que um telemóvel, que podemos ver na galeria superior contígua à nave. É um emaranhado de rabiscos feito em 1972 por uma das mais inclassificáveis artistas portuguesas, nome cimeiro da vanguarda da poesia visual de meados do século XX.

Ana Hatherly não podia saber que Leonor Antunes nasceria em Lisboa nesse ano de 1972. Por isso, esta “Leonor” não é, certamente, a artista Leonor Antunes que vive há duas décadas em Berlim — agora com temporadas grandes em Lisboa —, mas uma das Leonores dos versos de Luís de Camões, neste caso aquela que “Vai formosa e não segura”.

“A Leonor não sou eu. O título é bastante ambíguo e lúdico”, explica Leonor Antunes, numa conversa com o PÚBLICO, no CAM. Fala da “vulnerabilidade” de Ana Hatherly no ano de 1972, “o ano do meu nascimento”.

Foi Rita Fabiana, a curadora da exposição, que notou na apresentação à imprensa que o título parece apontar para a mais autobiográfica das exposições de Leonor Antunes até à data. Será também uma piscadela de olho à ausência, leia-se invisibilidade, de Leonor Antunes em Portugal, uma das mais internacionais artistas da sua geração, escolhida para representar o país na Bienal de Veneza em 2019, mas a que faltava dedicar uma grande exposição em Lisboa. É a primeira exposição em nome próprio no Centro de Arte Moderna.

Quem está familiarizado com o trabalho das duas artistas, saberá que se interessam pela vulnerabilidade do gesto criativo e da sua própria condição de artistas-mulheres, como explica a curadora no catálogo. Aos trabalhos sobre a Leonor de Camões, Ana Hatherly chamou *Leonorana*, juntando Leonor ao seu próprio nome.

“Para o público estrangeiro, que não está familiarizado com a personagem de Ana Hatherly, nem com a de Leonor, também pode funcionar”, comenta Leonor Antunes, quando lhe perguntamos pela dimensão autobiográfica da exposição. “Pode soar pretensioso, mas não é de todo, é uma espécie de brincadeira.”

Quem é a artista Leonor Antunes a que o CAM dá destaque com a sua primeira exposição? Podemos começar pelas obras que dedica a Ana Hatherly, as mais diáfanas, feitas com fios de latão, que se assemelham a uma filigrana. Reverberam os desenhos de Hatherly guardados no acervo do CAM e agora expostos no mezanino, com Leonor Antunes a ampliar e a trabalhar detalhes das malhas tecidas pela sua antecessora.

A linguagem escultórica de Leonor Antunes não é a do volume e massa. A artista também fala da gravidade, do peso, mas através da suspensão. As suas esculturas estão agarradas ao tecto, penduradas, mas não são inacessíveis. Não temos de olhar para cima para as encontrar; circulamos entre elas, à volta delas.

Para quem conhece bem o trabalho de Leonor Antunes, para quem a viu em Veneza e nas várias exposições institucionais que lhe têm sido dedicadas lá fora, a novidade no CAM será a utilização de missangas de vidro, material a que recorreu pela primeira vez no ano passado numa exposição com curadoria de Tanya Barson no espaço da Hauser & Wirth, em Nova Iorque, uma das mais influentes galerias do mundo.

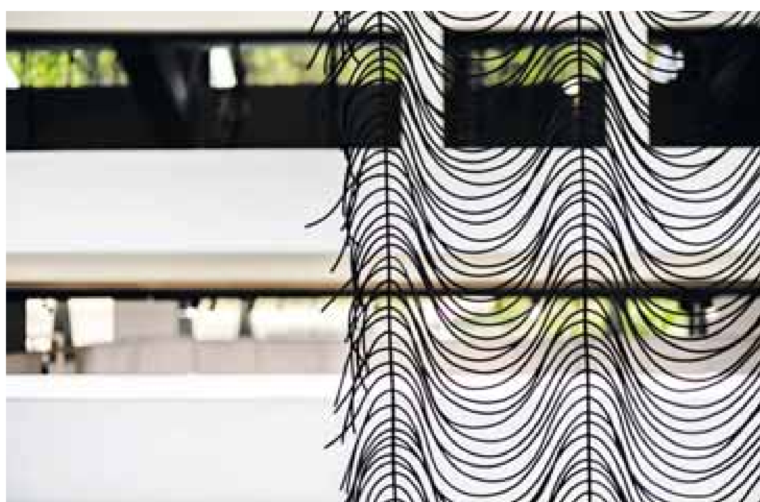
“Sempre quis trabalhar com missangas, mas nunca tinha encontrado uma razão para explorar o material. Convidaram-me para fazer uma exposição sobre a Sophie Taeuber-Arp na Hauser & Wirth, que gere o espólio da artista modernista suíça, juntamente com outras artistas. Ela fez coisas muito díspares: arquitectura, pintura, adereços para teatro, bordados, pulseiras, sacos de missangas.”

São as esculturas a que chamou *Sophie*, por exemplo, mas também *Franca*, que extrapolam a escala de um colar de missangas em forma de fita. Mas se essas missangas são teci-





) ocupa a grande nave do CAM



das num tear, desta vez Leonor Antunes explorou a forma tubular, com uma técnica artesanal diferente, num cruzamento de referências modernistas mas também de culturas ancestrais como a africana. É assim que chegamos a outra personagem central desta história maioritariamente feita por mulheres: Sadie.

Trata-se de Sadie Speight, colega e mulher de Leslie Martin, o arquitecto britânico que fez o edifício original do CAM, antes da actual renovação assinada pelo japonês Kengo Kuma. Na sua abordagem às exposições que passa por uma longa pesquisa sobre o contexto onde trabalha, Leonor Antunes encontrou a mão de Sadie no projecto do CAM, nomeadamente no mobiliário expositivo que recuperou para expor no mezanino. Mergulhou nos arquivos, aqui e em Londres, falou com a família, visitou obras dos arquitectos Leslie e Sadie. Tal como outras mulheres sobre as quais trabalhou, a colaboração com o marido ou colega levou à invisibilidade e secundarização da obra de Sadie Speight, que a certa altura, lembra a artista, passou a assinar *lady* Martin, quando o marido recebeu o título de *sir*.

A escultura *Sadie* introduz uma nota de vermelho numa exposição de tons mais neutros. "O único elemento que sabia à partida que estaria aqui é a obra *Sadie*", acrescenta, sobre uma exposição que começou a ser pensada há três anos.

"Foi uma peça que concebi aqui no CAM. Fiz esta corda de seda com a ajuda do Laurindo, um técnico da fundação. A ideia é que tivesse o comprimento da nave, mas não conseguíamos trabalhar aqui porque estava tudo em construção." Fizeram-no numa sala no piso de baixo, perto da biblioteca, que não chegaria aos 50 metros de comprimento do CAM, medidos pelo olho de Leonor, mas andaria pelos 35 metros. *Sadie*, que se enrola em voltas e contravoltas, exibe o padrão das tapeçarias acústicas do Royal Albert Hall, trabalho que está creditado à arquitecta. Leonor, por outras palavras, tira as medidas ao CAM, guardião da mais importante colecção de arte moderna e contemporânea portuguesa.

As esculturas-luminárias

O final da tarde aproxima-se e talvez esta seja a melhor luz para apreciar a grande instalação *site-specific* que também é a exposição. Com uma sala virada a norte, onde se rasgam grandes vãos, amplas janelas, a luz entra filtrada pelo verde do jardim, permitindo que as esculturas ganhem outro relevo. A luz vem também de cima, pelas aberturas zenitais que compõem a fachada norte, em forma piramidal.

A artista não usa luz artificial nas suas exposições, a não ser as lâmpadas que também habitam as suas esculturas-luminárias, como *discrepâncias com M.P.*, iniciais da arquiteta e *designer* têxtil britânica Marian Pepler. "Este espaço funciona como uma grande caixa de luz. O interessante é explorar os diferentes momentos do dia, porque a luz modela muito o espaço e muda o que se passa aqui dentro." Para conter o grande espaço da nave, uma sala-hangar, Leonor Antunes usou uma estratégia semelhante à de Veneza. "Trouxe aqueles trabalhos que se chamam *shed*, uma espécie de biombos que já tinha usado numa exposição em Milão que também ocupava um hangar." São como "dobradiças" que se posicionam em frente às grandes janelas. "Para mim, era interessante trabalhar com estes pés-direitos com diferentes alturas – quatro, seis, oito e dez metros –, esse foi o desafio." Não ter um tecto com uma altura constante. "[O desafio foi] tentar, numa grande nave, explorar diferentes momentos de intimidade, criar, mais próximo do jardim, uma espécie de 'quartos'. Foi assim que comecei a instalar as peças aqui."

Visto de cima, Leonor Antunes criou uma malha de corda, onde as obras verticais se vão agarrando. Flutuam no espaço, parece que tocam o chão, mas à excepção de uma, o resto será ilusão. Voltamos a Marian Pepler, a referência para a maior escultura que cobre todo o chão da nave. Um tapete de cortiça pontuado com círculos de latão e linhas de linóleo. É o mesmo desenho, ampliado à escala do CAM, do tapete que Pepler fez para os seus pais. A *designer*, conta a artista, era muito amiga do casal Martin.

Muitas destas mulheres modernistas, que trabalharam no pós-guerra, viram as suas vidas cruzarem-se, muitas vezes no exílio. Mulheres como Mary Martin, Anni Albers e Ruth Asawa, que habitaram outras exposições e contam uma história de arte que Leonor Antunes não aprendeu na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Com a história e a arte delas, Leonor tem construído uma colecção imaginária, aponta Rita Fabiana no catálogo – de Charlotte Perriand a Lina Bo Bardi –, uma que se cruza aqui com a Colecção do CAM, numa escolha da própria artista apresentada no mezanino. São cerca de 50 obras de mais de 30 artistas, mas essa é outra história.

> **Este espaço funciona como uma grande caixa de luz. O interessante é explorar os diferentes momentos do dia**
>
> **Leonor Antunes**
> Artista

O primeiro fim-de-semana no novo CAM

A festa faz-se de muitas maneiras

Lucinda Canelas

O novo Centro de Arte Moderna (CAM) abre hoje as portas a todos e, como prometido, com dois dias de festa de entrada gratuita recheados de música, *performance*, conversas e actividades para famílias, a lembrar que, a partir de agora, há muito mais para ver no parque Gulbenkian, que nos últimos anos viu crescer o jardim e até passou a ter uma entrada nova, na Rua Marquês de Fronteira.

Arriscamos que, dada a cobertura mediática, serão poucos os visitantes habituais da fundação a ser surpreendidos por esta reinauguração e pela pala que agora se impõe na fachada sul do edifício e que é já a imagem de marca do projecto de requalificação do CAM, confiado ao arquitecto japonês Kengo Kuma. Uma imagem de marca que reflecte toda uma nova filosofia de trabalho no CAM, disse-o o seu director, Benjamin Weil, na visita para a imprensa, filosofia essa baseada na sua capacidade de criar múltiplas oportunidades de encontro entre o público e os artistas, que ocupam o centro da actividade do edifício renovado.



A artista Jota Mombaça apresenta a *performance*-instalação *Sempre Viva Cobra-d'Água*

É sob esta pala que cria uma espécie de alpendre – um elemento comum na arquitectura tradicional japonesa que dá pelo nome de *engawa* – ou junto a ela, já em pleno jardim, que a Gulbenkian quer ver todos a dançar neste fim-de-semana ao som dos DJ Nídia e Tim Reaper (hoje) e Samon Takahashi (amanhã), âncoras num programa musical que conta ainda com o jazz experimental de Nala Sinephro e com a electrónica da veterana Éliane Radigue, nascida em 1932 (hoje), que na grande nave de exposições tomada pela floresta escultórica de Leonor Antunes vai entrar em diálogo com a obra desta artista portuguesa radicada em Berlim.

É também da proposta de ocupação da nave feita por Leonor Antunes que parte *Sempre Viva Cobra-d'Água* (hoje), *performance*-instalação da artista Jota Mombaça, que, contando com a colaboração do intérprete Luan Okum, convida o público a acompanhar um ritual que começa na nave e se estende ao jardim, inteiramente devedor da habitual pesquisa desta criadora brasileira em torno do corpo, do tempo, da metamorfose, da forma como nos relacionamos, material e imaterialmente, com o que nos rodeia.

Okum transportará um objecto cerâmico de grandes dimensões composto por cilindros e discos unidos por sisal da nave para o ribeiro do jardim, onde será mergulhado, ali permanecendo, sujeito às transformações que a água lhe impuser, até ao fim da exposição de Leonor Antunes, a 17 de Fevereiro de 2025.

No âmbito da *performance*, e integrada na temporada de arte contemporânea japonesa, a que a exposição que o CAM agora dedica a Fernando Lemos está associada, há ainda *Ecoando* (amanhã), da poetisa Ryoko Sekiguchi e do actor e compositor Samon Takahashi, uma proposta transdisciplinar em que a voz e o texto *La Voix Sombre* assumem protagonismo, com os dois criadores em palco, a tirar partido da relação entre o som e as palavras.

De palavras se fazem também as conversas agendadas, com destaque para a que junta Kengo Kuma e Benjamin Weil, dois dos responsáveis pela renovação do CAM, moderada pela jornalista do PÚBLICO Bárbara Reis. Hoje, às 14h, o arquitecto que redesenhou o edifício, originalmente um projecto de Leslie Martin, e o responsável pela programação vão falar sobre o cruzamento entre arquitectura e natureza, pessoas e arte, partindo do lugar de encontro que o *engawa* cria.

Para os que quiserem concentrar-se nas exposições, as novidades são muitas e incluem, na galeria que acolhe de forma mais sistemática a colecção do CAM, uma das mais importantes de arte moderna e contemporânea portuguesa, um espaço de reservas visitáveis onde estão a título permanente, por exemplo, algumas das mais notáveis pinturas de Amadeo de Souza-Cardoso que, até aqui, só pontualmente integravam exposições temporárias.

A ideia, garantem Weil e a directora adjunta do CAM, Ana Botella, é que os visitantes encontrem sempre motivos para regressar, integrando o CAM nas suas rotinas quotidianas, nos seus programas familiares. E por falar em família, este fim-de-semana há uma oficina de "fazer encontros" a pensar, sobretudo, nos mais novos, com construções em materiais diversos, e outra de fotografia em que todos os que tiverem mais de 16 anos serão chamados a pegar na câmara e com ela a explorar os temas "Luz e sombra" ou "Espelhos e reflexos".

Guia
crianças

blogues.publico.pt/letrapequena/

Portimão embarca na caravela *Vera Cruz*
No Cais Gil Eanes, na zona ribeirinha de Portimão, está atracada a caravela-escola portuguesa *Vera Cruz*, feita à imagem de navios como aquele em que, por exemplo, Bartolomeu Dias dobrou o cabo da Boa Esperança. A embarcação quinhentista pode ser visitada gratuitamente entre hoje e dia 28 de Setembro. As portas estão abertas das 10h às 13h e das 14h às 18h30, excepto sexta, sábado e domingo (até às 20h30) e no último dia, em que abre apenas no período das 10h às 14h.

Querer ser outra coisa

Os animais começaram a invejar-se uns aos outros. O galo queria voar como o passarinho e a lebre queria nadar como a pata

Rita Pimenta

O reino animal viveu dias estranhos, com cada espécie a querer ser outra. Quando se olhavam entre si, deparavam-se com "um buraquinho feito de tristeza". O galo queria ser passarinho, que queria ser caracol, que queria ser lebre, que queria ser pata, que queria ser linda como a borboleta, que queria ficar como estava.

A todos os animais foi dada a possibilidade de ser quem não eram. Durou pouco.

A autora do texto, Rosário Alçada Araújo, diz ao PÚBLICO que procurou neste livro, "acima de tudo e como sempre, contar uma boa história, que leve os leitores a querer saber o que vai acontecer e a encontrar prazer nas palavras". Acrescenta ainda sobre as suas motivações para esta narrativa: "Acredito que um dos desafios do ser humano consiste em aprender a viver com o que a vida lhe oferece, sem estar constantemente a olhar para o lado e a comparar-se com os outros ou a investir num ideal que não é real. Até porque ninguém nos diz que a concretização daquilo que sonhamos nos vai fazer mais felizes."



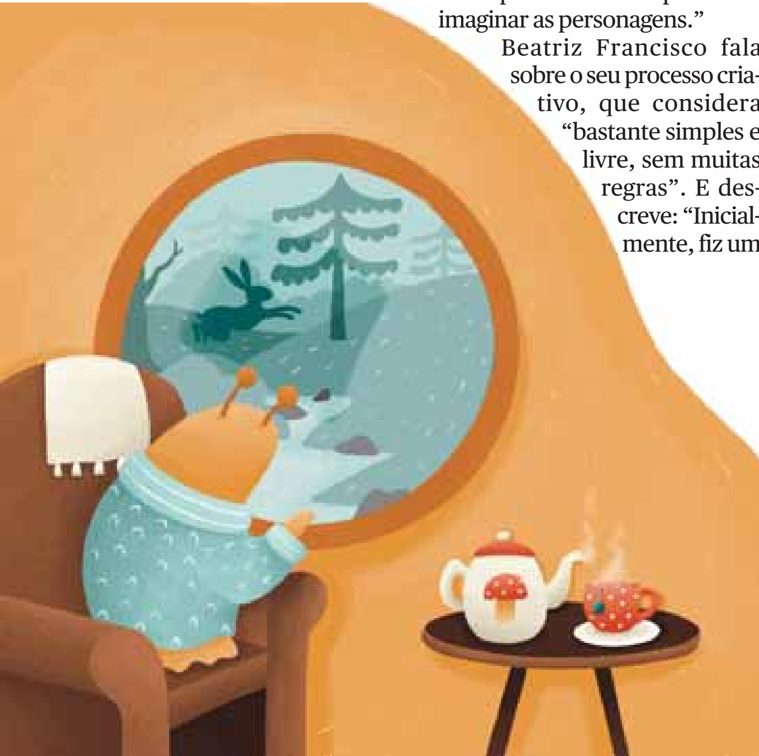
No entanto, tem "consciência de que as motivações do escritor nem sempre vão ao encontro daquilo que os leitores descobrem na história", considerando mesmo que "essa é uma das riquezas da leitura!".

Por último, manifesta um desejo: "Gostava que este livro fosse lido tanto por crianças quanto por adultos."

Também a ilustradora de *Quem me Dera Ser assim*, Beatriz Francisco, diz ser esta "uma história para crianças, mas com a qual os adultos também se poderão identificar". Pelo tema que aborda: "A aceitação de quem somos, o reconhecimento das nossas qualidades, mas também das nossas limitações."

Não deve dificuldade em ilustrar este livro, para o qual trocou algumas ideias com a autora do texto: "Adoro animais e por isso foi fácil para mim imaginar as personagens."

Beatriz Francisco fala sobre o seu processo criativo, que considera "bastante simples e livre, sem muitas regras". E descreve: "Inicialmente, fiz um *storyboard* à mão, com desenhos rápidos das primeiras ideias que tive, e a partir daí passei para o digital, onde desenvolvi e finalizei as ilustrações."





Quem me Dera Ser assim
Texto: Rosário Alçada Araújo
Ilustração: Beatriz Francisco
Edição: ASA
40 págs., 12,90€

Não segue sempre uma ordem específica, ainda que inicialmente se guie pelo *storyboard*. "Mas ao longo do processo vai-se alterando com a chegada de novas ideias. Começo por onde me sinto mais inspirada e sigo assim. Vou saltando de página em página, lendo e relendo a história e quando tenho uma ideia fora de horas aponto-a para não me esquecer", diz ao PÚBLICO por *email*.

Para este livro, começou pelo fim: "A primeira ilustração que fiz para este livro foi a da última página, onde estão representadas todas as personagens. Imaginei-as em grupo e quis que quando juntas fossem visualmente harmoniosas, desta forma também pude ter uma melhor percepção das dimensões de cada um dos animais."

No seu trabalho, procura criar diferentes perspectivas e ilustrações que "nos façam querer olhar mais um bocadinho para descobrir algo que não vimos antes". Consegue-o.

Pode dizer-se que o encontro entre as linguagens escrita e visual resulta num livro feliz. E, sim, pode muito bem ser lido, observado e desfrutado por adultos.

O livro será apresentado hoje no Festival Literário de Ovar, às 15h30, no Jardim dos Campos, com a presença das autoras.



FIM-DE-SEMANA EM FAMÍLIA

FESTIVAIS

XVI Desfile da Máscara Ibérica
LISBOA Praça do Município
Hoje, a partir das 16h30. Grátis
Vêm aí caretos, madamas, cabeçudos, cardadores, chocalheiros, jarramplas, carantoñas e outros representantes de tradições ancestrais e pagãs em forma de máscara. São de Portugal, mas também de Espanha, Grécia e Itália, num total de 32 grupos e 500 participantes, que se juntam neste que é o momento alto do Festival Internacional da Máscara Ibérica.

Fora dos Eixos
SANTA MARIA DA FEIRA Centro Cultural de Milheirós de Poiares
Hoje e amanhã. Grátis a 5€
Uma arruada com bombos e gigantones e um piquenique comunitário são as novidades desta sétima edição do festival. *My Shadow and Me* de Drew Colby, *Periplo Varieté* da Periplo Marionetas, *Maria Liberdade* da Trulé e *Alfredo, o Coleccionador de Borboletas* da S.A. Marionetas são alguns dos momentos no programa, que se completa com as exposições *Cinderela* e *Make Love Not War* das Marionetas do Porto e o *workshop* de construção de marionetas de luva.

Encontros Mágicos
COIMBRA Vários locais
Hoje e amanhã. Grátis (excepto galas, entre 20€ e 22,50€)
Estendida a ruas, largos, praças e outros espaços, a cartola do 28.º Festival Internacional de Magia de Coimbra traz 14 artistas de sete países, 80 espectáculos e duas galas. A par da Magia de Rua, há oficinas de *origami*, a exposição *Paper Dreams*, aulas de magia e as Galas Internacionais.

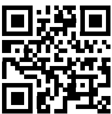
MÚSICA

Händel... Lá Com Essa Música!
ALMADA Teatro Municipal Joaquim Benite. Hoje, às 16h; amanhã, às 11h e 15h. M/3. 10€
A Companhia de Teatro de Almada apresenta um espectáculo que celebra a música do compositor Georg Friedrich Händel, de cuja pena saíram "mais de 600 peças musicais, todas muito boas", explicam na nota de imprensa.

Guia

Cinema


Um Ano Difícil

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt 

Porto

Batalha Centro de Cinema
Praça da Batalha 47.
500 Metros Livres: A Mergulhadora + À Flor da Pele + Torre de Dez Metros + Aula de Natação + Eriçada 15h15
Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Morangos Silvestres M12. 14h30; **Geração Low-cost** M14. 16h; **Motel Destino** M14. 19h15; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 21h45; **A Pedra Sonha dar Flor** 19h30; **Reality** 14h30, 18h; **Grand Tour** 17h, 21h30
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 10h50, 13h30, 16h (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h20, 15h40; **Iris e os Homens** M14. 18h50, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h40, 20h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 18h40, 21h30 ; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h40, 16h20, 19h10, 21h40 ; **Não Fales do Mal** 18h20, 21h30 ; **Grand Tour** 14h, 17h, 20h30; **Transformers: O Início** 11h, 13h50, 16h30 (VP) 19h20, 21h50 (VO); **Um Ano Difícil** 13h10, 15h50
Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
A Torre Sem Sombra M12. 18h; **Grand Tour** 15h30, 21h30

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Mãe 17h; **A Pedra Sonha dar Flor** 21h30; **Grand Tour** 14h30
Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra, Av. José Bonifácio de Andrada e Silva. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h, 16h15 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h20, 14h15, 16h55, 19h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h, 18h, 21h15; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 22h15; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h, 16h30, 19h15, 21h45, 23h55; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h, 16h30, 19h15, 21h45 ; **Não Fales do Mal** 18h30, 20h10; **Transformers: O Início** 11h30, 14h30, 17h10 (VP) 19h50 (VO); **Amarrados** 13h45, 17h30, 20h30, 23h10

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h30, 15h20, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 16h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 20h50, 23h40; **Iris e os Homens** M14. 12h20, 15h, 17h35, 20h30, 23h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h50, 18h10, 21h20, 23h50; **Alien: Romulus** M16. 20h40, 23h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 15h10, 18h, 21h, 24h; **Um Sinal Secreto** M14. 19h50, 22h; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h40, 17h (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h40, 15h40, 18h40, 21h30, 00h15; **Zona de Risco** M14. 19h, 22h10; **Não Fales do Mal** 13h30, 16h10, 18h50, 21h40, 00h20; **Casa Sinistra** 19h40, 22h05, 00h35; **Transformers: O Início** 13h05, 15h45, 18h25 (VP) 21h10, 00h30 (VO); **Um Ano Difícil** 12h50, 15h35, 18h20, 21h15, 0h05; **Amarrados** 13h, 15h30, 17h55, 20h45

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Mira Maia Shopping, Estrada Real nº 95 - Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Divertida-Mente 2 M6. 11h05, 13h20, 15h35, 17h50 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 21h10; **Um Gato Com Sorte** M6. 11h (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h45, 17h, 19h15, 21h30 ;

Estreias

Amarrados

De Alexandre Aja. Com Halle Berry, Matthew Kevin Anderson, Christin Park, Stephanie Lavigne. EUA. 2024. m. Drama, Terror.
Num mundo pós-apocalíptico, uma mãe vive com os dois filhos gémeos numa casa isolada. São protegidos por uma corda que os une uns aos outros e à casa em que vivem. Um dos miúdos começa a duvidar da existência de forças do mal, o que traz consequências desastrosas.

Casa Sinistra

De Matthias Hoene. Com Joely Richardson, Sadie Soverall, Neil Linpow, Harry Cadby. GB. 2023. 93m. Thriller.
Apanhados numa violenta tempestade, dois criminosos abrigam-se numa quinta isolada. Ao fazerem refém a família que ali vive, eles depressa se dão conta de que ali se guardam segredos terríveis.

Grand Tour

De Miguel Gomes. Com Gonçalo Waddington, Crista Alfaiate, Cláudio da Silva, Lang Khê Tran, Jorge Andrade. ITA/ ALE/China/POR/FRA/JAP. 2024. m. Drama, Histórico.
Em 1918, um funcionário público em Rangum, na Birmânia, abandona a noiva no dia do casamento para partir numa viagem pela Ásia. Ela segue atrás dele.

Iris e os Homens

De Caroline Vignal. Com Laure Calamy, Vincent Elbaz, Suzanne De Baecque, Sylvain Katan. FRA. 2023. 98m. Comédia Dramática. M14.
À beira de fazer 50 anos, Iris (Laure Calamy) é uma dentista bem-sucedida, com o seu próprio consultório, um casamento e duas filhas. Um dia, percebe que já não tem relações sexuais com o marido há anos e decide tentar o adultério.

Transformers: O Início

De Josh Cooley. Com Brian Tyree Henry (Voz), Scarlett Johansson (Voz), Keegan-Michael Key (Voz), Jon Hamm (Voz), Chris Hemsworth (Voz), Laurence Fishburne (Voz), Steve Buscemi (Voz). EUA. 2024. 104m. Animação, Aventura.
Antes de serem rivais cujas querelas se transformam em guerras de grande escala, Optimus Prime e Megatron eram amigos em Cybertron. Esta prequela da saga "Transformers" conta a história do herói e do vilão.

Um Ano Difícil

De Éric Toledano, Olivier Nakache. Com Pio Marmaï, Jonathan Cohen, Noémie Merlant, Mathieu Amalric. FRA. 2023. 120m. Animação.
Dois amigos dados à vigarice e muito endividados decidem juntar-se a um grupo de activistas ambientais. Não por acreditarem na causa, mas mais porque querem comer e beber de graça.

As estrelas

P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Amarrados	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Beetlejuice, Beetlejuice	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Daddio, uma Noite em Nova Iorque	—	★☆☆☆☆	—
Dulcineia	—	★☆☆☆☆	—
Grand Tour	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
O Monge e a Espingarda	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Não Fales do Mal	—	★☆☆☆☆	—
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
A Pedra Sonha Dar Flor	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Rei Ubu	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Verdade ou Consequência?	★★★★☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

100% Lobo 11h15, 14h, 16h15 (VP); **Grand Tour** 18h45, 21h25; **Transformers: O Início** 11h10 (VP); **Amarrados** 13h10, 15h15, 17h20, 19h25, 21h35
Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashoping, Lj 2.43. T. 16996
Divertida-Mente 2 M6. 13h20, 16h (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 13h, 15h50, 21h10 ; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h10, 18h50, 21h20; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **Não Fales do Mal** 18h40; **Transformers: O Início** 13h10, 15h40 (VP) 18h20, 21h (VO); **Amarrados** 18h30, 21h30

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopesa. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h30, 16h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h30, 17h45 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h30, 13h, 15h50 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 20h45; **Deadpool & Wolverine** M12. 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 15h, 18h, 21h20, 00h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 15h10, 17h50, 20h50, 23h50; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h50, 15h50, 18h30, 21h20; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h20, 16h10, 18h40, 21h50, 00h30; **Não Fales do Mal** 18h40, 21h10; **Não Fales do Mal** 19h, 22h; **Grand Tour** 12h30, 15h40, 18h50; **Transformers: O Início** 13h10, 15h40 (VP) 18h20, 21h (VO); **Transformers: O Início** 10h20, 12h50, 15h20 (VP) 18h20, 21h30, 24h (VO); **A Origem do Mal** 00h25; **Amarrados** 18h30, 21h10, 00h10; **Amarrados** 18h50, 21h40; **Jung Kook: I Am Still** 16h (VP); **Transformers: O Início** 12h40, 15h30, 18h10, 21h, 23h40 (VO/IMAX)
Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 10h40, 13h15, 15h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 14h20, 16h50, 19h20 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h25; **Alien: Romulus** M16. 21h50, 00h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h25, 16h10, 18h50, 21h50, 00h30; **Um Sinal Secreto** M14. 19h50; **Um Gato Com Sorte** M6. 10h30, 12h50, 15h20; **Não Fales do Mal** 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h20; **Grand Tour** 18h20, 21h10, 24h; **Transformers: O Início** 10h40, 14h, 16h30 (VP/2D) 11h20, 19h, 21h45 (VO/2D) 13h10 (VO/3D); **Amarrados** 17h40, 20h50, 23h30; **Ruído Mortal** 00h10; **Jung Kook: I Am Still** 15h40; **Alien: Romulus** M16. 19h40, 22h20 (SCREENX); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 23h50 (NOSXVISION)

Ovar

Castello Lopes - Vida Ovar
C.C. Dolce Vita. T. 960254838
Divertida-Mente 2 M6. 11h (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 21h35; **Não Fales do Mal** 16h35; **Grand Tour** 18h55; **Transformers: O Início** 14h30 (VP)

Paços de Ferreira

Cinemas Nos Ferrara Plaza
Ferrara Plaza, Rua da Carvalhosa. T. 16996
Deadpool & Wolverine M12. 18h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h10, 21h20, 00h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h40, 16h30, 19h, 21h50, 00h25; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 15h30, 18h, 21h, 23h50; **100% Lobo** 13h20 (VP); **Não Fales do Mal** 18h50; **Grand Tour** 13h10, 16h10, 21h40, 00h20; **Transformers: O Início** 13h30 (VP/2D) 15h50 (VP/3D) 18h20, 21h10, 23h40 / VO/2D)

Penafiel

Cinemax - Penafiel
Ed. Parque do Sameiro. T. 255214900
Divertida-Mente 2 M6. 15h, 19h40 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 19h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h40, 21h30, 24h; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 19h20; **Casa Sinistra** 17h, 21h50, 23h50; **Transformers: O Início** 17h20 (VP); **Amarrados** 21h50, 00h10

São João da Madeira

Cineplace - São João da Madeira
Av. Renato Araújo, 1625.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20, 15h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h20, 21h40; **Um Gato Com Sorte** M6. 13h10 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 17h, 19h10; **100% Lobo** 15h (VP); **Não Fales do Mal** 19h30; **Transformers: O Início** 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP) 21h30 (VO); **Amarrados** 17h20, 21h50

Viana do Castelo

Cineplace Estação Viana Shopping
C.C. Viana Shopping. T. 258100260
Divertida-Mente 2 M6. 13h20, 17h20 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h30, 21h50; **Um Gato Com Sorte** M6. 15h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 21h40; **100% Lobo** 13h, 15h (VP); **Não Fales do Mal** 19h; **Transformers: O Início** 13h, 15h10, 17h20, 19h30 (VP); **Amarrados** 16h50

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
C.C. Gaiashoping, Lj 2.25. T. 16996
Divertida-Mente 2 M6. 10h40, 11h, 13h30, 14h, 16h, 16h30, 18h40 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h20, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h20, 17h30, 20h40, 23h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h20, 16h10, 19h, 21h50, 00h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h, 18h10, 20h50, 23h40; **Não Fales do Mal** 21h30, 00h20; **Grand Tour** 12h50, 15h40, 18h30; **Casa Sinistra** 21h40, 00h10; **Transformers: O Início** 10h40, 12h40, 15h10 (VP) 17h50, 20h30, 23h (VO); **Amarrados** 13h40, 16h20, 18h50, 21h20, 23h50; **Jung Kook: I Am Still** 15h50; **Transformers: O Início** 13h10, 15h30, 18h, 21h, 23h20 (VO/4DX)
UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
Ubu 14h30, 19h20; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h05, 18h35 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h55, 16h20, 18h45, 21h15 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h05, 18h50, 21h45, 23h45; **Oh Lá Lá!** M12. 14h20, 16h45, 19h05, 21h25; **Iris e os Homens** M14. 13h55, 16h20, 18h45, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 16h, 18h40, 21h25, 23h55; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h45, 16h25, 19h10, 22h, 24h; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h35, 16h10, 18h55, 21h40, 00h10; **Zona de Risco** M14. 13h50, 19h10, 21h50; **100% Lobo** 14h25, 16h50 (VP); **A Pedra Sonha dar Flor** 13h50, 21h05; **Não Fales do Mal** 14h15, 16h50, 19h25, 22h, 24h; **Reality** 21h20; **Grand Tour** 13h30, 16h15, 19h0h5, 21h55; **Casa Sinistra** 14h25, 16h25, 18h50, 21h45; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 14h05, 16h35, 19h15, 21h30; **Transformers: O Início** 14h, 16h30, 19h (VP/2D) 21h30 (VO/2D) 16h45 (VP/3D) 19h15 (VO/3D); **Um Ano Difícil** 13h25, 16h10, 18h55, 21h40; **Amarrados** 14h10, 16h40, 19h20, 21h50, 00h15; **Jogo de Assassinos** 19h, 21h20; **Ardaas Sarbat De Bhalle Di** 21h; **Jung Kook: I Am Still** 16h45

Lazer

TEATRO

Re: Antígona

PORTO Teatro Carlos Alberto. De 19/9 a 22/9. Quinta e sábado, às 19h; sexta, às 21h; domingo, às 16h. M/16. 10€

André e. Teodósio, Inês Vaz, Maria João Vaz, Paula Diogo e Paulo Pascoal dão vida a esta nova peça do Teatro Praga, que "mata Antígona de todas as formas que se lembrar, para lhe dar a morte a que nunca teve direito", anunciam na sinopse. Num desafio ao presente, apresenta-se como uma resposta às inspirações, apropriações e actualizações de que a figura mitológica foi alvo desde que Sófocles a inscreveu no imaginário colectivo.

MÚSICA

Ricardo Ribeiro

PONTE DE LIMA Teatro Diogo Bernardes. Dia 19/9, às 21h30. M/6. 8€

De voz afinada com a liberdade e a rebeldia, Ricardo Ribeiro tem cantado fados novos e antigos, mas também se tem passeado por diferentes registos, sempre apoiado na ligação entre a música e a poesia. Vai da *world music* às colaborações com nomes como Rabih Abou-Khalil, Rão Kyao, Rui Veloso, Carlos do Carmo ou João Paulo Esteves da Silva, tendo com este último partilhado a autoria de *Respeitosa Mente*, álbum lançado em 2019 e gravado em trio com o percussionista Jarrod Cagwin. Neste concerto, as pautas dedicam-se a *Terra Que Vale o Céu*, disco lançado em 2023 e apresentado como um "regresso às origens" e ao fado tradicional, "que conhece como ninguém".

FESTIVAL

Circular — Festival de Artes Performativas

VILA DO CONDE Vários locais. De 19/9 a 29/9. Grátis a 5€

A 20.ª edição do festival vem com sentido de "encontro, partilha e reflexão". Entre música, teatro, dança, *performance*, conversas, oficinas, festas e exposições, o cartaz alinha 20 eventos e as criações de Daniel Moreira, Rita Castro Neves, Soa Ratsifandrihana, Mette Ingvartsen, Joclécio Azevedo, Sónia Baptista, Ana Vaz, Drumming, Supernova Ensemble e Silvestre Pestana, entre outros. Mapa em circularfestival.com.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Euromilhões 16 25 29 34 37 3 7

1.º Prémio 54.000.000€ **M1lhão** FSV 00753

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.560

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. (...) Castro Almeida, ministro Adjunto e da Coesão Territorial. Dar upas (a cavalgadura). **2.** Costume. Mau humor. **3.** Elas. Freguesia de Constância onde existe uma fábrica da Tupperware, a funcionar desde 1980. **4.** Gargalhada. Posição posterior. **5.** Esfera social. Corda de reboque. **6.** Rio suíço. Senão. **7.** Vinculou fogos em Portugal à crise climática. Comissão Europeia. **8.** Povoação que faz parte do Município de Baião. O âmago. Símbolo de hectare. **9.** Pequeno bloco, semelhante a um tijolo, feito da mistura de argila com palha seca ao sol. Ligar. **10.** Festival Literário de Ovar (termina amanhã). Boato. **11.** Nome feminino. Ecoas.

Verticais: 1. Que é da raça dos mus (mulas). O «eu» psíquico. Crença. **2.** "Quem Me Dera Ser (...)", o livro em destaque no "Guia crianças. Letra pequena". Respeitante à uva. **3.** «Em» + «o». Que revelam pesar. **4.** Ministério da Administração Interna. Anel. **5.** Pôr nódoas em. Botequim. **6.** Alcoviteira. Pequena ária (Música). **7.** O dó antigo. Conjunto dos utensílios de cozinha. **8.** Sal derivado de ácido úrico. Plantas dos pés. **9.** Articulam sons sem sentido. Enfureço. **10.** Ande para lá. Casa da (...), onde acontece Feira Anarquista do Livro (hoje e amanhã). **11.** "De grandes (...), grandes peixes". Campos de cereais.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1							■				
2				■						■	
3			■								
4							■				
5	■					■				■	■
6		■		■				■			
7									■		
8					■				■		
9	■						■				
10				■							
11		■					■				

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. SPIN. Tardar. **2.** Iglu. Aliás. **3.** Hezbollah. **4.** Abaloar. Ida. **5.** Lu. Oo. Caos. **6.** Cl. Elo. RT. **7.** Climáximo. **8.** AE. Os. Sanja. **9.** ID. Candor. **10.** Europa. Deã. **11.** Ressalva. Ou.

Verticais: 1. Sinal. Caber. **2.** Pg. Bucle. UE. **3.** Ilha. Li. IRS. **4.** Nuelo. Modos. **5.** Zoo. Ás. Pa. **6.** Taba. Ex. Cal. **7.** Alor. Lisa. **8.** Ril. Comanda. **9.** Dália. Onde. **10.** Asador. João. **11.** Hastear.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Norte
Vul: Todos

NORTE
♠Q984
♥A4
♦62
♣AQ1095

OESTE
♠AK3
♥108652
♦Q1054
♣8

ESTE
♠65
♥KQ93
♦J873
♣J62

SUL
♠J1072
♥J7
♦AK9
♣K743

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♣	passo	1♠
passo	2♠	passo	4♠
Todos passam			

Leilão: Equipas ou partida livre.

Carteio: Saída: 8♣. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: marcou esta partida em duas voltas de leilão. Tome agora o seu tempo para elaborar um sólido plano de jogo.

Se esse 8 de paus, saída no naipe de abertura, for um *singleton*, as suas hipóteses para realizar as dez vazas prometidas são escassas: irá conceder dois trunfos, uma copa e, quando o flanco da direita tiver a mão, um corte a paus.

Sem o mínimo controlo dos trunfos (ou seja, teremos de partir do pressuposto de que Oeste tem Ás e Rei ou nada há a fazer), terá de ser a copas que terá a possibilidade de impedir Este de vir a ter a mão e dar o corte a Oeste. Como?

Há que preparar a balda de uma copa num ouro: prenda a vaza de saída com o Ás de paus do morto e jogue um ouro para o 9!

Oeste irá fazer a vaza com o 10 e jogará copas. Entra com o Ás e balda alegremente uma copa sob a terceira volta de ouros. A comunicação a copas está eliminada, pode agora jogar trunfo, esperando que Este não tenha uma figura para prender utilmente a mão.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
1♠	X	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?

♠AK5 ♥92 ♦Q6 ♣AJ9732

Resposta: Marque 2♣. Mesmo tendo duas paragens a espadas, a melhor descrição que podemos dar ao parceiro é mostrar que temos um unicolor a paus. Se porventura eles resolverem competir, deixamos o parceiro em melhores condições para poder regatear o contrato de 3♣.

Sudoku

Problema 12.884 (Fácil)

		2		9				
				6		2		
		7	2	4	5	6		1
	4		8	7	6			
	3	6				9	5	
			9	5	3		7	
8		1	6	3	9	7		
		5		2				
				8		3		

Solução 12.882

2	9	1	7	4	3	8	6	5
6	8	3	5	2	1	9	4	7
5	7	4	6	9	8	2	1	3
9	5	7	2	6	4	3	8	1
8	4	6	3	1	7	5	9	2
3	1	2	9	8	5	4	7	6
1	6	9	8	3	2	7	5	4
4	3	5	1	7	9	6	2	8
7	2	8	4	5	6	1	3	9

Problema 12.885 (Difícil)

					1			
	3						4	
		1	5	9		6		
4				7		1		
		2	6		5	8		
		7		3				5
		6		8	2	4		
	8						3	
			7					

Solução 12.883

6	8	7	4	1	3	2	9	5
2	9	1	6	5	8	4	7	3
3	4	5	7	2	9	8	6	1
4	3	6	8	7	5	1	2	9
8	1	9	2	3	6	5	4	7
5	7	2	9	4	1	3	8	6
9	2	3	1	6	4	7	5	8
7	5	8	3	9	2	6	1	4
1	6	4	5	8	7	9	3	2

Guia

CINEMA

Matria
TVCine Edition, 17h50
Ramona (María Vázquez) vive numa aldeia piscatória galega e trabalha numa fábrica de conservas onde todos os dias é maltratada pela chefia. Tem aguentado em nome da filha. Mas agora que ela já tem 18 anos talvez seja altura de pensar em si. Estreado na secção Panorama da Berlinale 2023 e com duas nomeações para os Goya, *Matria* tem argumento e realização de Álvaro Gago. Vai para o ar no quadro do especial *Na Rota dos Festivais* (aos sábados, até 28 de Setembro), numa sessão tripla que se completa às 19h30 com *Eureka*, do argentino Lisandro Alonso, acerca da violência colonial infligida aos povos indígenas; e às 22h com *O Paraíso Queima*, um drama social da sueca Mika Gustafson.

O Amor Acontece
Nos Studios, 21h15
Estamos em Londres, o Natal aproxima-se e oito casais lidam com o amor. Está dado o mote para a comédia romântica de Richard Curtis – o argumentista de O *Diário de Bridget Jones* (também exibido hoje, às 16h22, com a sequela), *Notting Hill* e *Quatro Casamentos e Um Funeral* – na sua estreia como realizador de longas-metragens. Foi um dos maiores sucessos do género, muito graças ao elenco: Hugh Grant, Emma Thompson, Laura Linney, Liam Neeson, Rowan Atkinson, Lúcia Moniz, etc.

Pig — A Viagem de Rob
RTP1, 1h19
Drama existencialista dirigido por Michael Sarnoski e protagonizado por Nicolas Cage. Rob vive isolado há anos numa cabana na floresta. Um porco farejador de trufas é a sua única companhia. Um dia, o animal desaparece e Rob vai à sua procura. Acaba por regressar à cidade onde trabalhou como *chef* e reabrir feridas do passado.

DOCUMENTÁRIOS

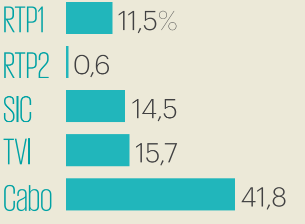
Abel de Lacerda: O Coleccionador Utópico
RTP2, 20h59
Datado de 2021, ano do centenário do nascimento de Abel Lacerda, o documentário de Miguel Nabinho lembra a vida e obra do fundador do Museu de Arte do Caramulo. Reúne imagens de arquivo e conta com testemunhos dos historiadores de arte Raquel Henriques da Silva e Anísio Franco, do médico António José Veloso e de familiares de Lacerda.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quinta-feira, 19

		% Aud.	Share
Secret Story - Especial	TVI	9,6	18,7
Cacau	TVI	9,0	19,2
A Promessa	SIC	8,4	17,9
Jornal Da Noite	SIC	8,3	16,7
Jornal Nacional	TVI	7,4	15,4

FONTE: CAEM



RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **9.57** Fauna Ibérica **10.57** Hora dos Portugueses **11.53** Pôr do Sol **12.59** Jornal da Tarde **14.10** Voz do Cidadão **14.34** Estrelas ao Sábado

19.06 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 The Floor

22.49 Em Casa d'Amália ao Vivo

1.19 Pig - A Viagem de Rob



2.44 Janela Indiscreta

RTP2

6.23 Repórter África **7.00** Folha de Sala **7.04** O Vento: A Máquina das Alterações Climáticas **7.58** Espaço Zig Zag **11.00** Campeonato do Mundo de Ginástica Acrobática **12.34** Espaço Zig **14.00** Caldas da Rainha Ladies Open **16.00** Campeonato do Mundo de Ginástica Acrobática **17.19** Desporto 2

17.30 Campeonato do Mundo de Ginástica Acrobática **19.39** Desporto 2 **20.00** Biosfera **20.28** Faça Chuva Faça Sol **20.59** Abel de Lacerda: O Coleccionador Utópico **21.30** Jornal 2

22.01 Festival de Bregenz: Madama Butterfly **0.07** Folha de Sala **0.17** Três Crimes, Três Curtas

1.25 Um Legado Sangrento **2.20** Cidades Impossíveis **2.50** Folha de Sala **2.58** Juro Que Aconteceu **3.44** O Canto da Casa **4.40** A Fábrica das Pandemias **5.35** Fundação Inatel - Uma Longa História

SIC

6.05 Etnias **6.30** Médico da Casa **7.05** Caixa Mágica - Caminhos de Portugal **9.00** Alô Marco Paulo **12.10** O Nosso Mundo **12.59** Primeiro Jornal **14.20** Alta Definição **15.00** Fama Show **15.25** E-Especial

16.10 Força, Marco Paulo

19.57 Jornal da Noite

22.00 Terra Nossa

0.10 Parece Impossível



2.15 Levanta-te e Ri

TVI

6.15 Detective Maravilhas **7.00** Diário da Manhã **10.15** Em Família **12.10** Ganha Já **12.58** TVI Jornal **14.00** A Sentença **16.20** Em Família

17.45 Secret Story

19.57 Jornal Nacional

21.55 Congela



23.20 Secret Story

2.25 GTI Plus

2.45 O Beijo do Escorpião

TVCINE TOP

18.00 Todos Menos Tu **19.40** Magic Mike - A Última Dança **21.30** O Melhor Homem **23.05** Batem à Porta **0.45** O Mundo dos Esquecidos

STAR MOVIES

17.31 Companheiros **19.36** Tempo de Massacre **21.15** O Homem das Pistolas de Ouro **23.21** Adeus, Sabata **1.13** O Homem da Vingança

HOLLYWOOD

18.25 Velocidade Furiosa 6 **20.35** Birds of Prey (e a Fantabulástica Emancipação de Uma Harley Quinn) **22.25** Os Substitutos **0.00** Blood Father - O Protector **1.30** O Último Viking

AXN

17.40 Negócio das Arábias **19.22** Exodus: Deuses e Reis **21.55** Instinto Predador **23.38** As Crónicas de Nárnia: A Viagem do Caminheiro da Alvorada

STAR CHANNEL

17.16 Baywatch: Marés Vivas **19.42** Overdrive - Os Profissionais **21.20** Capitão América: Guerra Civil **0.13** Hansel e Gretel: Caçadores de Bruxas

DISNEY CHANNEL

17.05 Hamster & Gretel **17.30** Vamos Lá, Hailey! **18.15** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **19.00** Os Green na Cidade Grande **20.30** Zombies: A Série Re-Animada **20.50** Zombies 3

DISCOVERY

17.12 Na Rota do Ouro com Parker Schnabel **18.09** Last Chance Garage **20.03** Três Homens a Quatro Rodas **21.00** Pesca Radical **22.49** A Febre do Ouro **0.42** Pesca Radical

HISTÓRIA

17.05 Alienígenas **23.48** Sociedades Secretas: Nas Trevas

ODISSEIA

17.00 O Mundo Invisível das Florestas **18.48** Os Cães de Lisa Vanderpump **19.34** Animais de Estimação Bebés **20.22** Retalhos da Vida na Quinta **21.55** Histórias Selvagens na Quinta **22.53** Os Meus Vizinhos da Tribo **23.44** Caçadores de Mitos **0.37** O Fim do Mundo **1.28** Os Meus Vizinhos da Tribo

Mentiras Fatais: À Caça de Um Vigarista
National Geographic, 22h30
Realizado por Ben Selkow, baseia-se nos artigos publicados pela jornalista Lauren Collins na *The New Yorker* para relatar a investigação que desmascarou o francês Stéphane Bourgoin, que durante 30 anos de fez passar por autoridade em criminologia, *profiler* de excepção e especialista em casos de assassinos em série – uma reputação assente numa teia de mentiras e fraudes.

Um Legado Sangrento
RTP2, 1h25
Este documentário em duas partes procura detectar no pós-I Guerra Mundial eventos que estiveram na origem de conflitos a que a Europa Oriental e o Médio Oriente assistiram nas décadas seguintes. Relaciona-os, por exemplo, com as ambições do Daesh ou com os antecedentes da Guerra na Ucrânia.

ÓPERA

Festival de Bregenz: Madama Butterfly
RTP2, 22h01
Registo da grande produção multimédia da ópera de Puccini a que o Festival de Bregenz assistiu em 2022. O gigantesco palco flutuante do festival austríaco, montado nas águas do lago de Constança, acolheu a comovente e trágica história de uma bela jovem gueixa (aqui, a soprano uzebeque Barno Ismatullaeva) que arrisca tudo, até a própria vida, por um americano. Conta com encenação de Andreas Homoki, cenografia de Michael Levine, figurinos de Antony McDonald e o maestro Enrique Mazzola à frente da Orquestra Sinfónica de Viena.

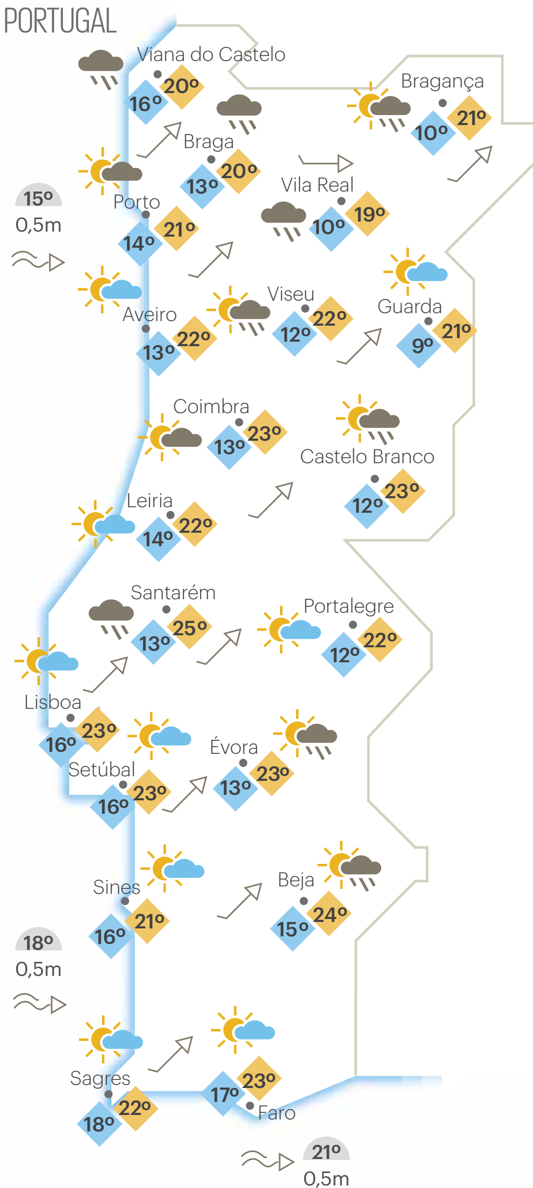
INFANTIL

Zombies: A Série Re-Animada
Disney Channel, 10h30
Estreia. Regressamos a Seabrook, a cidade cujo liceu já se habituou à convivência de humanos, *zombies*, lobisomens e até alienígenas, e que foi cenário de uma trilogia de filmes.
As novas aventuras têm a forma de uma série de animação. Fica em exibição ao fim-de-semana, por esta hora e também às 22h35. A propósito da estreia, o Disney Channel faz a revisão da matéria com a emissão da saga de filmes musicais iniciada em 2018 por Paul Hoen (já com um quarto tomo anunciado para o ano que vem): o original *Z-O-M-B-I-E-S* passa às 10h55; segundo capítulo, às 12h35; e *Zombies 3*, às 20h50.

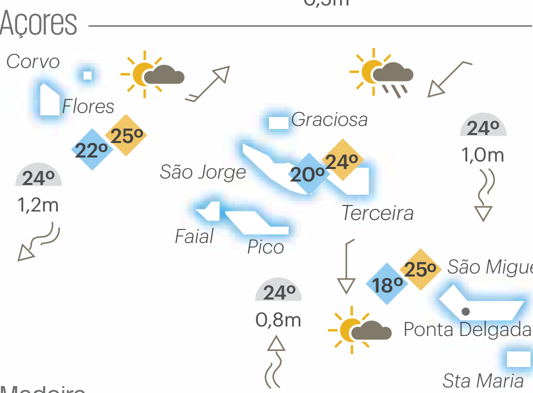
Guia

Meteorologia

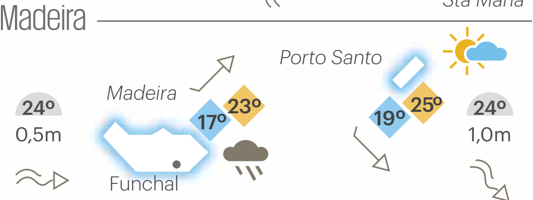
PORTUGAL



Açores



Madeira



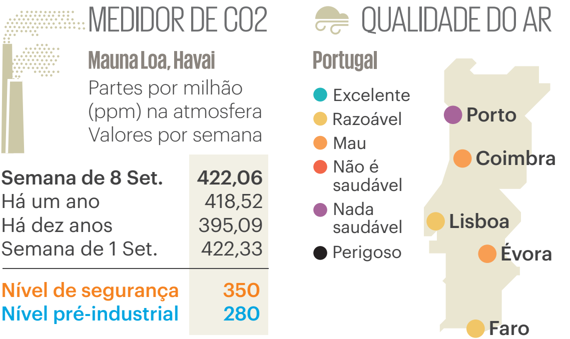
MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 05h39	3,6	Preia-mar 05h15	3,6	Preia-mar 05h24	3,5
Baixa-mar 11h45	0,3	Baixa-mar 11h19	0,5	Baixa-mar 11h12	0,4
Preia-mar 18h04	3,6	Preia-mar 17h39	3,6	Preia-mar 17h47	3,5
Baixa-mar 00h09*	0,5	Baixa-mar 23h43	0,7	Baixa-mar 23h35	0,6

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Domingo, 22	Segunda-feira, 23	Terça-feira, 24
Min. / Máx.	12º / 21º	12º / 20º	17º / 20º
Índice UV	Médio	Médio	Baixo
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	82%	77%	82%



MEDIDOR DE CO2

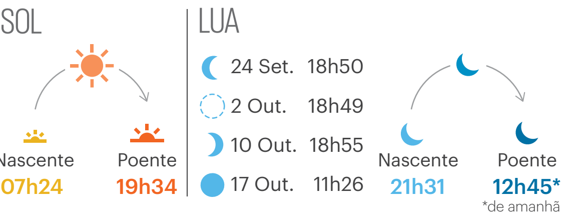
Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 8 Set.	422,06
Há um ano	418,52
Há dez anos	395,09
Semana de 1 Set.	422,33
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal



SOL

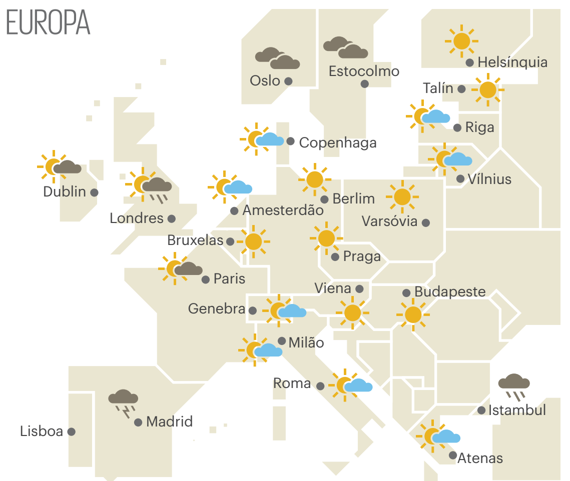
Nascente 07h24
Poente 19h34

LUA

24 Set.	18h50
2 Out.	18h49
10 Out.	18h55
17 Out.	11h26

Nascente 21h31
Poente 12h45*
*de amanhã

EUROPA



TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.		Min.	Máx.
Amesterdão	13	23	Roma	15	27
Atenas	18	26	Viena	9	22
Berlim	11	24	Bissau	25	29
Bruxelas	15	24	Buenos Aires	19	23
Bucareste	12	27	Cairo	24	33
Budapeste	8	24	Caracas	20	30
Copenhaga	12	21	Cid. do Cabo	11	22
Dublin	13	17	Cid. do México	14	26
Estocolmo	8	17	Díli	24	33
Frankfurt	12	24	Hong Kong	26	30
Genebra	11	23	Jerusalém	18	26
Istambul	18	24	Los Angeles	16	24
Kiev	14	24	Luanda	22	28
Londres	16	23	Nova Deli	26	34
Madrid	14	24	Nova Iorque	15	25
Milão	14	25	Pequim	11	23
Moscovo	9	22	Praia	25	30
Oslo	12	18	Rio de Janeiro	21	29
Paris	15	24	Riga	9	20
Praga	8	22	Singapura	26	33

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Público
Iniciativas

Agenda



Quarta-feira, 25
Colecção Tanguy e Laverdure
Volume 5: *Mirages de Oriente*
Esta nova colecção do PÚBLICO, em parceria com a Asa, remete-nos para uma série icónica de banda desenhada franco-belga, sendo um verdadeiro tesouro. Acompanhe Michel Tanguy e Ernest Laverdure nas suas emocionantes aventuras pelos céus, repletas de acção. Desde os treinos exigentes até às missões de elite, cada álbum oferece uma experiência única e inesquecível. Redescubra este clássico que cativou gerações e mergulhe nas novas histórias inéditas que continuam a tradição. Todas as quartas-feiras, com o seu PÚBLICO.



Sexta-feira, 27
Colecção Novela Gráfica, série VIII
Volume 7: *Chumbo*, parte 1
O PÚBLICO e a Levoir apresentam a 8.ª série da colecção Novela Gráfica. Nesta edição pode encontrar adaptações literárias, obras com base histórica, biografias e muito mais. Grandes autores e ilustradores numa selecção de grandes obras. Acompanhe a edição quinzenal, às sextas-feiras.

Os Mirage enfrentam concorrência, Tanguy e Laverdure decidem o negócio

Banda desenhada

Colecção Tanguy e Laverdure
Volume 5: *Mirages de Oriente*
Jean-Michel Charlier e Albert Uderzo
Quarta-feira, 25 de Setembro
Por + 11,90€



©DARGAUD 2024

Depois do interesse da Austrália pelos sofisticados aparelhos produzidos pela indústria aeronáutica francesa, agora é o Estado de Israel, apostado em renovar a sua frota militar aérea, que quer saber mais sobre o desempenho dos Mirage III C. Mas há um modelo concorrente de peso, da Maxwell, que também interessa aos israelitas... Ninguém está em melhor posição para fazer uma demonstração de todas as potencialidades dos versáteis Mirage III C do que a Esquadrilha das Cegonhas. Com essa missão, Tanguy e Laverdure, conjuntamente com os seus camaradas de armas Leroux e Mignot, voam para aquele país do Médio Oriente. Os homens da Maxwell vão fazer tudo para desacreditar os Mirage aos olhos dos potenciais compradores israelitas. A multiplicação de incidentes e acidentes, ainda antes da partida, mas também durante o trajecto, vai colocar os quatro homens de sobreaviso. Começa a ganhar forma a ideia de que alguém estará a agir na sombra para sabotar os aviões franceses e, assim, impedir a concretização do negócio.

Em poucas palavras, este é o tema da quinta aventura da colecção Tanguy e Laverdure, desenvolvida no âmbito da parceria de BD entre o PÚBLICO e as Edições Asa. Com textos de Jean-Michel Charlier e desenhos de Albert Uderzo, o álbum *Mirages de Oriente* será distribuído com o jornal na próxima quarta-feira.

Chegada a este ponto do seu percurso, a série Tanguy e Laverdure já mostrou sobejamente ao que vem; dito de outra forma, Charlier confirma-se como um mestre na exploração e desenvolvimento de uma linha narrativa clássica com que os leitores da revista *Spirou* estavam familiarizados há bastante tempo. O sucesso obtido pela dupla Buck Danny-Sonny Tucson, com o seu rosário de traições, ameaças de morte, alto risco, *suspense*, dramatismos, volte-faces inesperados e uma dose quanto baste de humor, é replicada nas histórias dos dois pilotos aviadores franceses que dão o nome à série revelada pela revista *Pilote*. O pouco discreto perfil ideológico, num misto de ambiente de Guerra Fria, cruzada anticomunista e elogio das políticas gaullistas da época, completa o quadro. O leitor, predominantemente jovem, pode então mergulhar no território da pura aventura, susceptível de lhe fazer passar um óptimo momento de prazer e entretenimento.



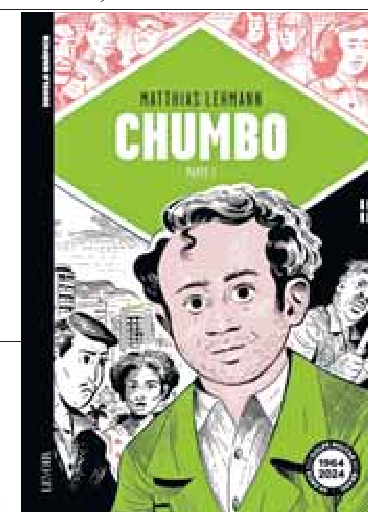
A escolha de Albert Uderzo para dar forma às histórias escritas por Charlier não podia ser mais certeira. O seu desenho muito realista só surpreenderá quem tenha uma visão redutora das capacidades e talentos do co-criador de Astérix – para todos os efeitos, excelente no desenvolvimento gráfico das aventuras dos irredutíveis gauleses num registo não realista. A reprodução e ilustração dos aviões é outro poderoso e convincente argumento que o desenhador soube trazer para a série. As sequências aéreas em que os pilotos franceses levam os seus Mirage ao limite das suas capacidades ficarão para sempre como momentos culminantes nas aventuras deste género de banda desenhada.

A saída de Uderzo, para se dedicar a tempo inteiro às aventuras de Astérix, só não colocou um sério problema na continuidade da série Tanguy e Laverdure porque o testemunho foi passado a Jijé, outro "monstro sagrado" da BD franco-belga. Em retrospectiva, é fácil perceber hoje que um e outro não só realizaram um trabalho soberbo, como é praticamente impossível hierarquizá-los. Esta colecção não inclui nenhuma das histórias desenhadas pelo autor de Jerry Spring e outras criações memoráveis, o que facilitaria uma comparação directa de talentos. Mas isso não impedirá ninguém de saborear plenamente as peripécias dos cavaleiros dos céus. **Carlos Pessoa**









Crónica do Brasil nos anos de chumbo

Novela gráfica

Colecção Novela Gráfica VIII
Volume 7: *Chumbo*, parte 1
Argumento e desenhos: Matthias Lehmann
Sexta-feira, 27 de Setembro
Por + 14,90€

Na próxima sexta-feira, 27 de Setembro, chega às bancas aquele que é, para mim, o mais importante título desta oitava temporada: *Chumbo*, de Matthias Lehmann, um fresco épico de quase 400 páginas, que, por isso mesmo, foi dividido em dois volumes na edição portuguesa, com a segunda parte a ser distribuída a 11 de Outubro. Saga familiar, cuja acção decorre entre Minas Gerais, Brasília e o Rio de Janeiro, *Chumbo* conta a história do rico proprietário mineiro Oswaldo Wallace e dos seus filhos, Severino e Ramires, desde a década de 30 até aos anos 70 do século XX. Partindo da história familiar da sua mãe, que é brasileira e natural de Minas Gerais, Matthias Lehmann cria um drama familiar empolgante que é, ao mesmo tempo, um retrato notável do Brasil, um grande país em que a sombra da ditadura militar acaba por estar demasiado presente ao longo da sua História.

O mais europeu dos autores brasileiros desta colecção, por ter nascido em Paris, de pai francês, Matthias Lehmann é filho de uma brasileira e sobrinho do escritor brasileiro Roberto Drummond, que, segundo Lehmann, inspirou a criação de Severino, tal como João, o irmão de Roberto, inspirou a personagem de Ramires. Raízes familiares que lhe permitem abordar com outro conhecimento e proximidade a história da ditadura no Brasil, através de uma saga familiar que, não por acaso, se inicia em 1937, ano do golpe militar que deu origem ao Estado Novo e tem como centro o golpe de 1964, que levou à instauração de uma ditadura militar que deixou raízes ainda bem visíveis no período bolsonarista.

Sendo assumidamente ficção, *Chumbo* é uma ficção inspirada em factos e personagens reais, tendo como cenário principal a cidade brasileira de Belo Horizonte, terra da sua família materna, onde Lehmann regressava todos os anos nas férias. Como refere o próprio autor: “Na verdade, eu nunca quis fazer outra coisa do que ficção. Aliás, eu só sei fazer ficção. Eu não sei se seria capaz de fazer um livro de história ou de jornalismo *strictu sensu*. Então, a liberdade que existe com a ficção, eu sempre trabalho com ela. Mas, de um certo modo, dá uma liberdade, mas não impede de se sentir uma responsabilidade, quando você vai falar de assuntos sérios, como o golpe de Estado, a ditadura e as consequências, tudo isso. Então, senti uma responsabilidade, foi uma liberdade, vamos dizer, que não é total. E os aspectos que eu quis destacar, principalmente, os momentos históricos importantes, que eu considerei importantes para entender também o contexto político brasileiro de hoje. O contexto recente, por exemplo, principalmente, a importância da extrema-direita no Brasil hoje, e, por isso, eu quis começar com o Golpe de Estado de 37, com o Estado Novo, e, é claro, no centro da história tem o golpe de Estado de 64, e a redemocratização, tudo isso, para ver todo esse percurso que levou à importância do autoritarismo na história contemporânea do Brasil, e para ver como que tudo isso levou ao bolsonarismo, de certo modo.”

Misturar a história da família com os acontecimentos políticos marcantes da época está longe de ser uma receita original. Basta pensar, com as devidas distâncias, em clássicos da literatura como *Guerra e Paz*, de Tolstói, ou *E Tudo o Vento Levou*, de Margaret Mitchell, mas Lehmann utiliza esse mesmo esquema para a criação de uma novela gráfica brilhante, que obteve grande sucesso tanto em França, onde foi publicada originalmente, como no Brasil, que inspirou o livro. Mas para além da qualidade da escrita e da força da trama familiar, o trabalho gráfico do autor franco-brasileiro é absolutamente notável, em termos de desenho, planificação e ritmo narrativo.

Apesar da sua origem francófona, as principais influências de Lehmann em termos de banda desenhada vêm do outro lado do Atlântico. De autores como Art Spiegelman, Daniel Clowes, Charles Burns, Robert Crumb e Julie Doucet, mas também Will Eisner, cujas *splash pages* (imagem de página inteira que funciona como capa e abertura da história) inspiraram as páginas de abertura de cada capítulo de *Chumbo*. Em termos de planificação, o ritmo da narrativa é gerido alternando, de forma judiciosa, páginas com 14 ou mais quadrados com duplas páginas ocupadas por uma única imagem, do mesmo modo que as vinhetas tradicionais rectangulares dão ocasionalmente lugar a vinhetas circulares, ou triangulares, ou à supressão total dos quadrados, com as personagens a deambularem livremente pelo espaço da página.

Lido o capítulo V, que termina em finais dos anos 1960, com o fracasso da experiência de Severino na guerrilha jequitinhonha, restará ao leitor esperar 15 dias para saber o final desta magnífica obra. **João Miguel Lameiras**

O Boavista tenta provar que o chão não é o limite



Impedido de inscrever jogadores, o clube sobrevive com recurso à formação. Para o Boavista, ser incumpridor já é uma forma de vida. E a situação não deve melhorar, a não ser que venda a alma ao diabo

Diogo Cardoso Oliveira

Para uns, os que investem forte e planeiam a preceito no futebol, o céu é o limite. Para outros, o limite é o chão. É o limite de quem pouco tem e, por isso, de quem pouco se espera. Aquilo que se pede ao Boavista neste momento é, de forma simples, que consiga fazer, com pouco, o que alguns não fazem com muito. A equipa não pode inscrever jogadores e vai a jogo com os miúdos da formação. É o que há. Ali, o chão é o limite.

Se a nova vida do Boavista fosse uma anedota, poderíamos dizer que o clube está como a criança que aprendeu a andar de bicicleta. Pri-

JOSE MANUEL ALVAREZ/QUALITY SPORT IMAGES/GETTY IMAGES



O Boavista vive uma situação financeira muito complicada que tem provocado constrangimentos na vida do clube, em especial no futebol

meiro, tentou andar sem mãos. Agora, sem pés. Resta saber se acabará com os "dentes" todos.

Alguns dirão que, na anedota popular, a criança aventureira arrisca por vontade própria e que o Boavista está, por outro lado, a ser forçado pela FIFA a "pedalar sem pés". Mas talvez não seja bem assim.

Se o clube está nesta situação é porque a auto-infligiu – tal como o rapaz da bicicleta decidiu, de livre vontade, tirar os pés e as mãos do controlo.

Mas o Boavista ainda cá anda, com o trabalho do treinador italiano Cristiano Bacci, que envia muitos *bacci* [beijinhos] a quem já fazia o funeral ao Boavista. Tem cinco pontos em cinco jornadas e deixou a sensação de que pelo menos em dois jogos poderia ter levado mais qualquer coisa. Talvez o chão possa não ser o limite.

Média de 23 anos

Só nas últimas semanas o Boavista não só teve de assistir à fuga dos dois reforços que tinha – não pôde inscrevê-los, por imposição da FIFA –, como ainda teve dois guarda-redes lesionados no mesmo dia, ambos com lesões graves, e uma lesão em Reisinho, um dos principais jogadores.

Vive, portanto, com a juventude. Mergulhando nos registos do *Transfermarkt*, a média de idades do plantel do Boavista, de 23,3 anos, é das mais baixas já vistas em Portugal.

Nos últimos 30 anos de futebol português – e nem fomos mais para trás –, só houve cinco plantéis mais jovens do que o do Boavista – e por diferenças mínimas. Estamos a falar, reforce-se, de 30 anos de futebol.

O Famalicão de 2023/24 intrometeu-se em duas equipas do Vitória e duas do Sporting neste ranking, todas com idades entre os 22,9 e os 23,2 – praticamente iguais, portanto, a este plantel do Boavista.

No último jogo dos "axadrezados", frente ao Estrela, foram a jogo Tomé Sousa, de 17 anos, Pedro Gomes, de 21, Gonçalo Almeida, de 21. E ainda saíram do banco Augusto Dabó, Joel Silva, Marco Ribeiro, Tiago Machado e João Barros com 20, 21, 19, 20 e 18.

E sorte de Cristiano Bacci ainda ter umas quantas "raposas velhas" para colocar no "onze", porque o cenário poderia ser bem pior. Ou melhor. Depende do ponto de vista. Já lá vamos.

31 processos na FIFA

Este plantel jovem poderia ser fruto de uma ardente convicção do clube, seguro de que o futuro se faz de aposta na formação e não de "pesca" de jogadores aqui e acolá? Sim, até poderia ser. Mas isso seria demasiado romântico – e utópico.

No momento em que este texto é escrito, o portal da FIFA mostra que o clube tem 31 processos de restrição de inscrições aplicados pelo organismo de futebol. Não é um, não são dois, nem são três. Nem 20. São mais de 30 processos que envolvem o clube, por queixas diversas: dívidas a clubes, a jogadores, treinadores, entre outras entidades.

Como em todos os casos do género, o dedo que aponta a culpa dirige-se para trás. Esta direcção culpa a anterior,a anterior culpa a que a precedeu, essa culpa a que veio antes e por aí em diante. Em rigor, este é um problema que se arrasta há anos. O Boavista está há quatro janelas de transferências sem poder inscrever novos jogadores, problema pelo qual já tinha passado há três anos.

Das 31 restrições, 25 foram impostas nos mandatos de Vítor Murta, que controlava a SAD juntamente com o accionista maioritário Gérard Lopez, que recentemente afundou o Bordéus, desprovido administrativamente e em risco de insolvência.

Dívidas são forma de estar

Ser prevaricador já é uma rotina para o Boavista, empurrado para o abismo pelas sucessivas lideranças. O Feyenoord, clube ao qual o Boavista comprou o avançado Bozenik, foi o mais recente credor a colocar os portuenses na berlinda.

Louis Everard, director do sindicato de jogadores dos Países Baixos, ao qual o Feyenoord pediu ajuda, ilustra a imagem do Boavista lá fora. "Um clube com mais de 30 *transfer bans* não é mais do que um clube canalha. Estamos a falar de várias violações no que toca a transacções de jogadores e a FIFA tem de agir em conformidade contra eles", apontou, citado pelo *Zerozero*.

Gonçalo Almeida, advogado e juiz da Câmara de Agentes do Tribunal de Futebol da FIFA, apontou à Lusa, na semana passada, que já se olha para a gestão do clube português como um *modus operandi* habitual e não como uma má gestão pontual.

"Esta é uma forma de estar, não são um ou dois casos isolados. É uma situação absolutamente inadmissível. Percebe-se facilmente que isto é um comportamento reiterado e um *modus operandi* da SAD no que toca aos seus compromissos contratuais", apontou.

E previu sanções mais graves no futuro. "Por ser uma postura recorrente, estou certo de que a FIFA já começou ou começará a curto e médio prazo a impor sanções disciplinares por forma a colocar termo a esta situação. Essa reincidência actua como uma agravante que, em termos das sanções que venham a ser implementadas *a posteriori* pelo comité disciplinar da FIFA, adivinha uma maior gravidade."

A situação do clube é de tal ordem caótica – 30 restrições são um recorde mundial – que o sucesso desportivo, com venda de jogadores, já não parece ser suficiente para uma saída airosa.



Um clube com mais de 30 *transfer bans* não é mais do que um clube canalha. Estamos a falar de várias violações no que toca a transacções de jogadores

Louis Everard
Director do sindicato de jogadores dos Países Baixos

"O principal obstáculo para a resolução desta situação é que, à medida que se vão avolumando os credores, mais difícil se torna chegar a um acordo de pagamento faseado com todos, pois basta um credor não aceitar para que o impedimento se mantenha." "É com algum pessimismo que analiso esta situação, salvo se houver um investimento na SAD para liquidar estas dívidas específicas", detalhou ainda o advogado da FIFA.

Círculo de agonia

Para uns, este problema põe o Boavista à beira do abismo, com uma descida de divisão bastante provável. Para outros, será uma dádiva, já que obriga o clube a abdicar dos camiões de jogadores e de ser barriga de aluguer para os carrosséis de futebolistas de Gérard Lopez.

Vamos, primeiro, ao plano desportivo. Até ver, jogadores como Joel Silva, Pedro Gomes e Gonçalo Almeida já deram boas indicações, mas, em geral, todos os outros miúdos lançados têm conseguido dar conta do recado, mesmo que com maior ou menor exuberância.

Se o Boavista sobreviver no final da temporada, se calhar "valeu a pena" o castigo da FIFA. Se não sobreviver, não valeu.

No plano financeiro, a questão não é assim tão simples. Num cenário ideal, o Boavista consegue vender um destes jovens por um balúrdio, paga as dívidas e recomeça do zero. Mas não é evidente que aconteça.

Primeiro, porque não é assim tão provável que algum destes jovens de repente passe a valer dez ou 20 milhões de euros. Segundo, porque mesmo que algum deles até valha, o clube nunca conseguirá vendê-lo assim tão bem. É a lei mais antiga do mercado: se o vendedor precisa de dinheiro, o comprador explora essa fragilidade.

O Vitória viveu isso há poucas semanas, com a venda de Ricardo Mangas por apenas dois milhões de euros, porque não poderia esperar por uma proposta melhor – e os clubes sabem que não precisariam de oferecer mais, porque o Vitória precisa de dinheiro. E o Boavista também.

De milhão em milhão, mesmo com venda de jovens, não é crível que o Boavista passe, em poucos meses, a ser um clube equilibrado e livre da espingarda apontada pela FIFA.

A melhor solução será mesmo ter uma injecção de capital para pagar as dívidas e recomeçar, mas, nesse cenário, lá voltamos ao problema antigo: quem "queima" dinheiro para pagar dívidas de um clube não o faz por bondade. Vai querer algo em troca e a única coisa que o Boavista tem para oferecer é a própria alma. E dessa, em teoria, o presidente Fary Faye não quer abdicar, até porque poderia ser vender a alma ao diabo, como já fizeram muitos clubes nacionais.

Desporto

Jogadores acentuam pressão para se aliviar o calendário competitivo

Nuno Sousa

Rodri, médio de um dos clubes com mais jogos na agenda, não descarta o cenário de greve. Técnicos juntam-se aos protestos


ADAM VAUGHAN/EPA

Rodri fez 63 jogos em 2023/24

A preocupação não é nova mas está a a atingir um ponto de ruptura. Quantos mais jogos conseguirão aguentar os futebolistas numa só temporada? Com o aumento do volume competitivo, têm crescido as vozes a pedir uma mudança e a pressionarem a FIFA a aliviar a carga que torna os futebolistas cada vez mais vulneráveis a lesões.

Quando, no lançamento do Manchester City-Inter Milão da 1.ª jornada da Champions, perguntaram a Rodri se considerava a hipótese de entrar em greve, a resposta foi esta: "Julgo que estamos próximos disso. Se isto continuar assim, chegará a uma altura em que não teremos outra opção", afirmou o médio espanhol, que em 2023/24 acumulou 63 jogos em 343 dias.

É um cenário que começa a ser cada vez mais comum nos plantéis das maiores equipas. Nesta época, a primeira fase da Liga dos Campeões terá mais dois jogos do que tem sido hábito e, no próximo Verão, o Mundial de clubes passa a contar com 32 equipas – logo, mais jogos, prolongando-se até 13 de Julho.

Um dos últimos relatórios da FIFpro (sindicato internacional de futebolistas profissionais) traça a linha vermelha para cada jogador na baliza entre os 50 e os 60 jogos/época, dependendo da idade. Mas o paradigma do futebol actual, com novas provas e a reformatação das já existentes, tem agravado a preocupação com a sobrecarga.

Peguemos, então, no exemplo do Manchester City para percebermos o que está em causa: em 2024/25, o clube britânico arrisca-se a disputar nada menos do que 76 encontros, distribuídos por Premier League, Taça de Inglaterra, Taça da Liga, Liga dos Campeões, Supertaça inglesa e Mundial de Clubes. Isto sem contar com os jogos que os futebolistas acumularão nas selecções.

A preocupação, naturalmente, não é exclusiva dos futebolistas e o reacendimento do tema motivou comentários de alguns treinadores. De Enzo Maresca, do Chelsea ("Não penso que se esteja a proteger os jogadores") a Pep Guardiola, do City ("O negócio pode prosseguir sem treinadores, directores desportivos, *media*, donos dos clubes, mas não pode continuar sem jogadores").

O belga Vincent Kompany, actual técnico do Bayern Munique, aponta numa direcção em concreto: "A solução que sempre defendi é fixar um limite do número de jogos que os jogadores podem disputar. E fixar um período obrigatório de férias."

Nuri Sahin, homólogo do Borussia Dortmund, acrescenta: "Treinadores como Klopp ou Guardiola têm-se queixado ao longo dos anos. Mas nada mudou até agora. Se os organismos ou os dirigentes não se preocupam com isto, teremos de ser nós a preocupar-nos."

Portugal afasta França e disputa hoje as meias-finais do Mundial de hóquei em patins



Paulo Freitas, seleccionador

A selecção portuguesa de hóquei em patins já sabia que lhe tinha calhado a fava nos quartos-de-final do Mundial 2024. Ao terminar o Grupo A no segundo lugar, viu sair-lhe a França ao caminho e, ontem, em Novara, sentiu as dificuldades que se anteviam frente a um adversário com uma geração de grande qualidade. Ainda assim, Portugal levou a melhor (4-2) e apurou-se para as meias-finais da prova.

Com Zé Miranda novamente no "cinco" inicial, Portugal entrou bem e chegou ao golo aos 5', com uma grande arrancada do jogador mais jovem da convocatória, concluída com um remate a uma mão, de Gonçalo Pinto.

A França, treinada por Nuno Lopes (técnico do Sp. Tomar) e assente no talento dos três irmãos Di Benedetto (Carlo, Roberto e Bruno), conseguiu responder, utilizando essencialmente as transições, os bloqueios para a meia distância e sem correr demasiados riscos. E chegou ao empate aos 15', na recarga de Carlo di Benedetto após uma defesa de Ângelo Girão.

O intervalo chegou com 1-1 e Portugal voltou a entrar bem na partida. Logo aos 3' do segundo tempo, Rafa encontrou espaço para rematar e contou com a ajuda de Chambel na baliza francesa, ao deixar escapar a bola para dentro da baliza (2-1).

E, depois de quatro oportunidades flagrantes, o 3-1 chegou, a seis minutos do fim, por João Rodrigues. Só que a França, mesmo em inferioridade numérica, ainda reduziu, com um golo de ângulo apertado de Carlo di Benedetto, dispondo de três minutos para forçar o empate. Que só não chegou porque um livre directo, a 30 segundos do fim, esbarrou no poste.

Depois, houve ataque de Portugal, tentativa de transição francesa e roubo de bola de Hélder Nunes, que atirou para o 4-2, já com a baliza vazia.

Segue-se a Espanha, adversário da praxe, nas meias-finais do Mundial, já esta tarde (17h30, RTP).

Portugal-Espanha na final feminina

A selecção feminina está também cada vez mais perto do título, depois de ontem ter conseguido o apuramento para a final do Mundial. Em Novara, Portugal derrotou a equipa da casa, a Itália, por 2-0, com golos de Joana Teixeira e Leonor Coelho, e vai hoje (20h, RTP) discutir a final da competição com a Espanha. As espanholas são recordistas de títulos, com um total de sete (a actual detentora do troféu é a Argentina), enquanto a selecção portuguesa estará na final pela quarta vez, sem nenhum troféu.

I Liga

Jornada 6

Nacional-Sp. Braga	**0-3**
Santa Clara-E. Amadora	**14h30, SPTV**
Rio Ave-Estoril	**15h30, SPTV**
Vitória SC-FC Porto	**18h, SPTV**
Moreirense-Famalicão	**20h30, SPTV**
Gil Vicente-Casa Pia	**dom, 15h30, SPTV**
Farense-Arouca	**dom, 18h, SPTV**
Sporting-AVS	**dom, 20h30, SPTV**
Boavista-Benfica	**seg, 20h15, SPTV**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Sporting	5	5	0	0	19-2	15
2 FC Porto	5	4	0	1	9-3	12
3 Vitória SC	5	4	0	1	6-2	12
4 Sp. Braga	6	3	2	1	8-4	11
5 Famalicão	5	3	1	1	8-3	10
6 Benfica	5	3	1	1	9-4	10
7 Santa Clara	5	3	0	2	9-8	9
8 Moreirense	5	2	1	2	8-9	7
9 AVS	5	2	1	2	6-7	7
10 Gil Vicente	5	1	3	1	5-6	6
11 Casa Pia	5	2	0	3	4-7	6
12 Rio Ave	5	2	0	3	3-6	6
13 Boavista	5	1	2	2	3-4	5
14 Estoril	5	1	2	2	2-5	5
15 Nacional	6	1	1	4	4-12	4
16 Arouca	5	1	0	4	2-8	3
17 Estrela Amadora	5	0	2	3	3-8	2
18 Farense	5	0	0	5	2-12	0

Próxima jornada Estoril-Sporting, E. Amadora-Moreirense, FC Porto-Arouca, Casa Pia-Vitória SC, Benfica-Gil Vicente, Famalicão-Nacional, Santa Clara-Boavista, Sp. Braga-Rio Ave, AVS-Farense

II Liga

Jornada 6

Desp. Chaves-Torreense	**28 Set, 11h**
Paços Ferreira-Benfica B	**28 Set, 14h**
Portimonense-Penafiel	**28 Set, 18h**
Tondela-Ac. Viseu	**28 Set, 20h30**
Oliveirense-Feirense	**29 Set, 11h**
FC Porto B-Felgueiras	**29 Set, 11h**
Alverca-Leixões	**29 Set, 14h**
União Leiria-Marítimo	**29 Set, 15h30**
Vizela-Mafra	**30 Set, 18h**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Penafiel	5	3	2	0	12-8	11
2 Ac. Viseu	5	3	1	1	10-4	10
3 Benfica B	5	3	1	1	9-6	10
4 Torreense	5	3	0	2	8-6	9
5 Feirense	5	2	2	1	7-5	8
6 União Leiria	5	2	2	1	6-4	8
7 Leixões	5	2	2	1	6-5	8
8 Tondela	5	1	4	0	11-7	7
9 Vizela	5	2	0	3	5-5	6
10 Alverca	5	1	3	1	5-8	6
11 Portimonense	5	1	2	2	9-9	5
12 Mafra	5	1	2	2	5-7	5
13 Desp. Chaves	5	1	2	2	4-7	5
14 Marítimo	5	1	2	2	7-11	5
15 Felgueiras	5	0	4	1	3-4	4
16 FC Porto B	5	0	4	1	5-7	4
17 Paços Ferreira	5	1	1	3	6-10	4
18 Oliveirense	5	0	2	3	5-10	2

Próxima jornada Torreense-Tondela, Felgueiras-Ac. Viseu, Marítimo-FC Porto B, Oliveirense-P. Ferreira, Feirense-Vizela, Leixões-Portimonense, Penafiel-U. Leiria, Benfica B-Desp. Chaves, Mafra-Alverca

MELHORES MARCADORES

I Liga
8 golos Viktor Gyökeres (Sporting)
4 golos Pedro Gonçalves (Sporting)

II Liga
4 golos Zé Leite (Penafiel), Roberto (Tondela), Paulo Vítor (Portimonense)

BARTOON LUÍS AFONSO



Portugal tem floresta a mais. Ela arde mas não pára de crescer

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares


PAULO PIMENTA

Reparem na sinopse do livro *Quando os Lobos Uivam*, publicado por Aquilino Ribeiro em 1958, e vejam se vos lembra alguma coisa: "Serra dos Milhafres, finais dos anos 40, o Estado Novo resolve impor aos beirões uma nova lei: os terrenos baldios que sempre tinham sido utilizados para bem comunitário e onde essa comunidade retirava parte vital do seu sustento seriam agora expropriados e esses terrenos utilizados para plantar pinheiros. Assim, sem mais nem menos, o Estado chega e diz que, a partir daquele momento, acabou."

Como sabemos, não acabou - foi apenas o início de uma revolução florestal desenhada nos gabinetes dos ministros de Salazar, mas cujas origens remontam ao século XIX, quando os nossos reis com genes alemães sonhavam com as florestas da Baviera, e acharam excelente ideia encharcar cumeadas vazias e encostas escarpadas de pinheiros, sem tomar em linha de conta o clima mediterrânico e os ventos fortes que fizeram maravilhas quando se tratou de empurrar caravelas pelo Atlântico dentro, mas que rapidamente se revelaram dramáticos em épocas de incêndio.

O sonho romântico da monarquia e o impulso civilizador e desenvolvimentista da ditadura desembocaram no Portugal que hoje temos, com a floresta a ocupar uma fatia enorme do território nacional, o que é excelente para a proliferação de javalis, veados e ursos, mas péssimo para as vidas dos portugueses que ainda habitam em aldeias rurais. Aquilo que é extraordinário quando hoje lemos o romance de Aquilino Ribeiro é a forma como ele denuncia a húbris dos engenheiros de Lisboa, que não têm qualquer pudor em revolucionar um ecossistema milenar em nome do progresso económico e da "civilização".

> **Se puderem, invistam meia hora a ler as 20 páginas do segundo capítulo de *Quando os Lobos Uivam***

Se puderem, invistam meia hora a ler as 20 páginas do segundo capítulo de *Quando os Lobos Uivam*, quando o "senhor engenheiro Lisuarte Streit da Fonseca" explica aos representantes das aldeias os prodígios que vão ocorrer com a florestação beirã. Pequeno excerto: "Com o revestimento vegetal dos oiteiros, beneficia o regime hidráulico da região. Minas e fontes de superfície adquirem mais constância no seu fluxo, e os rios e corgos inundarão menos os campos e é possível que não arrastem mais as terras. Não se fala nas vantagens de ordem sanitária e climática que resultam daí. São intuitivas. Por outro lado, dentro de vinte, trinta anos, a região, que é pobre, com o trabalho de pinhal, derrubadas, serrações, gemagem [extracção da resina do pinheiro], transportes e alimpas [limpeza da floresta], terá aqui uma fonte apreciável de receitas e a ocupação certa de muitos braços."

A intenção era boa. Mas cheio de boas intenções está Portugal cheio. Um dos sábios locais ainda responde ao engenheiro Streit que "a serra é serra, não selva", e que as imposições da florestação iriam causar a revolta das populações. Mas é claro: para as mentes mais iluminadas, o desejo de progresso é impossível de saciar. Houve mesmo revoltas na Beira; o livro de Aquilino foi apreendido no início de 1959; e seguiu-se um processo por injúrias às "corporações que exercem a autoridade pública" (uma amnistia encerrou o caso em 1960). A floresta portuguesa, essa, não parou de crescer. Segundo o geógrafo José Rios Fernandes, 7% do território português era ocupado por floresta no século XIX. Hoje é 36%. "Portugal é dos países mais florestados do mundo", diz ele. Os aldeões da serra dos Milhafres estavam certos: substituir erva por árvores revelou-se uma trágica decisão.

Colunista

jmtavares@outlook.com

5 601073 016070 12560